

A ARTE DO TERROR

VOLUME 5

Organizadores
Carlos H. F. Gomes
Fernando Lima



Editorial
Edições

ELEMENTAL EDITORAÇÃO

Apresenta:

A ARTE DO TERROR

VOLUME 5

Edição Digital
Elemental Editoração © 2018

A ARTE DO TERROR

VOLUME 5

Vários Autores

Organizadores:
Carlos H. F. Gomes
Fernando Lima

1ª Edição
ISBN: 9780463081037
Elemental Editoração © 2018

FICHA DO LIVRO

VÁRIOS AUTORES,
A ARTE DO TERROR — VOLUME 5
COPYRIGHT DOS CONTOS © 2018
ISBN: 9780463081037
CAPA: Fernando Lima
IMAGEM DA CAPA: Bmewett
DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO: Elemental Editoração
CRIAÇÃO E FINALIZAÇÃO: Elemental Editoração
REVISÃO: Carlos H. F. Gomes e Henrique Santos
ORGANIZADORES: Carlos H. F. Gomes e Fernando Lima

1. Coletânea 2. Contos 3. Português 4. Volume 5
1. Título 2. Livro Digital 3. Coleção

Todos os direitos sobre esta obra são de exclusividade do selo independente Elemental Editoração, para qualquer tipo de informações ou reproduções sobre a mesma, é necessário a autorização antecipada pelo selo assim como pelos autores participantes deste projeto.

SUMÁRIO

- FICHA DO LIVRO
- APRESENTAÇÃO
- A MÁQUINA FANTASMA
- A REDENTORA DE NAGIRÉV
- DIÁRIO DE UM SOLDADO DESCONHECIDO
- FARDADOS E DECAÍDOS
- DRACUL VA DOMNI DIN NOU
- SEM RETORNO
- O ABRIGO
- ARCANJO
- CAVALEIRO VERMELHO
- OUTRO ANJO EM NAGYRÉV
- DULCE ET DECORUM EST PRO PATRIA MORI
- EFEITO COLATERAL
- A GUERRA DE FORTUNATO
- SOB AS ORDENS DO MONGE LOUCO
- DOCE ALIMENTO
- SENHARA RÁCZ
- O FANTASMA QUE VEM DAS TRINCHEIRAS
- NAS TRINCHEIRAS
- O NAVIO DE NINO
- O FLAUTISTA
- O PORÃO
- O ÚLTIMO PEDAÇO
- PÓS-GUERRA
- REGISTRO DE GUERRA
- PIEDADE
- TERRA DE NINGUÉM
- ROSA DE SANGUE
- POULINE
- TERROR RUSSO
- PUBLICIDADE

APRESENTAÇÃO

Não estávamos aqui em 1.918 e nem sabemos quem esteve. Não, espera... sabemos sim: algumas centenas de milhares de pessoas?

Centenas... e hoje falamos do centenário do fim da **Primeira Guerra Mundial**. Devemos comemorar o fim? O fim de incontáveis humanos e não humanos?

Quantas histórias poderíamos contar sobre a história, pomposamente intitulada de Primeira Guerra Mundial?

Centenas de histórias poderiam ser contadas. Poderiam, se não fossem os inúmeros registros, hoje liberados ao público, que com certa melancolia e total horror, nos demonstra o quão horrendo pode ser o bicho homem.

Mas, e a homenagem? Afinal, cem anos deste acontecimento mundial não pode passar despercebido.

Realmente, como o nome do nosso projeto sugere “**A Arte do Terror**”, o que em alguns países está ligado ao “terrorismo” e não à arte como estamos acostumados. Bem, nosso projeto do Terror não iria ficar de fora desse Horror. Ou seria ao contrário? Contrário nada!

Quando você está em uma trincheira vendo seus amigos sendo massacrados, não dá para escolher entre Terror ou Horror; Medo talvez seja a melhor palavra. Seja enfrentando um monstro mecânico ou enlouquecendo ou derretendo por causa de um gás infernal ou tendo uma puta louca como parteira cuidando de vossas esposas.

Eis que surge “**A Arte do Terror — Volume 5**”.

Nossa homenagem neste volume não é para os soldados que morreram defendendo o desconhecido ou para os países que se dizem vitoriosos ou para as famílias que perderam seus entes queridos. Esta homenagem é tão somente para a maldita comemoração dos 100 anos do fim da Primeira de tantas outras Guerras Mundiais.

Nossos autores, tão artisticamente selecionados, deixam suas visões sobre a história de 100 anos atrás, baseando-se em fatos para comporem seus contos. Cada participante descreveu em suas palavras o que de fato deu origem aos nomes e eventos aqui citados.

Queremos que vocês apreciem os contos com respeito aos acontecimentos, mas que entenda sempre que isso é a verdadeira Arte do Terror.

Fernando Lima
Criador e Organizador

A MÁQUINA FANTASMA

KEVIN S. GOMES

O fim de tarde veio acompanhado de uma fonte fria, e de uma névoa que cobriu todo o horizonte. Na trincheira, soldados feridos por toda parte, resmungos de dor entopem os ouvidos dos combatentes ainda em posição para defendê-la. Borislav sente-se agoniado por passar tanto tempo de pé, cheio de lama — inclusive em suas botas. O soldado segura sua arma, uma browning 1910 que ganhara de seu amigo agora falecido — olhando para ele!

Borislav encara seu amigo morto, jazido na lama e devorado por ratos. Amizade de guerra é assim: um dia vocês fumam um cigarro juntos, enquanto esperam o chamado do dever, no outro dia, talvez repitam isso. Borislav tem medo de perder os dedos dos pés por conta da doença da trincheira, ou pé de trincheira, ou que os ratos devorassem seus dedos. Ele olha um lado e vê seus colegas de trabalho com os pés fodidos, mas ironicamente outros soldados entregaram, mais cedo, cartazes de aviso sobre essa doença.

CARTAZ

“Isso é o pé de trincheira. Previna-se! Mantenha seus pés limpos e secos”.

Sério? Não temos nem aonde cagar, como vamos limpar nossos pés? Pensa Borislav. Decide caminhar um pouco pelo corredor, tem que andar e desviar dos corpos e da ratazana; o fedor é imenso, a cada respirada é como se os brônquios quisessem ser arrancados para não sentir mais aquilo. Borislav ouviu dois soldados cochichando sobre uma lenda que está circulando em todas

as trincheiras: o tanque de guerra fantasma!

Mark I, primeiro modelo de tanque de guerra, robusto, mais alto que um homem, e seu canhão fica na lateral. A lenda conta que esse tanque foi avistado por dezenas de patrulhas nas florestas e bosques da Áustria, os soldados que o seguiram, ou tentaram interagir de alguma forma — para interceptá-lo —, achando ser um tanque do exército inimigo, acabaram por não retornar mais para a base.

— Ei, pessoal, sobre o que estão falando? — Pergunta Borislav.

— O general vai mandar outro grupo para a floresta hoje à noite, na tentativa de eliminar os infantas que estão nos observando nas matas. Os Chucrutes estão apoiados por um tanque, porém sempre que este é visto, desaparece! — Explica o soldado com o rosto sujo de terra. Suas mãos tremulam ao falar, a ponto de quase soltar o rifle.

— Como assim? Que tipos de soldados são esses que escondem um tanque de guerra entre as árvores?

— Eles não o fazem, o tanque é um fantasma! — seus olhos se esbugalham — Hoje a noite mais um grupo vai caminhar para a morte. Daqui da trincheira ninguém nunca o viu, porque é preciso ir até as árvores. — diz o outro soldado.

Borislav permanece conversando com os dois novos companheiros, estes dizem estar com medo, apavorados com a hipótese de ser convocados para ir à floresta. O soldado em questão não acreditou na palavra dos colegas, até debochou, disse que era somente uma lenda tal como todas as outras estórias que os soldados contam, no entanto o diálogo não aparentava que iria durar tanto, já que de uma passagem surge uma forma humana e áspera.

Tão rápido quanto uma ratazana devora um cadáver, um oficial ríspido aparece mediante a neblina que consome a trincheira e o medo dos

combatentes, e este diz:

— Um novo grupo de batedores vai ser formado em instantes, visto que o último grupo não retornou até agora, e nem os outros que foram em seguida. A missão será a mesma: encontrar esconderijo dos Chucrutes, retornar sem que sejam notados, e comunicar o relatado aos oficiais. Aguardem por ordens, em instantes.

— Quero me candidatar, senhor! — Borislav fala em voz alta, olha para os seus parceiros e sorri jovialmente, depois volta a olhar para o oficial; seus parceiros o encaram com muito espanto, chegando a tremer a cabeça, renuentes e trêmulos.

— É muita coragem, soldado. Eu lhe conheço, li seus relatórios, suas últimas missões foram bem executadas, vai ser de grande ajuda neste empreendimento. — o oficial dá as costas e volta para dentro da passagem da qual ele havia passado anteriormente.

Poucos minutos se passaram, a ordem havia sido dada, e mais uma vez um grupo se prepara para ir à floresta. A névoa cedeu um pouco, algo tornou possível enxergar setenta por cento do ambiente, e o brilho da lua se fez presente para ajudar na caminhada. Por sua bravura, Borislav foi congratulado ser os olhos e ouvidos do sargento Milosevic, este faz parte do atual grupo de batedores.

— Todos atentos! Estamos entrando no território inimigo. Mantenham os pés leves e andem agachados. — ordena o Sargento.

Ao se embrenhar na mata, o grupo foi ficando cada vez mais inseguro. Deveriam eles estar preparados para qualquer situação, visto que são soldados em uma grande guerra? Não sabemos, entretanto, continuam a caminhar. Um forte odor adentrou nas narinas dos soldados, causando, no início, um pouco de tontura, logo após todos já estavam mais corajosos. As plantas arbustivas,

pontualmente, são remexidas como se houvesse alguém passando por entre suas folhas.

— Inimigos avistados. — avisa Milosevic.

— A que horas, senhor? — alguém pergunta.

— Todas.

Um tiro passa raspando o braço de um dos homens; todos se afastam e procuram esconderijo em meio ao matagal.

— Alguém ferido? — pergunta Milosevic.

— Não, senhor. — responde o soldado. Uma rajada de tiros foi ouvida, era Borislav.

— O peguei. — disse soldado — Já estava todo acabado, só terminei o que outro havia iniciado.

— Que outro? — questiona o sargento, curioso, pensou que poderiam ter sido os soldados do grupo anterior.

— Não sei, senhor.

O grupo prossegue com a caminhada, ao passo que se embrenham na mata, mais densa ela parece ficar. Tomados por uma coragem anormal, principalmente, o soldado Borislav, que largara o rifle para ficar com sua browning 1910 na mão.

— Estão ouvindo? — indagou um soldado.

O som mecânico veio de além das arbóreas, e se aproximando mais a cada segundo. Rosnando feito um cão furioso — um cão engrenado! A silhueta passa a ficar mais visível à medida que o som se aproxima.

— Meu Deus! — disse outro. Imediatamente, puxou o crucifixo que carregara consigo de dentro da farda.

Derrubando árvores, eis que o grotesco e imponente aparece, como uma máquina vista poucas vezes pelo homem, antes. O Mark I destrói todos os obstáculos pela frente, nada pode impedir, e nada pode Pará-lo!

Todos os soldados abrem fogo, mas é inútil contra um blindado, é como dar socos em um elefante. Rápido demais para o seu tamanho e aparente peso, o tanque de guerra avança sobre os homens, e em movimento, dispara um míssil, este acerta dois homens. Pernas e sangue voam pelo ar; todos continuam disparando bala contra a máquina.

— É o fantasma! É o demônio como máquina! — disse um soldado, e depois foi morto esmagado por não conseguir se mover de tanto medo.

Como se não bastasse à imponência do Mark I, ele mostrou-se mais poderoso ainda: abrisse na parte da frente, mostrando todas as suas engrenagens, uma bocarra, a porta para a morte tortuosa. Aquilo sem dúvidas era incompreensível para aqueles homens que restaram vivos, pois a tecnologia que conheciam não chegara a tal patamar.

— Quais são as ordens, sargento? — Borislav pergunta, seu sangue fica mais quente que a larva do vulcão mais quente.

— Temos uma missão e vamos cumpri-la, soldado. Ou morreremos tentando. — responde com entusiasmo. Borislav ficara entusiasmado também, pronto para lutar, independente do resultado.

Os últimos dois homens, soldados, correm atirando na direção do monstro de metal, suas vidas dependem disso, e nada — nada! — pode pará-los.

FIM

A REDENTORA DE NAGIRÉV

NATÁLIA LOPES

— A senhora precisa tomar essa sopinha, lhe fará bem. Está quentinha e essa criança que carrega em seu ventre precisa ficar forte. Vamos, sim... tome todinha. Isso, só mais um pouco, muito bem. Agora descanse, logo as dores passarão, já não sentirás mais nada.

— O que aconteceu com minha esposa? Porque ela não se move? A senhora viu alguma coisa? Ela... ela está...?

— Morta! Sinto muito... Noemí estava com dores, eu a alimentei e ela resolveu dormir um pouco para descansar. Quando retornei, a encontrei inconsciente.

O marido muito chorou, deitou-se sobre a barriga da esposa e desfez-se em lágrimas pensando na filha que não pôde salvar. Carl deDume havia conseguido liberação da equipe defensiva da guerra que se dava no império Austro-Húngaro, para visitar sua esposa grávida que estava próxima a dar a luz a uma menininha que seria a princesa da família. Lutava para proteger sua esposa, aos cidadãos da Hungria e a si, para ao final da guerra retornar são e salvo para casa em Nagirév e proporcionar um ambiente de paz a sua tão esperada filha. Ao chegar, deparou-se com Noemí já sem vida.

Sua liberação só lhe dava direito a três horas com sua família e em seguida deveria retornar a equipe. Então teve de deixar os trâmites do enterro de sua esposa nas mãos de Margaréta Dorina, a parteira que estava cuidando

dela nesses dias pré-parto. Esta foi indicada pelo prefeito da cidade, também seu primo. Há dias que Noemí não sentia-se bem, sua gravidez era de risco e como Carl foi convocado a integrar os soldados na guerra, aceitou a indicação feita pelo prefeito e amigo da família que relatou todas as qualidades de sua parente já experiente em cuidar de gestantes e em realizar partos. Estava desolado, não podia acreditar que dentre tantas mortes dolorosas que acompanhou, teria de aceitar perder também sua amada senhora. Mas precisava ser forte, guardar a dor no bolso e voltar para a guerra, impedir que mais almas inocentes perdessem a vida. Então partiu deixando sua falecida esposa nas mãos da gentil parteira.

Com ele já fora da casa, Dorina preparou o corpo, vestiu-o adequadamente de branco e o carregou para seu antigo carro. Dentro do velho cemitério havia uma vala, nela entrou com dificuldade devido ao peso da falecida. Colocou seu corpo sobre símbolos demoníacos pintados no chão de terra e cuidadosa e lentamente foi mastigando a barriga de Noemí, abrindo espaço para a retirada do feto. Margaréta Dorina, devota de uma legião de demônios, matava gestantes prestes a darem a luz, para ofertar os fetos aos espíritos demoníacos. Dessa vez não foi diferente, após abrir espaço suficiente, agora com a boca já cheia de sangue da vítima, amarrou os tornozelos do bebê já sem vida e com um facão cortou-lhe os pés e alimentou-se deles, alternando mordidas com orações em ritual. Quando terminou pegou o corpinho da criança, abriu um buraco na terra e enterrou-o. Em seguida fez um pequeno corte em seu pulso e deixou pingar sobre o local de oferta três gotas de seu sangue, cobrindo-o com erva seca de maconha acendeu fogo sobre ele, entregando aos demônios mais uma criança; já o corpo da mãe largou sobre a pilha de corpos deixados às ratazanas.

Essa vala ficava no final do cemitério, debaixo de uma plantação de rosas feita pelo coveiro há muitos anos. Rosas das quais a parteira muito gentilmente ofereceu-se para cuidar. Quando tomou de conta do local, em

uma madrugada cavou acompanhada de seres malignos, uma vala profunda para realizar suas ofertas a eles.

Nela efetuou todas as suas obras sem ser descoberta. Seu primo e prefeito da cidade de Nagirév sempre soube de tudo e acobertou suas ações. Com sua proteção, habitante algum chegou a desconfiar da humilde e gentil parteira assassina.

Nessa cidade havia muitas donas de casa solitárias que acabaram por se envolver com os soldados do império e desprotegidas facilmente engravidavam. Após a terrível morte de Noemí, Margaréta Dorina recebeu mais um chamado de ajuda. Rebeka, uma das cidadãs que tiveram affairs com os combatentes aliados, estava em dores de parto, sua vizinha correu em busca de Dorina, dizendo-lhe que a gestante não possuía quem a ajuda-se e pediu-lhe pelo amor de Deus para que ela mostrasse a luz do mundo ao bebê que Rebeka esperava. Vendo mais uma oportunidade de presentear os espíritos que a regiam, partiu para a casa da próxima vítima.

Chegando ao local deu todo o respaldo necessário a Rebeka, mas disse-lhe que as dores eram alarme falso, que faziam parte do processo de preparo do corpo para um parto saudável e que deveriam aguardar o momento correto para não prejudicarem o bebê. Toda a conversa distraiu a mãe e a vizinha por ela considerada uma pobre ingênua, e as dores de Rebeka foram aliviando naturalmente. Como que por um presente dos céus, Rebeka queixou-se de fome e Dorina agarrou a oportunidade. Disse-lhe que ela precisava alimentar-se de algo forte e saudável, então ofereceu-se para fazer-lhe uma sopa e pediu que a vizinha fizesse companhia a Rebeka enquanto se ausentava dos aposentos para cozinhar.

Já na cozinha, tirou de sua pequena bolsa que sempre carregava a tiracolo, uma folha de cacau dobrada onde colocara uma alta dose de pó de arsênico para acrescentar ao alimento como ingrediente especial e letal. Sua

intenção era matar não só a gestante, mas também a vizinha que requisitou seus serviços, pois caso ficasse viva poderia desconfiar e entregá-la.

Momentos depois voltou ao quarto com duas pequenas tigelas de sopa, pediu que Rebeka sentasse para receber o alimento e gentilmente ofereceu-o também a vizinha, alegando que ela estava a tratar dos assuntos da grávida desde cedo e lhe faria bem comer um pouco. Prontamente a moça aceitou! Dorina saiu do quarto prometendo logo retornar. Quinze minutos mais tarde não ouviu mais nem um barulho vindo da parte interna da casa e foi verificar se seu plano havia ocorrido como esperado. Quando entrou no quarto, viu apenas Rebeka desacordada em cima da cama, com o braço desfalecido próximo ao chão. Já estava morta! Mas a vizinha havia desaparecido. Por onde ela saiu? Por mim não passou, será que... — Pensou. Mas antes de concluir seu pensamento, a mulher antes considerada leiga e ingênua, surgiu por trás prendendo a parteira pelo pescoço e com uma tesoura que pegou na mesa de leitura de Rebeka, atacou Dorina. Sem dó, nem piedade, enfiou a tesoura na garganta da não tão humilde senhora e enquanto girava o objeto diversas vezes em sua jugular, falou: — Pensou que me mataria como fez com Rebeka? A única coisa que lamento foi não ter percebido seu plano a tempo de salvá-la.

A parteira ainda conseguiu balbuciar:

— Mas como...?

— Me pergunto quantas mulheres grávidas você deve ter assassinado, sua velha desgraçada. Qual o teu intuito com estas mortes?

Nesse momento Margaréta Dorina já não tinha forças para se debater e lentamente seu corpo foi perdendo o fôlego de vida.

— Rebeka pediu que eu lhe desse a sopa na boca, pois estava fraca devido as dores, então deixei a minha de lado para alimentá-la. Não foi preciso nem

que ela terminasse o prato, pois com algumas colheradas já começou a passar mal e sua morte foi silenciosa e imediata, não pude impedir, velha maldita. Não sabendo o que fazer, fui lhe procurar para pedir ajuda e ao me aproximar lhe ouvi rezando a sabe-se lá quem, dizendo com muita fé que em breve teria duas mulheres mortas e um presente para oferecer.

Quando a moça terminou de falar, Dorina em seus braços já havia falecido.

No dia seguinte, a notícia da parteira assassina já estava em todos os jornais da pequena e isolada cidade de Nagirév. Os maridos e também os casos das mulheres que foram assassinadas por Margaréta Dorina, mesmo sendo homens fortes e soldados de guerra, se colocaram a chorar e se culpar por não terem percebido o mal que aquela senhora aparentemente inocente, tinha causado as famílias da cidade.

E a vizinha de Rebeka, alegando ter matado por legítima defesa, saiu ilesa da situação, carregando consigo o título de “Sára, a redentora de Nagirév”.

FIM

DIÁRIO DE UM SOLDADO

DESCONHECIDO

AGOSTINO GONZAGA

Não posso sentir a dor nos meus podres pés, deveria me importar?

As chamas cercam a trincheira, mas eu não sinto o calor do fogo.

Depois de tanto tempo, neste oco imundo e úmido cheio de ratos, de esquecimento e de sangue, não consigo pensar claramente.

Na cidade das sombras e do ódio, eles ainda dizem que para tudo existe uma razão... Eu deveria acreditar nessas palavras?

Olho o céu nublado e posso ver as balas e as granadas que voam através do ar, mas não consigo ouvir nenhum barulho.

Olhando o céu eu lembro tudo o que foi... E o que nunca foi...

A guerra me tem tirado longe da minha família e me tem afundado nesta trincheira horrível. Eu sou apenas um número perdido em um papel.

O dia vem com atrasos, mas a noite cai apressadamente e com ela, todos os meus demônios.

As sombras querem me caçar para devorar minha última luz de esperança, que talvez nem mais exista.

Às vezes me pergunto por que ainda continuo fugindo do abraço da morte.

Meu corpo ainda sangra, no entanto não há dor...

Talvez eu já esteja morto. Talvez eu sempre tenha estado morto nesta cidade de sombras, de guerra, de solidão...

FIM

FARDADOS E DECAIDOS

ALEXANDRE S. NASCIMENTO

Os alemães avançavam sobre o território inglês, ninguém era capaz de deter aqueles ensandecidos patriotas. O ano era 1.913 e o soldado Thompson sentia na pele os horrores de uma guerra. Em menos de uma semana de conflito, já havia perdido metade de sua família e quatro amigos de infância. Ele era um homem leal ao seu país e defendia a bandeira inglesa com todas as suas forças. Após levar dois tiros no braço, levaram-no ao hospital de campanha. Mesmo depois de ter perdido muito sangue, ele se levanta e solicita autorização ao Comandante Joseph para retornar ao campo de batalha.

— Eu admiro sua coragem, soldado, mas nesse estado você seria inútil nas trincheiras. Ainda não está recuperado para o combate.

— Senhor, mas eu fui treinado para isso... É o meu dever...

— É uma ordem, soldado!

Thompson não teve outra escolha a não ser aguardar até ser chamado novamente para o combate. Naquela noite, deitado em seu leito desconfortável no hospital improvisado, ele ouvia os tiros ao longe e gemidos de dor dos seus colegas feridos ao seu lado, por isso não conseguia dormir. Perturbado com aqueles sons sinistros em sua mente, ele viu uma Lee Enfeld esquecida por algum companheiro distraído, ou ferido, largada no chão, perto dele e, sem pensar duas vezes, levantou-se sem que ninguém visse, pegou a arma e saiu em direção ao campo de batalha.

— Não vou permitir que esses malditos alemães vençam a guerra, nem

que eu morra! — disse para si, o recruta com o braço esquerdo enfaixado.

Ao entrar na escura e fétida trincheira, Thompson se posicionou e atirou contra o inimigo. Aquela beleza de arma devia ser de algum oficial de patente mais elevada; tinha capacidade de dez tiros sem recarregar e ele nem prestava atenção nas balas que passavam assobiando rente a sua cabeça. Destemido, lutava bravamente em nome da Coroa Britânica, no entanto o que ele viu ali, mudaria sua vida para sempre.

Era um suposto soldado, armado com um revólver, mas com o rosto desfigurado, o olho esquerdo vazado, o queixo torto e parecia rosnar, mostrando dentes pontudos e escuros. Aquela visão fez Thompson perder os sentidos. Mais tarde soube que fora resgatado por seus companheiros e levado de volta ao hospital de campanha.

Quando voltou a si, percebeu que estava amarrado em uma cadeira e o Comandante Joseph olhava para ele, visivelmente contrariado.

— Eu te dei uma ordem, soldado!

— Senhor, peço perdão, mas foi por nossa nação!

— Você é inútil ferido! Não precisamos da insubordinação de soldados teimosos!

— Senhor, eu vi algo de muito errado! Algo que pode estar mudando o rumo da guerra!

— Do que você está falando, garoto?

— Senhor, eu vi um demônio! Tenho certeza de que não se trata somente de uma guerra entre humanos, mas algo muito maior: uma batalha espiritual!

— Você ficou louco, soldado!

— Acredite em mim, Comandante. Eu sei o que vi e não é a toa que os alemães estão ganhando.

Os outros dois soldados que também estavam lá caíram na risada, mas calaram-se após receberem um olhar severo do Comandante que, visivelmente nervoso, ordenou que o soldado Thompson fosse submetido a um tratamento de choque. Ele foi conduzido a uma parte do fronte de guerra que desconhecia e lá, bem amarrado numa maca de ferro, recebeu injeções e choques elétricos pelo corpo, principalmente na cabeça. Quando a sessão parecia ter acabado, mais uma vez sentiu a descarga elétrica na cabeça, fazendo com que tivesse a sensação de ter o cérebro pegando fogo. Com a visão turva, ele avistou um enorme vulto movendo-se para o outro lado da sala e, debilitado como estava, perdeu os sentidos.

Enquanto isso, algo mais assustador do que a guerra acontecia no campo de batalha. Os alemães continuavam vivos mesmo após serem alvejados por muitos tiros e matavam com facilidade os ingleses. Como se não bastasse isso, mordiam com fúria os soldados vivos, arrancando grandes pedaços de carne ensanguentada e morna e banhavam-se à vontade com o sangue inglês.

— Continuem lutando! Matem esses monstros desgraçados! — gritava o Comandante Joseph, correndo de um lado para o outro, até retirar-se da trincheira e correr para o acampamento; ele não admitia, mas estava confuso e morrendo de medo, queria estar o mais longe possível daqueles monstros infernais.

O Comandante Joseph entrou rápido em sua barraca, ele tremia e estava prestes a chorar, quando notou outra presença ali. Sacou sua arma e apontou na direção onde estava um vulto enorme, curvado ao fundo da barraca.

— Saia daí ou eu atiro! — suas pernas tremiam.

O vulto mexeu-se, indo na sua direção; era gigantesco e quase brilhava, emanando uma fraca luminosidade amarelada em torno do seu corpo. Tão diferente dos monstros que acabara de ver no campo de batalha, aquele ser tinha uma aparência que remetia ao divino.

— Que-quem ou o que é-é você?

— Vim para ajudar a vencer esta guerra! — soou a voz forte e impositiva do ser quase luminoso.

— Como saberei se você não é o inimigo também? Eu exijo que você... — antes que o trêmulo Comandante Joseph pudesse terminar a ordem, o misterioso homem apertou o seu pescoço e ergueu-o até que sentisse o pano da barraca encostar-se ao alto de sua cabeça, olhou em seus olhos e falou:

— Não tenho tempo para isso! Preste atenção, você jamais irá derrotar esses soldados com armas humanas! — o Comandante tentou falar algo, mas com o pescoço apertado por aquela mão de pedra, não foi possível. Aquele ser jogou-o de volta ao chão e continuou — Eu vim de muito longe, de um lugar onde poucas almas tem acesso! O que você vê lá fora não são mais os seus inimigos, os alemães; aqueles homens estão mortos há muito tempo e foram possuídos pelos inimigos do Bem. Eles não passam de demônios!

— O-o que disse?

— Anjos decaídos, para facilitar a sua compreensão! Meus irmãos e eu expulsamos muitos seguidores de Lúcifer e eles resolveram declarar guerra contra a humanidade, possuindo um exército forte: os alemães. Então eu fui encarregado de acabar com esses demônios desprezíveis!

— Vo-você é-é um anjo?

— Arcanjo Miguel é o meu nome! — sua voz soou grave e orgulhosa — O soldado Thompson não está louco; ele disse a verdade e agora estou aqui para acabar com a guerra! — o Comandante sentia um misto de medo e esperança — Reúna os seus melhores homens e o soldado Thompson, eu tenho um plano! — vendo que o oficial não tomava uma iniciativa, ele irritou-se — Anda logo seu imbecil! Eu não tenho tempo a perder aqui com vocês!

O soldado Thompson sentia-se debilitado devido ao tratamento de

choque, mas ao ouvir o comunicado do Comandante, sentiu-se mais desperto:

— Eu não posso desfazer os meus erros, garoto, mas posso tentar compensar a sua dor!

— De que forma, senhor?

— Deixando você lutar novamente, mas desta vez não estará sozinho. Acredite, soldado, você terá um anjo da guarda ao seu lado!

— Eu farei tudo pelo meu país, senhor! — o Comandante Joseph sorriu, pois algo lhe dizia que aquele jovem soldado não era qualquer pessoa, ele via muito além do que a maioria.

Após explicar o que estava para acontecer aos soldados selecionados pelo Comandante, Arcanjo Miguel, que se identificou como Comandante de outra tropa, entregou a eles munição de prata, dizendo que eram balas de Deus. Já no campo de batalha, aqueles soldados metiam bala nos alemães possuídos, derrubando-os como moscas. Somente o Arcanjo Miguel e o soldado Thompson conseguiam ver os demônios chamados evanescentes saindo dos cadáveres, desaparecendo para sempre da face da terra.

Aquele ser quase luminoso e gigante nem precisou lutar, apenas observou de longe a bravura daqueles soldados e sentiu um afeto especial pelo soldado Thompson, que quase morreu nas trincheiras. O poderoso ser aproximou-se do jovem, colocou a mão em seu ombro e disse:

— O mal ainda não acabou, rapaz, mas sua missão aqui sim!

— O que eu faço agora senhor?

— Vá viver em paz, porque você merece! Não importa o que acontecerá de agora em diante, pois o seu destino já está traçado e sua alma pertence a Deus.

FIM

DRACUL VA DOMNI DIN NOU

ALISON SILVEIRA MORAIS

Nova Gorica, Eslovênia. 01.01.2018

Atila e István eram os melhores amigos desde a infância, o que se refletiu em suas escolhas quanto ao que queriam ser quando crescessem. Entraram juntos para a Universidade de Nova Gorica e concluíram o curso de História. Tinham vinte e oito anos de idade e muita energia para se aprofundarem no assunto que mais lhes interessava: a Primeira Guerra Mundial. Estavam partindo para o Mestrado no Programa de Estudos Histórico-Culturais Eslovenos.

O interesse em saber o papel da Eslovênia e do Império Austro-Húngaro na Primeira Guerra Mundial fez com que saíssem a campo para obterem algo inédito que pudesse mudar o rumo das descobertas históricas. Programaram uma viagem curta para Kobarid, uma cidade eslovena que fora cenário do conflito entre a união dos exércitos austro-húngaro e alemão em oposição a Itália. A chamada batalha de Caporetto teve início no dia 24 outubro de 1917, durando vinte e cinco dias, até terminar com a derrota dos italianos.

Kobarid. 13.01.2018

István e Atila agendaram entrevistas com alguns dos habitantes daquela cidade. Começaram com a esposa de um ex-combatente e conseguiram com ela uma foto original, de cento e três anos atrás. Depois seguiram para os netos, bisnetos, amigos, conhecidos e, por fim, um bom papo com alguns historiadores e professores de Kobarid.

Após dez dias, trinta e seis pessoas foram entrevistadas, conseguiram muitos documentos, anotações originais, poesias, poemas, fotos legítimas e gravações. Tinha muito material a ser analisado e estavam empolgados. Para concluir, queriam ir ao Monte Grappa e ver com os próprios olhos onde tudo aconteceu.

Monte Grappa. 24.01.2018

Foi uma longa trilha, a vegetação seca e quebradiça dificultava a observação do local, mas encontraram uma parede em ruínas a alguns metros longe deles, onde havia alguns resquícios remanescentes da Guerra, e queriam uma foto do lugar. Porém, havia uma ravina, como que uma rachadura no chão que cortava o campo, impedindo o acesso ao local.

Eles se ajudaram para conseguirem ultrapassar o obstáculo, mas quando chegaram ao fundo, Atila torceu o tornozelo e caiu. István ajudou-o a se levantar e tentando se firmar da melhor forma, apoiou-se em um tijolo que parecia oco. Ficaram intrigados com aquilo e ao bater de leve, ele se quebrou, revelando um pequeno caderno bastante deteriorado pela ação do tempo. Havia poucas páginas e na capa estava escrito: “P.BORIS”.

Voltaram para a cidade animados com a descoberta. Poucas eram as palavras naquele caderno, mas tinham esperança de que enorme seria o impacto delas em suas vidas.

Nova Gorica. 27.01.2018

Atila melhorou bem da torção no tornozelo e foi à casa de seu amigo, encontrando-o atônito, pálido e de olhos arregalados. Subiram a escada até o quarto de István, no andar superior, e o amigo mostrou-lhe o que havia conseguido traduzir do diário até aquele momento; seis dias de fragmentos de anotações que pareciam ser de um combatente da Batalha de Caporetto.

Ele sentou-se e começou a ler:

Karfreid, 11.11.1917

“(trecho ilegível) ...não imaginei encontrar um irmão no meio do inferno.

Hoffman é um alemão que viveu na Romênia; que lugar lindo! É um bom homem, latoeiro aposentado, dono de terras, foi abandonado por sua esposa e parece um homem reto na fé e muito simpático. Estamos lado a lado nas trincheiras há três dias...

Hoje, Zimmerman morreu com um tiro no pescoço... somos o Grupo Borojević, e Svetozar diz que as granadas chegam em breve.

Sinto falta das minhas meninas, Pan e Cătălina.”

P.BORIS 1917

Karfreid. 19.11.1917

“Keller, Baltazar, Brückner, Klein, Aurich, Zergenthal, e Loiu estão mortos, pisamos sobre seus corpos o dia inteiro nas trincheiras (trecho ilegível) agora deve ser madrugada. Estou ainda ao lado de Hoffman, esse inferno o está transformando, não o reconheço mais (trecho ilegível) acho que está louco, me disse estes dias que conhecia magia negra, está perturbado!

Cada dia que passa fica mais difícil acompanhá-lo.

Estou com pústulas horríveis em minhas costas que sangram todos os dias, meu cabelo está caindo, que buraco infernal é esse, meu Deus?

Otimista seria dizer que morrerei hoje enquanto durmo, logo depois de fechar este diário e meus olhos.”

P.BORIS 1917

Karfreid. 21.11.1917

“Hananmann tomou um tiro no abdômen ontem, hoje ele morreu em meus braços. Estava tão magro que parecia feito de algodão (trecho ilegível)

acho que estou perdendo minha cabeça e tendo alucinações! Estou tão cansado, meu Deus! Preciso escrever o que eu vi, porque talvez assim eu perceba o quão fantasioso é e possa restituir o pouco do que sobrou da minha sanidade.

Em uma das linhas de ataque, Hoffman ficou para trás. E eu o vi arregaçando as mangas do uniforme, pegando a faca e cortando seu braço até o punho, vi muito sangue escorrendo. Então ele enterrou o braço no barro, seus olhos viraram e uma fumaça negra começou a sair de sua boca. Foi quando vimos uma enorme explosão do outro lado e mais de dez corpos de nossos inimigos foram arremessados no ar em pedaços (trecho ilegível).

Eu parei de falar com ele.”

P.BORIS 1917

Karfreid. 27.11.1917

“O nosso Comandante nos trouxe granadas de gás tóxico e lançadores para elas.

Vejo há tempos que Hoffman não come, nem dorme, não reclama, não parece sentir frio, não se incomoda com nada e mantém a calma.

Que tipo de monstro é ele? O próprio Diabo?”

P.BORIS 1917

Karfreid. 1917

“DRACUL VA DOMNI DIN NOU”, foi o que Hoffman dizia enquanto atirava bombas de gás nos nossos inimigos. Um tiro acertou a sua cabeça e ele perdeu a máscara de gás, mas continuou atirando como se nada tivesse acontecido! Seus olhos injetados de ódio e seus dentes trincados (trecho ilegível).

O que ele dizia enquanto atirava é: “O INFERNO REINARÁ

NOVAMENTE” em romeno.”

Karfreid

“Os italianos estão recuando.

Svetozar partiu novamente ontem, mas voltou hoje. Ele não deveria ter voltado, Deus me perdoe, mas preferia que todos tivessem morrido antes, para não vermos o que vimos (trecho ilegível) quando ele chegou, ordenou que encontrassem Hoffman o mais rápido possível. Chamou-o de “Béla” e disse que ele estava sendo preso pelo assassinato de vinte e sete pessoas.

O comandante ordenou que Küpper e eu imobilizássemos ele e colocássemos algemas, mas foi tudo rápido demais, e o Inferno abriu-se diante de nós...

Quando olhamos para Hoffman, seus olhos eram de um vermelho brilhante, veias grossas pulsavam em todo seu rosto e braços e com um só movimento, quebrou o pescoço de Küpper. Saí correndo e senti minhas roupas em chamas, estou sentado atrás dessa parede de tijolos, com a certeza de que vou morrer (trecho ilegível) minha pele arde e o corpo dói muito (trecho ilegível) amo muito vocês, Cătălina, Pan, meus pais, colegas de trincheira que morreram aqui e amigos da minha vida, é uma pena terminar isso tudo assim.”

P.BORIS

Nova Gorica. 27.01.2018

Atila devolveu a tradução para István. Ele também estava atônito. Karfreid era como os alemães chamavam Kobarid e Bela Kiss, um assassino húngaro que ficou conhecido como o “vampiro húngaro”. Além de matar vinte e sete mulheres estranguladas, ele guardava seus corpos em barris com álcool. Nunca foi pego, fugiu justamente durante a Primeira Guerra e após ser descoberto, abandonou o campo de batalha e desapareceu. Era perturbador.

Os dois amigos historiadores discutiram o que fariam com a descoberta e decidiram doar o diário para o museu de Kobarid e revelar toda a história no dia seguinte.

28.01.2018

— Alô, Atilla? Aqui é Mona, mãe do István.

— Oi, Mona, há quanto tempo. O que houve?

— Atilla, estou ligando porque aconteceu algo terrível! István está no Hospital!

— Hospital! O que houve?

Com a voz fraca, ela disse:

— Ele está em estado grave. Sofreu queimaduras de segundo e terceiro grau pelo corpo. Houve um incêndio durante a madrugada e seu quarto pegou fogo... e...

— Pegou fogo?

— Todo o quarto veio a baixo, queimou tudo: seus livros, seu computador, suas roupas... Atilla, eu estou desesperada!

— Mona, eu sinto muito! Estou indo para o Hospital agora mesmo.

— Ele estava nu e se jogou pela janela do quarto. Ele fraturou a coluna, Atilla! Não entendo porque ele não saiu pela porta que não estava trancada. Os paramédicos disseram que ele gritava em desespero e segurava com força um pedaço de papel.

— Papel? Você viu se havia algo escrito?

— Sim, era... espera um pouco, deixe eu me lembrar... Acho que era: *“Dracul va domni din nou”*.

FIM

SEM RETORNO

ANA ROSENROT

Fragmento do Diário Pessoal do Soldado Pierre Chevalier

O que escrevo neste caderno amarelado, meu diário improvisado, nunca tive coragem de contar a ninguém.

Fui soldado na Grande Guerra... A guerra para acabar com todas as guerras. Isso era incessantemente repetido em todos os lugares naquela época e nós, tolos estudantes, acreditávamos que era a nossa missão lutar e vencer aquela guerra definitiva, que traria a paz “eterna” para o mundo.

Saí de Louhans, na Borgonha, onde nasci, aos 17 anos, direto para a frente de batalha, carregando uma mochila com roupas e livros que nunca folheei... Nossa partida foi festejada com fogos e muita alegria por nossos familiares e amigos... Se eles soubessem que dos 153 soldados que embarcaram no trem naquele dia de verão em 1914, somente 23 voltariam vivos no final da guerra, tenho certeza de que não teriam perdido tempo comemorando.

A vida nas trincheiras era bem diferente das histórias românticas que os jornais publicavam para acalmar as famílias e garantir o alistamento de novos recrutas, tudo era penoso, confuso, desorganizado e mortal. Nas cidades, a população enfrentava calada a escassez de alimentos e remédios, acreditando que se sacrificavam para garantir o abastecimento das tropas, pois os soldados que lutavam pela nação precisavam estar bem alimentados e saudáveis.

Coitados, se soubessem o que enfrentávamos... Presos nas trincheiras na

companhia dos ratos e dos mortos apodrecendo... Passávamos fome e sede, era muito difícil conseguir que nos trouxessem alimento sob o fogo cerrado do inimigo... Ficávamos felizes quando conseguiam nos jogar um pão mofado ou uma linguiça mordiscada por ratos e suja de terra. Seria impossível reconhecer naqueles jovens cobertos de lama, magros e com diarreia, os estudantes educados e sonhadores que havíamos sido...

Sobrevivi, não sei como, por quase um ano vendo meus amigos morrerem de ferimentos e doenças, avançando e recuando com nossas baionetas, de cidade em cidade, de trincheira em trincheira. Em meio à mórbida monotonia e desnutridos, não pensávamos com clareza, a fome e a morte já faziam parte da nossa rotina diária e parecia que nada poderia mudar aquele cenário... Até aquele dia inesquecível: 22 de abril de 1915...

Meu batalhão estava entrincheirado na planície de Ypres, na fronteira entre a Bélgica e a França. Eram quase cinco horas da tarde quando percebemos uma estranha movimentação na frente de batalha alemã: uma tropa especial tomava a dianteira, um pequeno batalhão com no máximo uns 40 homens, trajando uniforme militar e estranhas máscaras. Notamos que eles não portavam nenhuma arma e estavam lá parados, apenas observando, enquanto outros soldados arrastavam dezenas de enormes cilindros, colocando-os em fileiras.

Como não recebemos nenhuma ordem para atacar, simplesmente ficamos ali, sem sequer imaginar o horror que estávamos prestes a testemunhar.

De repente, o vento começou a mudar de direção, soprando para o nosso lado, e foi então que o inferno começou: os alemães abriram as válvulas dos cilindros e uma nuvem amarelada voou para as nossas trincheiras... Conforme a fumaça amarelada nos envolvia, o pânico e o horror se instalaram... Alguns correram, apavorados e tombaram atingidos pela artilharia inimiga, outros ficaram parados, sem saber o que fazer, enquanto o gás venenoso (Gás Cloro)

os queimava por dentro e por fora, matando-os da forma mais cruel.

Na confusão, eu me arrastava desorientado e via meus companheiros gritando que estavam cegos e alguns apertavam a garganta com as mãos, enquanto sufocavam até a morte... Eles sangravam pelo nariz, boca e olhos... Sem saber o que fazer, continuei me arrastando... Minha cabeça doía tanto que parecia que ia explodir, eu mal conseguia enxergar e meus pulmões ardiam... Mas continuei seguindo, escorregando nos ratos que também tentavam fugir. Fui agarrado várias vezes por meus companheiros em desespero, quase afundados na lama, e tive que me desvencilhar com chutes, eu só queria sair daquele inferno... Até que finalmente cheguei à borda da trincheira e com muito esforço, lancei meu corpo para fora... A última coisa da qual me lembro antes de perder os sentidos é de pedir a Deus que um tiro me acertasse e pusesse fim àquela agonia!

Três dias depois, acordei no hospital da Cruz Vermelha em Trois Quartiers, na França; meus olhos estavam cobertos com ataduras e eu não conseguia me mexer... Só podia ouvir tosses, gritos e gemidos. Temendo estar cego ou mutilado, gritei o mais alto que pude, apesar da dor na garganta e pouco depois, pude ouvir a voz suave de uma enfermeira me dizendo para ficar calmo e explicando que eu estava bem, apesar dos vários ferimentos pelo corpo, que meus olhos haviam sido preservados e que minha cegueira era temporária...

“Você se salvou por milagre!”, disse ela, afagando meus cabelos.

Os meses que passei no hospital foram muito difíceis; haviam tantos feridos e moribundos... Os coitados gritavam por suas mães a noite toda, enquanto vomitavam os pulmões e morriam afogados no próprio sangue. Garotos da minha idade ou até mais jovens, andavam em filas, de mãos dadas, conduzidos como crianças, vítimas da cegueira, os olhos vidrados e brancos, eternamente condenados a escuridão. Atrás do prédio do hospital, os

cadáveres se acumulavam... Eu queria desesperadamente sair daquele lugar de tristeza e morte, mas a ideia de voltar ao front me aterrorizava... Admito que pensei em me matar quando recebi a documentação de alta e as ordens para me juntar novamente ao batalhão, mas para preservar a “honra” da minha família, criei coragem e me apresentei.

Lutei em incontáveis batalhas, ataques, ofensivas e contraofensivas, e os gritos de “Gás! Gás! Gás!”, se tornaram nosso bordão. Apesar das máscaras e dos novos medicamentos criados para tornar aqueles ataques menos ofensivos para nós, milhares dos dois lados morreram por seus efeitos nocivos.

Até hoje, décadas depois, ainda ouço aqueles gritos em meus pesadelos... Testemunhei coisas terríveis até o final da guerra; fui ferido várias vezes, vi tantas pessoas morrerem e também tive que matar sem piedade para continuar vivo, mas acho que nada pode ser comparado aos acontecimentos daquele dia trágico de abril... Fui saber, anos mais tarde, que cerca de cinco mil soldados morreram na batalha de Ypres, alvejados por balas ou envenenados pelo Gás Cloro e outros três mil ficaram feridos, a maioria com sequelas permanentes, dando início a uma guerra química que devastaria a Europa até 1918.

Sempre me disseram que tive sorte por ser um dos únicos garotos da cidade a retornar “ileso” da guerra... Fui recebido com festa, era chamado de herói, ganhei tapinhas nas costas e muita cerveja de graça; só que algo dentro de mim se perdeu... a inocência, a fé na humanidade, sei lá... Percebi, no momento em que tirei para sempre o uniforme de soldado, que não existia mais nada em minha alma e que o garoto jovem e sonhador que partiu naquele trem, estava morto. O homem que o substituiu nunca soube que rumo tomar...

É impossível voltar a viver normalmente depois de tudo o que vi e passei... O inferno não devolve seus condenados... Pensando bem, acho que

nem deveria ter escrito isso porque provavelmente o caderno será jogado no lixo quando eu morrer e meu desabafo não será lido por ninguém...

A guerra é um caminho sem retorno... E eu sempre estarei lá...

FIM

O ABRIGO

ANTONIO STEGUES BATISTA

França- 1916

Movidos por um entusiasmo exagerado, aliado a um patriotismo excessivo, cavamos as trincheiras nos campos de Verdun. Sequer imaginamos morrer ainda jovens. Quando nos alistamos, não nos preocupamos com a morte e sim, em servir à pátria, cumprir com o nosso dever. Nossa missão: impedir que os alemães chegassem à cidade.

As trincheiras foram cavadas em ziguezague, com uma cozinha na parte mais larga e buracos numa encosta, onde podíamos dormir, sem atrapalhar a passagem.

Nos primeiros dias nada aconteceu. Ficamos vigiando o bosque por onde viria o inimigo. Jean-Paul, um colega, amigo, estendido ao meu lado, com o rifle pousado sobre o saco de areia, contava como foi a sua infância numa fazenda em Saint-Dizier, quando foi interrompido pelos bombardeios que começaram. As explosões eram como trovões na distância, anunciando a abertura dos portões do inferno.

Aquilo durou horas. As bombas caíam cada vez mais perto. Ficamos embaixo, no fundo do fosso rezando para que não fossemos atingidos. Uma granada explodiu bem perto e em seguida, algo caiu ao nosso lado. Era o corpo de um soldado, o que restava dele, apenas o tronco chamuscado. Cortado pelo meio, o sangue esguichava das artérias, enquanto ele tremia e

olhava para os lados, como que procurando as pernas. Depois, tombou a cabeça para trás e finalmente morreu. Jean-Paul ficou horrorizado, começou a gritar de olhos esbugalhados. Parecia ter enlouquecido. Ergueu-se e começou a subir o barranco. Tive que segurá-lo pelos pés. O cozinheiro surgiu com uma panela na mão e deu-lhe uma pancada na cabeça. O rapaz desmaiou. O homem olhou-o com desprezo e se afastou.

Quando as explosões finalmente cessaram, o sargento surgiu gritando:

— Subam e se preparem! Eles vão vir agora. Não desperdicem balas.

Peguei meu rifle e me debrucei atrás dos sacos de areia. Como os outros, fiquei olhando para frente com o dedo no gatilho, tentando ver o inimigo. Estava tudo calmo. O sol brilhava sobre a planície esburacada. O bosque havia sumido, só restavam alguns troncos queimados. Depois das bombas, o silêncio parecia machucar os ouvidos. Nada aconteceu o resto da tarde.

Pela manhã, encontrei Jean-Paul sentado no chão, alheio a tudo. Estava catatônico. Subi para o meu posto. Mal me debrucei, senti algo passar rente ao meu ouvido. Achei que era o zumbido de algum inseto e só depois percebi que foi uma bala. O som do disparo soou distante. Em seguida todo mundo começou a atirar. Alguém subiu o barranco e posicionou uma metralhadora Lewis-Enfield ao meu lado. O homem sorriu para mim e logo vi que era um veterano. Estendeu a mão e se apresentou.

— Pierre Arnaud.

Apertei a mão dele, respondendo:

— Michel Vernon.

— Vamos meter balas neles, garoto! — gritou ele e começou a metralhar as posições inimigas. Durante a noite, os alemães haviam avançado e cavado

trincheiras a uns seiscentos metros de onde estávamos. Meus companheiros lançavam gritos de incentivo. Muitos foram mortos, mas também abatemos grande número de alemães naquele dia. Durante a noite, uns ficavam de vigia, enquanto outros dormiam. Na escuridão, pouco se enxergava das trincheiras do inimigo.

Mal o dia nascia, começava o tiroteio. O cheiro dos cadáveres, jogados próximos, empestavam o ar. Não dava para enterra-los, pois se alguém se aventurasse a sair da trincheira, poderia ser abatido. Mesmo à noite, qualquer movimento era motivo de tiroteio. Ninguém queria ser surpreendido por um ataque corpo a corpo.

Pierre gritava muito, xingando os alemães. Não sei se ele era corajoso, ou simplesmente um tolo estouvado, despreocupado com a própria vida. Certa hora ergueu o punho, gritando:

— Não temos medo de vocês, seus filhos de uma vaca!

Mal ele acabou de falar, uma bala atravessou seu crânio, bem no meio dos olhos. Pierre tombou escorregando para o fundo do fosso. Fiquei chocado, olhando o corpo dele, caído de mau jeito lá embaixo.

— Tome o lugar dele, soldado! Não desperdice balas! — gritou o sargento.

Troquei o rifle pela metralhadora e continuei a atirar.

O sargento mantinha os soldados em seus postos, andando de um lado para outro, incentivando, dando ordens. De vez em quando ele subia o barranco e numa dessas subidas, foi alvejado por um *sniper*. Ferido, ele foi atendido pelo médico.

O dia amanheceu nublado e uma chuva torrencial começou a cair. Com o mau tempo, o inimigo deu uma trégua. Vi dois soldados jogando o corpo do sargento para fora da trincheira. Ele não tinha resistido aos ferimentos. A chuva continuou a cair e só parou na manhã seguinte. A trincheira se transformou num lodaçal.

Os dias passaram e os mantimentos acabaram. Começamos a caçar ratos para matar a fome. O cozinheiro os assava no fogão.

Eu estava roendo o osso da perna de um rato, quando alguém gritou do alto da trincheira:

— Gás! Os alemães soltaram gás venenoso!

O aviso veio tarde demais. Alguns soldados ainda dormiam. Muitos procuraram fugir, mas a nuvem parda avançou rapidamente. Fiz o que me haviam recomendado nos treinamentos caso ficasse sem máscara, passei lama pelos braços e pescoço, molhei um pano, coloquei no rosto e me enfiei no buraco de dormir. Ali fiquei, à espera de que o veneno se dissipasse, respirando o mínimo possível. Metido no buraco entre a lama, eu ouvia os gritos de desespero dos colegas. Vi Jean-Paul correndo desorientado. Ele caiu sentado bem na minha frente. Começou a esfregar as mãos sujas de lama no rosto e a pele se desprendeu, sangue saiu pelos olhos, ouvidos e boca. Tentou erguer-se, cambaleou, parecia que sorria, mas logo percebi que eram os lábios dele que haviam se desprendido. Fiquei horrorizado com a cena e me encolhi mais no fundo do abrigo.

Os alemães não tiveram muita sorte com aquela ação; o vento mudou de repente e empurrou o gás para o lado deles. Lá também houve gritos de agonia e morte.

Não sei quantas horas fiquei naquele buraco. Perdi a noção de tempo. Escureceu, os lamentos foram diminuindo e lá pela madrugada imperou o

silêncio. Achei que não havia mais perigo e tirei o pano do rosto. Fora do buraco havia uma claridade leitosa, que imaginei ser a luz da lua. Embora o silêncio sugerisse tranquilidade e segurança, não tive coragem de sair do meu abrigo.

Somente pela manhã, a fome e a sede me obrigaram a sair. Percebi que o gás mortal havia se dissipado e em seu lugar um nevoeiro úmido cobria tudo. Não encontrei comida, apenas água turva num tonel. Saciei a sede e segui andando pela trincheira. Só encontrei soldados mortos, alguns desfigurados pelo gás. O restante havia abandonado o lugar. Subi o barranco e olhei ao redor. Não consegui ver muita coisa por causa da cerração.

Comecei a caminhar com a intenção de me reunir aos colegas na retaguarda. Percebi que estava caminhando no meio de cadáveres. Parei desorientado diante de um cavalo morto e inchado no momento em que descobri que os mortos eram alemães. Eu tinha seguido na direção errada!

De repente surgiram vultos no meio do nevoeiro. Imaginei que era o inimigo. Fiquei em pânico, olhei ao redor a procura de um buraco para me esconder. Ao lado do cadáver de um alemão, estava o seu rifle com baioneta. Peguei a lâmina e abri a barriga do cavalo morto. As tripas rolaram para fora, misturadas ao sangue podre. Não me importei com o fedor. Tirei tudo para fora e me escondi nas entranhas do cavalo. Minha vista nublou. Do lado de fora soaram vozes. Parecia que eu estava vendo monstros através de um véu vermelho. Alguma coisa me agarrou e puxou para fora. Gritei de pavor, caindo num abismo negro.

Acordei num hospital de campanha. Foram colegas de regimento que me resgataram e levaram para lá. Fiquei surpreso ao me ver amarrado à cama.

— Por que estou amarrado?

O médico me olhou, preocupado.

— Não se lembra? Você matou uma enfermeira, abriu a barriga dela, tirou os órgãos para fora e meteu a cabeça lá dentro. O que pretendia fazer, soldado?

FIM

ARCANJO

HENRIQUE DE MICCO

Estávamos em setembro do ano de mil novecentos e quatorze. Não posso me lembrar do dia, mesmo se quisesse. Tinham se passado quase dois meses desde o início da Grande Guerra, e as tropas alemãs colocavam em prática um plano de rápida invasão à nossa amada França, tendo como objetivo atacar Paris com todas as forças.

Costumam dizer por aí que eles não obtiveram êxito devido a resistência Belga, que estava no caminho deles antes que pudessem nos alcançar... ou ainda que foram os Ingleses que nos ajudaram.

O fato é que a força alemã era muito maior do que isso. Esses fatores nunca fariam uma tropa daquele tamanho, como todo aquele poder bélico e químico, bater em retirada. Eram obstinados, os desgraçados, e não largavam o osso nem a pau. O que aconteceu naquele dia não ficou registrado, e os poucos sobreviventes que tentaram levar o ocorrido à público, acabaram trancafiados em manicômios.

Eles botaram a arma secreta em campo quando a batalha alcançou os entornos do rio Marne. O enxame de homens tomados por fúria quase abafava o som dos disparos dos rifles; alguns soldados ingleses, portando baionetas, corriam na direção dos inimigos sem qualquer munição, na tentativa de apunhalar e mandar alguém pro inferno antes da morte certa. Morteiros e granadas explodiam homens e incendiavam árvores. Era comum escorregarmos, acreditando ter pisado em lama, e seguir caminho com entranhas grudadas nas solas das botas. Era comum conversarmos com um

amigo sobre nossas famílias deixadas em casa, e horas depois encontrar sua cabeça separada do corpo, chutada pra lá e pra cá por combatentes apressados.

Primeiro veio a chuva.

Não a chuva que cai do céu. Aviões alemães passaram sobre nós derramando um líquido transparente e de um cheiro forte que eu nunca tinha sentido na vida. Nesse momento, meu berthier carregado pulava nas mãos trêmulas e eu podia ouvir meu coração bater. A primeira coisa que passou pela cabeça de todo mundo, foi a possibilidade de aquilo ser inflamável, e de a próxima movimentação inimiga ser o envio dos incendiários. Foi o que passou pela minha também e, Deus, como eu queria estar certo.

Saído da mata densa, um homem de quase três metros e grossas correntes prendendo os braços ao tronco cambaleava arrastado por uma dúzia de soldados alemães. Todos os combatentes inimigos puxaram cantis dos cintos e os esvaziaram goela abaixo.

— Soltem o arcanjo!

O pouco que eu entendia da língua deles me permitiu entender o berro de um dos homens. Eles soltaram as correntes, e a criatura pareceu farejá-los antes de se voltar contra nós.

Seu corpo era humanoide, com fibras musculares à mostra e braços longos; os olhos haviam sido arrancados e costurados, e uma engenhoca de cobre presa à nuca levava tubos conectados por toda a cabeça. Foi tudo o que eu pude ver até o momento do ataque. Um salto e a coisa estava no meio da nossa defesa, golpeando e matando soldados em uma única braçada. Os tiros sequer atordoavam o monstro; as balas pareciam ser engolidas por sua pele cinzenta, e as granadas nada mais causavam do que desconforto.

Jean, um aliado e amigo, me puxava pelo braço implorando para que eu

batesse em retirada com ele. O terror estampado em seus olhos é uma das coisas das quais eu nunca me esquecerei.

“Vamos, Darlan, vamos embora! Os malditos invocaram o satã!”

Mas eu não pude me mover. O rifle despencou da mão, as pernas falharam e eu caí de joelhos. Jean deve ter fugido, ou morrido, não consigo me lembrar; mas eu fiquei ali, bem ali, só assistindo aquela cena terrível a magnífica. Pude observar que das costas da criatura, o que pareciam ser dois pedaços de ossos lascados e carbonizados emergiam.

“Soltem o arcanjo!”

Gritaram os filhos da puta, e será que ninguém mais ouviu?

A princípio, acreditei ser um mero apelido de combate para aquilo... acreditei ser um supersoldado modificado biologicamente, ou qualquer outra coisa nesse sentido. Qualquer outra coisa possível, ainda que improvável. E o monstro continuava desmembrando homens com as mãos nuas, imparável e indestrutível. O cerco alemão começou a se formar e, àquela altura, não restava outra coisa a não ser aceitar a derrota.

E, quem sabe, matar a minha sede antes de morrer.

Peguei o cantil de um alemão morto e bebi de seu conteúdo com uma satisfação exagerada; a água tinha um gosto estranho, de remédio, mas eu não me importei muito com aquilo. O monstro vinha na minha direção. Como poderia me preocupar com qualquer outra coisa?

Fechei os olhos e, sem me dar conta, me mijei de medo. A temperatura da urina escorrendo entre as pernas me confortou, de certa forma. Os passos daquela coisa, que deveria pesar umas centenas de quilos, retumbavam cada vez mais próximos. Tudo o que eu pude fazer foi me prostrar e pedir a Deus que fosse justo em meu julgamento.

A coisa me farejou.

Um tremor violento sacudiu meu corpo.

A coisa recuou.

O céu, que estava escuro, se abriu lentamente. A luz do sol tocou meu rosto, e eu abri os olhos.

O arcanjo também estava de joelhos, fitando o céu e agonizando, implorando por alguma coisa. Lá no alto, entre as nuvens, eu tenho certeza de que Deus olhava para nós dois. Ouvia nossas súplicas.

A estranheza da situação fez com que todos os soldados, aliados e inimigos, parassem ao nosso redor. Eles observavam, de armas em riste, corações sobressaltados e pernas bambas; eles apenas observavam, com medo de olhar para o céu.

Do alto e de repente, um feixe de luz desceu e acertou o arcanjo no peito. Seu grito ecoou para todos os lados, fazendo árvores vibrarem e animais fugirem para longe. Devia ser um grito muito alto, tão alto quanto a explosão de uma bomba atômica, pois todos os combatentes ao redor caíram sangrando por todos os orifícios imagináveis. Sufocaram até a morte. Sangraram até a morte.

E eu sequer ouvi o grito.

O arcanjo se levantou, agora livre da engenhoca e de asas abertas. Sua pele reluzia, os cabelos balançavam ao vento e as vestes brancas emitiam luz própria. Seus olhos eram penetrantes e demonstravam compaixão; eu sei disso, pois ele me encarou por um breve momento antes de levantar voo e desaparecer na direção da luz.

Eu acho que ele estava voltando para a casa.

Já eu, fiquei ali, chorando, por muito tempo. Chorei tanto que, depois

daquele dia, eu nunca mais derramei uma lágrima sequer durante esses mais de sessenta anos.

Hoje, eu estou velho e as memórias tão fracas quanto o meu corpo, mas esse dia ficou gravado em minha mente como uma marca de ferro em brasa. O dia em que as tropas alemãs foram paradas por um milagre em forma de castigo divino. O dia em que foram derrotados por sua própria e maculada arma de combate.

Sofia tirou a fita velha do aparelho e colocou de volta na mala empoeirada de pertences do avô. A sinceridade na voz e a riqueza de detalhes do relato fizeram com que ela viajasse até o fatídico dia vivido por Darlan.

“Por que o papai nunca me disse nada sobre isso...?”

A menina olhou pela janela do sótão e observou o céu iluminado. Lembrou-se do choro que sempre ouvia em seus pesadelos, e dos pesadelos que tiravam seu pai da cama em algumas noites.

A marca de ferro em brasa continuava viva.

Ardendo.

Ela podia sentir.

FIM

CAVALEIRO VERMELHO

MARCUS VINÍCIUS

Em memória do soldado australiano Cecil John Hazlitt (1897-1993).

Qualquer homem que se alistar para uma guerra sabe do risco que corre. Afastar-se de quem ama. Conhecer companheiros de combate, mas que podem morrer diante dos seus olhos. A qualquer momento. Perder a própria vida. Além disso, tem a questão das sequelas. Se outros além de mim sobreviveram, é certo que os traumas são os demônios que os perseguem. Talvez para o resto de suas vidas.

Me chamo Cecil. Ok, eu sei que é nome de mulher e por isso me chamavam de Jack. Decidi registrar um acontecimento um tanto...incomum e ao mesmo tempo comum. Comum porque o que acontece na guerra? Violência, matança e derramamento de sangue contínuo. Incomum pelo fato do que eu vi. Logo mais você entenderá. Me uni às forças australianas em 27 de fevereiro de 1915, na qual entrei para o 28º Batalhão, um de infantaria do exército australiano. Ele foi criado pela Primeira Força Imperial Australiana, na Primeira Guerra, fazendo parte da 2º Brigada, que estava anexada à 2º Divisão. Quem estava no comando naquela época era o tenente-coronel Herbert Collett. Após o treinamento, o Batalhão embarcou no transporte Ascanius, em 9 de junho de 1915, navegando do porto australiano Fremantle para o Egito, através do Mar Vermelho. Para que isso não pareça mais com um relatório de guerra, partirei para a ação. Em meados de março de 1916, o Batalhão foi transferido para a França, o primeiro das tropas australianas que ia combater em território europeu. No mês seguinte, entramos na linha de

frente em torno de Armentières, uma comuna ao norte da França, auxiliando a “mão direita” da 7ª Brigada. Durante os próximos dois anos e meio, lutei com muitos outros nas trincheiras da Frente Ocidental na Bélgica e na França. Só mais uma coisa: Eu era um “corredor”. Isso mesmo. Um corredor, o que não me descaracterizou de modo algum como soldado. Responsável por enviar mensagens aos soldados, fortalecendo as táticas de guerra nas trincheiras. Os alemães pareciam implacáveis: empregaram bombardeiros de artilharia maciça, de infantaria e arame farpado para nos destruir. Esta é a parte que eu queria chegar. Aqui está o relato do incomum.

Eu corria frequentemente. Às vezes, alguns dos meus companheiros de combate me faziam sinal, a fim de que eu entrasse em alguma trincheira, quando viam tanques alemães prestes a atirar. Mesmo naquele meio turbulento, não era raro eu escutar elogios de outros soldados pelas minhas habilidades em trazer as cartas do comandante sobre o próximo passo a ser dado. Em alguns momentos, durante um vai e vem, algum bombardeio chegava a me atirar para longe, mas nada que tenta tirado minha vida, caso contrário este relato não existiria. Foi durante uma tarde turbulenta que meu comandante me deu uma carta, mas pediu que eu a lesse antes de correr para entregar nas trincheiras. Arregalei meus olhos para o que li e os ergui para meu comandante. “Senhor, tem certeza de que...” “Apenas cumpra a ordem, soldado!” Interrompeu-me o comandante. Como morrer naquele momento não era minha intenção, acatei a ordem e corri em direção às trincheiras. Mais bombardeios e outra novidade: gás venenoso. Cheguei a ver alguns homens tossindo desesperadamente, enquanto tentavam respirar. Outros não tinham tanta resistência e sufocavam rapidamente. Mesmo assim, consegui entregar a mensagem aos outros. Um apelidado de Buk chegou a olhar para mim um tanto que desconfiado depois de ler. “Não está nos traindo, está?” Indagou para mim em voz alta. “De modo algum, Buk!” Protestei em voz alta, ”ordens do comandante!” Completei. Ele chegou a estreitar os olhos para mim, mas por fim consentiu e avisou outros soldados que era hora de lutar de verdade. Aos poucos,

foram saindo. Quanto a mim, tratava de avisar soldados, com expressão incrédula sobre os que saíam, que eram ordens do comandante. Não demorou para que os alemães aceitassem o desafio. Muitos começaram a sair dos tanques e combates sangrentos se iniciaram. Alguns soldados, os quais me aproximei durante o treinamento, pediram para eu me escondesse numa trincheira. Eu ia protestar, mas já tinham ido para o combate. Meus olhos corriam pelo campo de batalha vendo muitos morrendo. Não dava para saber quem era australiano e quem era alemão. Ocasionalmente, eu ouvia o som de aeronaves bombardeando a terra e me abaixava. Até que ouvi o som de um...cavalo? Ergui a cabeça da trincheira. Olhou freneticamente para os lados. Minha imaginação talvez? Depois de alguns segundos, sons de um cavalo trotando. Estreitei mais os olhos, mas foi por pouco tempo, por causa da visão aterradora: um cavalo vermelho, com um homem de armadura prateada e elmo prateado portando uma espada longa. Ele corria entre os soldados. O cavalo relinchava em alguns momentos e empinava no ar. Eu fiquei boquiaberto com aquilo. Estava ficando louco? De onde surgiu aquilo? Num determinado espaço de tempo, ele começou a fazer golpes com a espada, ainda em cima do cavalo. Muitos soldados caíam na mesma hora. Tive de agir. Saí da trincheira e gritei: “Saíam daí!” Gritava balançando as mãos.” Ele vai matá-los! O cavaleiro vai matá-los!” Não demorou para que um soldado viesse na minha direção. Arregalei os olhos pensando que fosse morrer, mas ele ergueu as mãos anunciando que era do batalhão. “ Jack, o que está fazendo?” Indagou-me um soldado com voz familiar. Se chamava Dominic. “Dom! Precisa avisar os soldados do cavaleiro! Ele vai matar todo mundo! Eu tenho que avisar o comandante!” Dominic me encarou sem entender. Olhou para trás e depois de volta para mim. “O que há com você? Não há nenhum cavaleiro ali!” Rebateu Dominic para mim em voz alta. “Fique dentro da trincheira, Jack! Eu te chamarei em breve!” Não tive chance de protestar. Ele já tinha voltado para o combate. Eu tinha que fazer alguma coisa. Escutei novamente o relincho. O cavalo corria novamente por entre os soldados, com aquele soldado sobre ele e empunhando a espada longa acima da cabeça. Eu esfregava os olhos. Não era

minha imaginação. Eu não usava drogas. Não estava sob efeito de bebida alguma. Havia um cavaleiro ali. Quando ele jogou mais soldados pelo ar, ao mesmo tempo em que ocorreram novos bombardeios no local, eu não me contive. Saí correndo, matando soldados como um louco, mas avisando sobre o cavaleiro, até que meu próprio comandante me surpreendeu. “O que está fazendo, soldado?” Gritou o tenente em voz alta. “Que loucura é essa de cavaleiro?” “Ele está matando muitos, senhor” Gritei em resposta. “Temos que...” Gelei coma cena seguinte. Eu não escutava mais a voz do meu superior. E nem mesmo do que acontecia em volta. O cavaleiro vinha na minha direção. O cavalo relinchando. Os olhos eram...fogo. Não conseguia ver o rosto do cavaleiro sobre o animal. Só sabia que tinha de fazer o que melhor sabia: correr. Cheguei a escutar meu comandante gritando meu nome, mas o desespero me dominou. Corria entre corpos e soldados que se matavam, enquanto o cavaleiro vinha no meu encalço. De vez em quando, eu olhava para trás. Ele ainda estava ali. Cheguei a ouvir Dominic me chamar, mas não parei. Não podia. Até que tropecei. Senti a dor agonizante no tornozelo. Mas isso não era o pior. Fiz a burrice de virar-me ajoelhado. Ali vinha o cavaleiro. A espada longa na mão. Chegou a decapitar alguns soldados pelo caminho. Por Deus! Será que ninguém o via? Pensei que minha hora havia chegado. Mais perto de mim, cheguei a sentir o calor do fogo pelos olhos do cavalo. O cavaleiro estava...falando alguma coisa. Mas o quê? Eu não entendia nada daquilo. Um dialeto desconhecido? Quando ergueu a espada para mim desmaiei.

Não participei do restante da guerra. Só me lembro de acordar numa cama em ala hospitalar na Austrália. Se você está lendo este relato é porque com certeza já estou morto, mas o cavaleiro deve estar por aí, anunciando o horror de uma nova guerra.

FIM

OUTRO ANJO EM NAGYRÉV

DAVID LEITE

Baseado no episódio real Angel Makers of Nagyrév

Do alto da colina coberta esparsamente por uma relva fresca, o cabo Adórjan revê o vilarejo que deixou há 4 anos, quando convocado para aquela cruel guerra.

Nagyrév continuava a mesma. Uma bucólica aldeia que transmitia uma paz a Adórjan que ele há muito não sentia. Aquela comunidade de choupanas rústicas estava alheia aos horrores do exterior, do sangue e da pólvora que preenchia os horizontes e das visões macabras que ele precisou encarar como combatente do Estado-maior.

Mas aquilo ficou para trás. Coxeando devido ao ferimento que motivou a dispensa, desce a colina em direção a sua casa. Esperava encontrar sua doce Adelaida em nervosa espera. Havia tempos que não recebia uma carta sua, e também não tinha certeza se aquelas que enviou a alcançaram. Muito se perdia no caminho entre o front e o lar. Cartas e vidas.

As casas continuavam as mesmas, praticamente. Mas o vilarejo parecia mais vazio. Ninguém veio festeja-lo. Ninguém esperava pelo seu retorno. Mas ainda assim, a vila transmitia um silêncio que é novidade. Antes da guerra, os poucos residentes eram rumorosos e animados. Agora, um calar fúnebre.

Recorda-se, então, das poucas notícias que teve no exterior a respeito de sua aldeia. As minguidas missivas de Adelaida no início de sua missão e as raras notícias de jornais citavam a respeito do crescente número de mortes em

sua aldeia. Rumores de abortos criminosos, obituários de mortes incomuns. Isso o preocupou por muito tempo de início, até cessarem as notícias e cartas.

Segue diretamente para sua casa, então. Alguns olhares pelas janelas. Uma senhora que não reconhece, retirando água do poço comum no centro da vila, olha para ele com certo desprezo em o ver uniformizado. Sabia que não era um herói de guerra. Sabia mais do que a velha senhora, pois conhecia seus pecados, coisa que ela só poderia supor. No entanto aquele olhar fuzilante ainda o atingiu.

Reconhece sua cabana de longe. Mesmo com a dor lancinante em sua perna, ainda assim tenta correr até lá. Em meio minuto chega a soleira, e, ansiosamente bate na porta.

— Adelaida! — Ofegante, clama pela esposa — Adelaida! Sou eu, amor, estou de volta!

Depois de alguns golpes na porta decadente de madeira e o som de um movimentar dentro da arruinada cabana, a porta se abre.

— Adórjan... — a voz de Adelaida era angustiada e débil. Como sua figura.

O ânimo do retorno em Adórjan cessa ao vê-la. Repara que sua mulher, antes uma jovem alentada e alegre, agora parecia ter envelhecido dezenas de anos. O castigo desses anos parece ter sido mais severo para ela que para si.

A cabana que construíram não estava, também, em melhores condições. Antes, uma modesta casa, no entanto, arranjada e arejada, agora estava em condições ruins. A porta de madeira caindo, buracos nas telhas, os lenhos apodrecidos.

— O quê...aconteceu, Adelaida? — Atônito, questiona. Sem perceber a ironia de um ex-combatente parecer menos mortificado que aquela que foi deixada na segurança do lar.

— N-nada, meu amor. — Adelaida esboça um sorriso, com sofreguidão — Vamos entrar... Eu vou fazer algo para nós. Deve fazer tempo que não come um goulash de verdade. Vamos?

Adórjan a segue para dentro, ainda espantado. O interior da casa demonstrava o mesmo desleixo do exterior.

Adelaida abraça Adórjan e o beija no rosto enquanto se dirige para o fogão a lenha, onde algo cozia. Adórjan, silencioso, observa sua residência. Tudo era envolto em poeira, ferrugem e pátina. Olha novamente para Adelaida, de costas para ele, na frente do fogão. Suas vestes puídas...

— Adelaida...como você está? — Quase suspirando, Adórjan a interpela

— Estou bem, meu amor. Eu não esperava que você voltasse hoje. Eu não esperava que você voltasse... — A voz de Adelaida sumia enquanto falava.

Adórjan continua, assombrado, seu exame ao redor. Seu olhar, então, se detém em um canto. Atrás de uma das estantes de madeira que mobiliava a casa, uma estrutura desmontada. Arrebentada, na realidade. Um estrado, grades de madeira, uma cabeceira... Um berço tinha sido destruído e jogado ali. O sangue no coração de Adórjan acelera.

— Querida... Você não me enviou mais nenhuma carta por tempos enquanto estive na guerra. — Adórjan reforça o tom da voz ao pronunciar a última palavra, como quisesse demonstrar para a esposa que não a abandonou trivialmente.

— Não, querido. Não encontrei tempo... — no mesmo tom apagado uma desculpa qualquer sai da boca de Adelaida.

— Não teria nada de importante a me contar, teria? — Questiona novamente, um tanto agressivo, agora.

— Não, meu amor. O goulash está quase pronto. — Continua Adelaida.

Aquilo se torna mais e mais insuportável a cada instante. A patente destruição em que se encontrava sua morada, as respostas vagas e distantes de sua esposa, sua extenuação... o berço. Ambos parecem ter muito a dizer um para o outro sobre o que aconteceu em suas vidas nesses anos.

Adelaida se aproxima da mesa com a panela do cozido, servindo o marido primeiro. Adórjan leva algumas colheradas na boca, ainda consternado, mas em silêncio. Ela não poderia evitar aquela conversa para sempre. Adelaida se senta de frente a ele e se serve do caldeirão. Longos minutos se passam com ela olhando, muda, para a sopa em seu prato, sem alimentar-se.

— Adelaida. O berço... — Adórjan, inquisitivo, rompe com o mutismo dos dois.

— Não é nada... — Apenas responde, timidamente.

— Como não é nada? — A voz de Adórjan se altera, ficando cada vez mais irritado.

Adelaida não responde.

— Olha para tudo isso. Quando eu deixei essa casa eu sonhava em voltar para um lugar de conforto, e não encontrar tudo caindo como está... — Adórjan continua.

Adelaida começa a mexer em círculos a sopa em seu prato. Sem responder.

— OLHA PARA VOCÊ! - Adórjan se revolta, segurando o braço da mulher. — O QUE SIGNIFICA ESSE BERÇO?

— NÃO ERA SEU!!! — Adelaida, por fim, grita de volta.

O grito de Adelaida explode em seus ouvidos como uma bomba familiar. Repentinamente, diante de seus olhos tudo começa a se multiplicar, enquanto

um zumbido indefinido crescia depois do retumbar. Adórjan abruptamente se levanta, derrubando a cadeira e tremendo convulsivamente. Suas pernas se enterravam em uma lama recém-surgida e vultos desesperados passavam por ele carregando fuzis. O som de uma porta se abrindo com um rangido...

— Senhora Fazekas... — O som da voz de Adelaida era ouvido à distância. — Eu fiz como pediu... Novamente...

Diante dos olhos de Adórjan surgia novamente a terra de ninguém. Ecoavam bombas, zuniam disparos e o horizonte era tingido de vermelho por um crepúsculo maldito. Os vultos carregando armas gritavam coisas ininteligíveis contra vultos de olhos vermelhos que avançavam ameaçadoramente contra ele.

— Ele nunca entenderia, minha querida. O filho da traição, ou o que fez com a criança. — Uma voz envelhecida soava ao fundo — Ele te abandonaria. Você fez o certo...

O corpo de Adórjan tremia. Continuava o ribombar dos explosivos e o avanço das sombras. Suas pernas presas ao espesso chão. Estremecendo em terror, olha para as pernas que não conseguia mover. Um mar encarnado de puro sangue revolvava debaixo de si. Adórjan tenta se mover, apenas para cair de joelhos no sangue que jorrava em correnteza. Uma nova batalha para se levantar e Adórjan cai ainda mais diante do peso do espesso mar.

— E lembre-se, minha querida, como eu te disse da última vez, não se sinta culpada. Você sabe o que estamos fazendo aqui, não sabe? — A voz trêmula e caquética soa novamente no horizonte.

Adórjan afoga-se cada vez mais. Os vultos assombrosos se aproximam dele enquanto rasteja desesperado. Repentinamente, uma luz branca surge no horizonte. Num estertor asfíxiado, Adórjan estende o braço em sua direção.

— Estamos criando anjos... — A velha voz uma última vez soa no

horizonte. E tudo escurece.

FIM

DULCE ET DECORUM EST PRO PATRIA

MORI

HUMBERTO LIMA

Terça Feira, 25 de Abril de 1916. 18h, Langemarck - Bélgica.

Entre as trincheiras alemãs e francesas uma criatura esquelética e de grande altura, quase pele e osso anda rapidamente de um lado para o outro do campo de batalha, tocando levemente a nuca dos homens que gritam e praguejam nas duas línguas. Imediatamente eles caem atingidos por tiros inimigos ou pelas bombas e morteiros, aos quais ela é aparentemente imune.

A criatura de aparência humana, lembra uma mulher muito alta e ela está claramente em júbilo. Seus olhos amarelos brilham de felicidade.

— Faz tanto tempo... Tanto tempo que não tínhamos batalhas assim... Eu lembro... Sou a última das Valkyrja! Farei meu trabalho até que a poderosa Iðunn me peça para parar!

Dentro das trincheiras franco-argelinas, um soldado está muito doente e andando sem ser percebida entre homens que berram ordens em francês, a criatura nórdica se aproxima. Ela abre um enorme sorriso com seus dentes tortos e toca suavemente a nuca do homem.

Os olhos do soldado francês ficam nublados e ele morre balbuciando algo sobre a beleza da mulher que está a sua frente. A ferida do tiro de fuzil que ele levou no braço gangrenou há alguns dias e ele morre delirando.

Os outros soldados fazem um sinal da cruz e continuam atirando ferozmente contra os alemães que gritam do outro lado da trincheira sem perceber a mulher que tem pelo menos dois metros de altura e deve pesar cinquenta quilos, com os ossos das costelas se sobressaindo na pele fina, passa rodopiando entre eles.

Os toca suavemente e um morteiro cai entre os homens, explodindo-os em pedaços confusos de sangue e dor.

Continua sua dança sinuosa e em milésimos de segundos está ao lado dos alemães onde encontra um espécime realmente valeroso pela cor de sua aura. O acompanha, sentindo seu cheiro coberto de um suor frio. Ele usa toda sua munição e finalmente, cercado e munido apenas com a sua baioneta, começa a matar todos os franceses que se aproximam dele. A Walkyrja morde os lábios rachados se deleitando com o momento, um a um os franceses caem mortos com os golpes de baioneta do furioso alemão.

Os olhos da criatura brilham amarelos e ela vê que o fio que comanda a vida do soldado germânico está prestes a se romper, ela deve leva-lo antes que se perca completamente. Vindo por trás, toca a nuca do homem, que é subitamente fuzilado por seis franceses.

Entre eles está Jacques Le Roux, um jovem soldado francês que se assombra com a visão que aparentemente, só ele enxerga.

— Mas o que Diabos é isso?

Descarrega seu fuzil ante o olhar perplexo dos companheiros. Eles se entreolham preocupados, sabem que a loucura rouba a mente de vários soldados no front.

Subitamente a criatura percebe que foi vista pelo rapaz e se aproxima com o rosto distorcido pelo ódio.

— *Eu sou uma Valkyrja e só o fato de tu me veres já me é desonroso! Quando*

eu vier te levar, o buscarei de frente para que guardes meu rosto em tuas lembranças mais sombrias dentro do infinito na casa das névoas em Hel! Não combaterás nunca por Odin no Valhala!

Jacques se desespera. A desnutrição extrema pelo que passam no front de batalha deve estar fazendo com que tenha essa assustadora visão.

Ele atira mais algumas vezes, mas a criatura apenas se afasta para o lado dos alemães agora.

As horas passam enquanto os gritos, tiros e explosões se intensificam.

Por instinto a Walkyrja sabe quem deve ou não ser colhido e com seus olhos amarelados procura Jacques insistentemente nas trincheiras, entre corpos putrefatos e soldados com sorrisos alucinados nos rostos, com seus fuzis e baionetas nas mãos.

A criatura pálida com os poucos fios de cabelo dourado que tem na cabeça, colados ao redor do crânio disforme sorri de maneira sinistra.

— Rapaz? Onde está? Chegou sua hora!

A criatura o marcou de maneira invisível com sua magia ancestral e vê a aura do jovem francês enquanto toca com suavidade a nuca de um soldado alemão nas trincheiras e imediatamente o soldado marcado para morrer leva um tiro de fuzil caindo ao solo com a cabeça vazada.

A criatura mitológica anda calmamente em direção a sua vítima. Diferente dos outros valorosos soldados, ela mesma vai matá-lo de maneira que ele não alcance nunca o paraíso de Odin, mas sim a desolação do Hel, onde ele andarà a esmo por toda uma eternidade até se esquecer completamente de quem é e da visão que teve da Walkyrja.

Perto dali os alemães abrem um tipo de cilindro com o vento a favor das trincheiras inimigas e uma espessa fumaça toma conta do lugar, junto a

fumaça, como um anjo da morte, vem a criatura abjeta que se diz uma Valkiria. Ele atira com o fuzil atingindo os soldados alemães que correm por trás dela e dessa vez a criatura não se move rapidamente, mas sim caminha placidamente com o sorriso se abrindo em dentes tortos e amarelos. Os olhos dela se estreitam quando Jacques atira com o fuzil diversas vezes contra seu tronco e rosto. Um morteiro atravessa o ar em sua direção, mas com um gesto da criatura o projétil voa para o lado matando outros franceses.

Nesse momento Jacques percebe que ela é a encarnação da própria morte e o quer para si.

Por trás da criatura horrível, Jacques vê a fumaça se aproximando trazida pelo vento. Os franceses não imaginam que ela carrega a morte, pensam que é um estratagema dos alemães sujos para ganharem a batalha obscurecidos com a neblina.

Os olhos amarelos da Walkyrja se aproximam vorazes, mas o vento impulsiona a fumaça tóxica verde acinzentada mais rapidamente.

Seus olhos e garganta começaram a arder imediatamente e quando a criatura mística surge a sua frente, sua visão fica enevoada, a última coisa que vê são os olhos, sinistros e amarelos e as garras da monstra na sua garganta.

Aqueles soldados nunca se esquecerão do grito que se elevou acima de todos os outros. Até os alemães em seu lado da trincheira se assustam, não sabem exatamente o que gritou, mas sabem que aquilo não pode ser humano.

Os soldados franceses começaram a debandar das trincheiras e correm pelos campos de Ypres, os que não morrem, terminam jogados ao chão, espumando pela boca e arranhando olhos e gargantas extremamente inflamados. Dentro das trincheiras convulsionando, ficaram os que não conseguiram escapar das mãos da Walkyrja, que se movem freneticamente elevando-os ao Valhala. Frustrada por não poder matar Jacques com as

próprias mãos, pois de acordo com suas próprias regras ele teria que encará-la para morrer e agora esta cego.

Os sobreviventes saem do campo de batalha em fila indiana, sendo orientados por um soldado que não foi atingido pelo gás clorídrico, entre eles, Jacques Le Roux que balbucia e chora na marcha dos gaseados.

— Foi ela! Isso é obra do demônio!

Meses depois, no Hôpital de Vaugirard de Paris, reencontramos o frágil e alquebrado soldado Jacques seguro por dois enfermeiros enquanto recebe uma visita.

— Não! Por favor! Essa voz! É o demônio... por favor...

Ele delira e chora e o doutor pede que lhe apliquem um poderoso sedativo.

— O que posso lhe dizer mademoiselle... o gás usado pelos abomináveis alemães lhe deixou muito transtornado!

A linda francesinha de cabelos dourados como o trigo em campos de primavera sorri para o médico de maneira doce e triste. Seu rosto é magro e seu nariz é pequeno e bem feito entre os olhos de um azul intenso.

— Ele vai voltar e enxergar, doutor?

O médico a encara por um momento, pesando bem as palavras.

— Mademoiselle! Ele pode voltar a enxergar, mas levarão anos para isso e talvez sua mente nunca mais seja a mesma! Veja que mesmo sedado com morfina ele continua alucinando!

Vendo o rosto consternado, faz uma leve mesura e se afasta da pequena mulher que olha atentamente o soldado com o rosto coberto de queimaduras de gás mostarda. Ela se aproxima e seu rosto humano começa a tremular, mal contendo o que há por baixo.

— Anos? O que são os anos para mim? Tenho todo o tempo para te esperar, Jacques...

Os olhos da jovem brilham amarelados por alguns instantes e o soldado, mesmo sedado, treme.

**Quão doce e honrado é morrer pela pátria!*

FIM

EFEITO COLATERAL

ANDRÉ LUIZ DE MELO

O Soldado perambulava sozinho pelas ruínas de algum vilarejo belga, cujo nome não fazia ideia. O ano era 1915, e o mundo estava mergulhado em Guerra. No dia 22 de abril, os alemães lançaram o primeiro ataque com gases tóxicos entre Langemarck e Ypres. O Soldado estava em uma das trincheiras atingidas.

Ao contrário de alguns companheiros, o gás não lhe causou nenhum efeito imediato, e o superior o considerou apto a continuar com as tropas. O Soldado passou a vestir um sobretudo pesado, luvas de couro, coturno e uma máscara de gás. Uma sinistra máscara de gás... Alguns dias depois, no entanto, começou a sentir o corpo queimar por dentro. Isso o fez ficar para trás e, logo, desmaiar na beira da estrada. Ocultado pela relva, foi esquecido pelos companheiros, que seguiram marchando para a próxima batalha.

Ao acordar, o homem estava perdido. Precisava encontrar sua unidade, mas antes partira em busca de suprimentos no povoado abandonado. Pelo aspecto, o lugar foi bombardeado por algum dirigível alemão. Construções em ruínas, marcas de tiros e sangue seco por toda parte. Nem sinal de algum habitante local.

A roupa de proteção era pesada, desconfortável e quente. Lá dentro, o Soldado estava completamente encharcado de suor, o que embaçava parcialmente as lentes da máscara. O traje limitava seu campo de visão e sua audição, de modo que ele não percebeu que estava sendo observado...

O Soldado sentia suas juntas doerem pelo peso da roupa de proteção, ou

talvez pelo efeito colateral do gás amarelado que esguicharam em seu rosto dias antes. Precisava arranjar comida, mas só depois de um descanso. Então sentou em um bloco de concreto, proveniente de um prédio que desabou. Olhou para cima, vendo através das lentes sujas um céu de tom sépia, estéril, doentio e moribundo.

Imerso nesses pensamentos, o Soldado não percebeu que o inimigo preparava o bote. O homem germânico era enorme, um verdadeiro brutamontes de cabelo loiro e rosto quadrado, com uma feita cicatriz no queixo. Empunhava a faca afiada, ainda suja de sangue. Com uma agilidade e força surpreendentes, o adversário atacou. Mesmo com a roupa de proteção, a lâmina fez um corte feio no braço do Soldado. Ele rolou para o lado, sacando sua própria faca, quando o alemão fez outra investida, gritando qualquer coisa em sua língua natal. Felizmente não era o primeiro inimigo que o Soldado enfrentara corpo a corpo nesses anos de Guerra. Com um movimento rápido — mais rápido do que se poderia supor, tendo em vista a roupa grossa — ele desviou da investida e torceu o braço do alemão, que deixou cair a arma branca.

Talvez fosse um reflexo da lente da máscara, mas o Soldado teve a nítida impressão de que os olhos daquele homem eram vermelhos, com a pupila amarela. Efeito colateral de algum dos gases mortais que seu exército lançara contra os inimigos?

Enquanto pensava, o alemão deu uma cotovelada em suas costelas, soltando o braço preso. O Soldado arqueou, sem fôlego. Havia algo de muito errado com o brutamontes de veias destacadas no pescoço e testa.

O alemão aproveitou a deixa para chutar o rosto do inimigo. Depois socou o peito, usando o punho enorme, que mais parecia uma marreta, forte o bastante para esmagar um crânio de criança sem dificuldade.

O Soldado cambaleou, mas permaneceu de pé. O alemão sorria de forma

insana, gritando uma ou outra palavra incompreensível. Então partiu para cima, como uma locomotiva descontrolada. O Soldado ainda segurava a própria faca quando foi erguido do chão pelo adversário. Com toda a força que pôde reunir naquela circunstância, cravou a lâmina nas costas do brutamente.

O alemão urrou de dor, então arremessou o Soldado no chão, como se fosse um saco de batatas. Depois, o ergueu pela gola do sobretudo e, com um gancho de direita, nocauteou novamente. Ainda com o punhal nas costas, o germânico foi para cima, prendendo-o no chão.

Caído, golfando sangue, com um dos braços feridos, estava a mercê do inimigo, que tentava apertar sua máscara com as mãos. O Soldado tateou na terra, lutando para se manter consciente. No último segundo, vendo aquele sorriso hediondo, o homem sentiu o cabo da outra faca. Com um movimento rápido, usou a lâmina afiada para cortar a garganta parruda do alemão. Sangue por toda parte, o inimigo cambaleou até cair, logo adiante.

O Soldado tentou ficar de pé, mas sentiu sua cabeça rodar, a queimação por dentro. Pela segunda vez naquele dia, desmaiou.

Algun tempo depois (ele não saberia precisar quanto, mas estava quase anoitecendo), o Soldado recobrou os sentidos. Com o corpo dolorido, ficou de pé, observando o cadáver do outro logo adiante, numa poça de sangue, com moscas ao redor.

O homem de máscara deu de ombros e seguiu em frente, para as ruínas do vilarejo. Um vento gélido e constante soprava. Ele precisava encontrar algo para tratar aquele ferimento do braço, e um abrigo seguro. Vasculhou dois antigos prédios, sem encontrar muita coisa de útil, então partiu para o terceiro, uma escola. Claro que o Soldado não tinha como saber disso, simplesmente foi entrando e buscando algo que pudesse ajudá-lo. Depois

procuraria comida, pois ainda estava faminto.

A maioria das salas estava vazia, ou repleta de entulho. Antigas mesas e cadeiras caídas, e muitas marcas de bala. Parecia que o concreto estava prestes a ceder. Definitivamente aquele lugar vira o bastante dos horrores de guerra.

O Soldado encontrou um antigo banheiro. Boxes caídos, um dos vasos sanitários rachados. A pia ainda estava inteira, assim como o espelho — embora ele estivesse meio embaçado pelo tempo.

Abrindo a torneira, quase ficou surpreso quando saiu uma água barreta. Ele molhou um trapo qualquer, e o usou para limpar a lente suja da máscara. Depois cuidaria do braço, agora precisava checar o lugar, talvez fosse seguro passar a noite no prédio.

Mas antes deixou-se apoiar na pia. Não estava se sentindo nada bem. Talvez fosse resultado dos ferimentos da luta, mas parecia vir de dentro. Sentiu um ar frio em sua coluna (estranho, já que o traje era muito, muito quente). Teria sido impressão, ou alguém passou pela visão periférica da máscara? O Soldado virou rápido, mas não encontrou ninguém, apenas seu próprio reflexo no espelho. Erguendo a manga, limpou o corte profundo do braço. Precisaria de alguns pontos ali. Por ora, apenas enrolou um pano no ferimento.

Então ouviu algo, um som que durou menos de um segundo. Totalmente alerta, virou-se rapidamente, ficando de frente para o homem gigantesco, com um corte feio no pescoço, veias saltadas, rosto vermelho pelo ódio. O alemão espumava pela boca, ao tentar uma nova investida. O Soldado foi mais rápido, desviou do golpe e empurrou com força o rosto do outro contra o espelho. Depois, virou o alemão, ficando frente a frente com o inimigo, apertando seu pescoço ferido.

A surpresa pelo feito foi maior que a dor para aquele pobre homem. Então balbuciou qualquer coisa na língua germânica.

Ainda segurando firme, o Soldado levou a outra mão à nuca, soltando a trava da máscara de gás. O alemão parou de lutar contra o aperto sufocante. Estava assustado, se é que isso era possível.

Lentamente, o Soldado retirou a máscara, revelando algo muito bizarro. Ele estava completamente careca, com pele escamosa e uma boca que literalmente ia de orelha a orelha, escancarada em um sorriso hediondo, cheio de dentes afiados. A língua pendia, babosa, da bocarra faminta. Lembrava um tubarão carniceiro.

— *COMERRR* — grunhiu o Soldado, com uma voz animalesca, sem a máscara para abafá-la. O alemão não tinha chances. No momento seguinte o predador atacou, abandonando completamente o que restara de sua natureza humana. Só mais um efeito colateral da Guerra.

FIM

A GUERRA DE FORTUNATO

ALBERTO ARECCHI

Sabia ler e escrever, Fortunato. Seu nome, em italiano, quer dizer “quem tem sorte”. Tinha obtido a licença de escola primária com boas notas e ajudava seu tio, na loja de tecidos, perto da praça da aldeia. Tinha 19 anos em junho. Recebeu um cartão postal. Nunca tinha recebido correio em sua vida. Dando-lhe o papelão colorido, o carteiro disse que tinha de informar a Polícia. "Por quê? Não fiz nada de errado". No dia seguinte Fortunato colocou uma jaqueta, tomou o cartão e foi para a polícia. Disseram-lhe que tinha de sair para o serviço militar, por um par de anos ou mais. A partida estava marcada logo após as férias de Natal. Não devia trazer quase nada com ele, pois para vesti-lo e alimentá-lo pensaria o rei.

Naquele dia, Fortunato se lavou com cuidado, fez um corte de cabelo, penteou-se bem, colocou uma camisa limpa e um par de calças novas e foi para a estação, juntamente com outros jovens. Tomaram um trem para o norte.

Viajavam com o farfalhar das rodas nos trilhos, que os fizeram cair no sono. Demorou quinze horas para chegar. Saíram do trem e foram acompanhados até um quartel. Deram-lhes um pacote com roupas: duas camisas, duas jaquetas, dois pares de calças, dois pares de sapatos, a roupa interior que coçava a pele e tiras de se ligar em torno dos bezerros, e um bonete. Os trajés civis ficaram arrumados na mala. Fortunato tinha-se tornado, de fato, um soldado.

Então veio a semana de "treinamento": explicaram-lhe como devia

saudar os oficiais, como devia correr e marchar, como levar nos ombros a espingarda.

Após o período de formação, Fortunato e seus companheiros foram carregados em uma caravana de caminhões e transportados para "a frente". Lá, foram informados de que estavam lutando para consolidar o território do país. Fortunato imaginava grandes assaltos, bandeiras esvoaçando no vento e cargas de cavalaria, como o professor havia dito na escola.

Chegaram tarde à noite até um quartel frio e úmido. No dia seguinte, alinhados, andaram marchando com mochilas pesadas e mosquetes nos ombros, escoltados por algumas mulas carregadas mais que eles e por policiais armados de ambos lados. Pareciam prisioneiros indo para os trabalhos forçados, mais do que soldados. O caminho subia nas montanhas cobertas de neve. Caminharam fora da floresta no frio, enquanto o sol nascia atrás de um cume cintilante. Continuaram em direção a um penhasco, na neve, até a um cume que parecia dominar o mundo inteiro.

Finalmente, chegaram ao seu destino, no fim do segundo dia. Fortunato conheceu sua estação de guerra: uma trincheira úmida, escavada na rocha pelos soldados do corpo de engenheiros com dinamite e TNT. A trincheira terminava em uma caverna escura, com poucas aberturas que olhavam para o vale distante. Essa seria sua "casa", quem sabe por quanto tempo. Não podiam saber quando a guerra terminaria, nem se um dia voltariam às suas famílias, à casa onde os parentes estavam esperando.

Os dias passavam na chata, monótona celebração de um ritual que era sempre o mesmo. O alarme, exercícios físicos, o café da manhã com água de neve derretida. Turnos de vigia sempre iguais, com o capacete de ferro na cabeça, observando das fendas da longa trincheira o brilho ofuscante do sol na neve gelada. De lá, um dia, poderia chegar o ataque do inimigo.

Os olhos estavam cansados, examinando a paisagem branca que mudava

matizes e tonalidades. A luz ia mudando da manhã à tarde, criando sombras de colinas e depressões que antes não tinha notado. As nuvens voavam rápidas. Às vezes, o ar tornava-se de repente frio e os homens iam se cobrir.

Também as longas noites eram marcados por turnos de vigia. Os soldados enrolaram-se como melhor podiam em grandes capas de pano, agachavam-se perto da fenda e ficavam com grande cuidado para não cair no sono durante o serviço, pois sabiam que se isso acontecesse, e um superior descobri-los, seria pior do que receber um golpe no peito de um atirador inimigo. Rações de cachaça os ajudavam a suportar o frio.

De vez em quando, na escuridão da noite, podia-se ouvir um tiro, ecoando perto ou de longe, pelas geleiras de neve. Um tiro seguido de um milhar de ecos. Parecia então que todas as rochas se queixassem de ser perturbadas na profundidade no sono. Era a hora dos atiradores que perscrutavam linhas inimigas, tentando acertar cada luz, no caso que a sentinela adversária decidisse acender um cigarro e tinha sido tão imprudente quanto para manter aceso o fósforo.

Raramente - mas isso podia acontecer - as noites tornavam-se um tormento para todos. Tudo começava com o crepitar de foguetes traçadores, que parecia os fogos de artifício do Ano Novo, e em seguida o barulho da artilharia. Como um concerto, também as salvas de artilharia iam morrendo no meio da noite. Quem sabia - perguntavam-se os homens - se tivessem atingido um alvo...

Um dia, a sentinela percebeu um movimento. Era como um pouco de neve deslizando. Ele acenou para os outros homens em posição. Nada se movia sobre a extensão congelada. Outro brilho. Chamaram o tenente, que tinha binóculos com lentes poderosas. Ele observou na direção indicada. Finalmente percebeu um pequeno esquadrão de homens, vestidos com macacões brancos, provenientes de linhas inimigas, deslizando

silenciosamente nos campos de neve. O oficial ordenou o estado de alerta máximo, fez preparar os morteiros disponíveis e estimou a distância do tiro. Quando as sombras evanescentes estavam chegando a meio quilômetro de distância, ele ordenou o fogo com armas de longo alcance. Dois assobios surdos e os projéteis foram atingir suas metas. Borrifos de neve, mas também de sangue e corpos rasgados. De repente, o inimigo acabou: não conseguia mais esconder-se, mesmo disfarçado em branco, nem podia disparar com armas de pequeno porte em uma distância ainda notável. O plantel de esquiadores saiu rápido, para tentar chegar a um lugar seguro. O ataque estava frustrado por agora, mas durante todo o dia o nervosismo sacudiu a trincheira.

O departamento de Fortunato era composto por gente do mar e da planície. Eles vieram de lugares diferentes, falavam com diferentes sotaques e gírias. A vida comum tinha-os feito como irmãos, talvez mais do que irmãos de sangue.

Um dia, o comando decidiu lançar um ataque maciço para o topo coberto de neve, no fundo do glaciário, a fortaleza das tropas inimigas. Foi um massacre. Os combatentes dos dois lados lutaram metro a metro nas planícies cobertas de neve, até o último tiro e, em seguida, apunhalando-se com baionetas. O inimigo, no entanto, conseguiu manter o fogo de duas metralhadoras que, a partir de cima, tiraram aos atacantes qualquer chance de sucesso.

Finalmente, o dia da vitória chegou. Durante anos, a tropa não tinha-se mudado a partir dessas rochas. A frente tinha dado um passo para adiante, um passo para trás, mas a guarnição tinha permanecido firme, imóvel. Agora, a mensagem chegou do Comando, dizendo: ganhamos, vamos voltar para casa. Os soldados aplaudiram, bebendo a última cachaça.

Fortunato saiu das trincheiras, no sol do outono. Não parecia real que estava tudo acabado. Fim com a guerra do frio, após a longa espera que os

tinha relegado lá durante anos, longe do resto do mundo. Ele esticou os braços para o sol, como a querer coletar toda a luz, toda a energia, todo o calor que ele podia abraçar.

Não ouviu nada. O golpe foi atirado pelas trincheiras inimigas e atingiu-o apenas na frente. A guerra tinha acabado, mas o atirador ainda não sabia ainda. Uma dúzia de tiros foram disparados ali, na borda, no que até era para ser um dia de paz. O primeiro atingiu Fortunato, mas - como sempre - o estrondo atingiu a trincheira quando o menino já tinha caído. Enquanto seu corpo pairava no ar por centenas de metros, como querendo voar para chegar à aldeia nativa, seus companheiros responderam ao fogo.

Foi assim que terminou a longa espera para Fortunato, que tinha vinte anos de idade, tinha estudado e sabia ler e escrever.

FIM

SOB AS ORDENS DO MONGE LOUCO

HEDJAN C.S.

De pé atrás da cadeira do capitão, Yuri Andropov tremia e não era por causa do frio no gabinete do médico. Ele não temia a morte, nem a guerra; temia a loucura. E, no local onde estava, um sanatório, sentia as entranhas se transformarem em gelatina.

O médico, atrás de sua mesa, olhava os papéis que o capitão Renko trouxera.

— Todo esse aparato não seria melhor usado na frente de batalha protegendo nosso povo, capitão Renko?

O capitão emitiu um som que pareceu um rosnado curto. Andropov começava a admirar o médico. Ele tinha coragem.

— Cinco homens, dois cavalos e um caminhão não fariam diferença. Além disso, o senhor não sabe com quem está lidando.

— Refere-se ao paciente ou ao senhor?

Andropov ouviu as juntas dos dedos do capitão estalarem. Se estivessem no campo de batalha, provavelmente teria levado um soco. Ou um golpe de sabre. As balas eram escassas no exército e as punições com armas brancas, mais comuns.

— Eu tenho minhas ordens, doutor. — o epíteto saiu com desdém — Preciso levar esse homem de volta a São Petersburgo.

O médico foi até a janela. Andropov calculou que ele provavelmente observava o caminhão Russo-Balt que os trouxera, com a grande cruz vermelha pintada nas laterais. Voltou-se. A expressão fria tinha sumido.

— Esse homem não pode ser julgado, nem executado pelo que fez. Eu

gostaria muito de poder...

— Estudá-lo? Como se fosse um bicho? Um animal? — dessa vez foi o capitão quem desferiu o golpe. O rosto do médico ficou vermelho. — Além do mais, execução não está na nossa ordem do dia.

— Por que o Czar se importaria com esse homem?

— Doutor — Renko falou como se explicasse uma coisa simples a uma criança burra — Nossas ordens foram dadas por outro.

O pomo de adão do médico subiu e desceu. Quando falou, foi quase um lamurio:

— Rasputin?

Mesmo sendo o diretor do sanatório um homem da ciência, Andropov conseguia sentir o medo supersticioso que o nome do Monge Louco causava.

— Nós não sabemos tudo, doutor. O senhor tem a ciência, eu as histórias que ouvi sobre seu paciente no campo de batalha. E existem aqueles como Rasputin, graças a Deus poucos, que enxergam além. — o capitão mudou para um tom conspiratório — As coisas que contaram sobre esse seu paciente na batalha de Tannenberg... Rasputin está muito interessado em saber mais sobre os ferimentos que ele sofreu, a maneira como se recuperou... Os cadáveres que ele...

— Bobagens supersticiosas. Um homem é capaz de tudo para sobreviver. Canibalismo é uma delas e deserção é outra.

Andropov ouviu uma risadinha vir do Capitão. Renko se levantou, encerrando a reunião. O doutor entendeu a mensagem. Com as mãos cruzadas atrás das costas, caminhou até um armário e pegou um grande aro de metal de onde pendiam diversas chaves.

— Venham comigo.

No corredor dois guardas armados com rifles esperavam. Seguiram para a enfermaria, o doutor na frente, Andropov e o capitão atrás e os dois soldados fechando o grupo.

O doutor aproximou-se de um enfermeiro grande como um urso e careca

como uma bola de bilhar e deu instruções. O enfermeiro escutou, balançando a cabeça lentamente, por fim, pegou o aro com as chaves.

— Dimitri vai acompanhá-los. — disse o doutor afastando-se sem se despedir.

Caminharam por um corredor estreito. Andropov estremecia a cada grito dado por um paciente. Alguns circulavam pelos corredores, outros estavam sentados no chão contemplando o nada. Quando passaram por uma porta aberta, Andropov atreveu-se a olhar para o interior da cela. Lá dentro um homem encarava uma parede totalmente coberta por um desenho que parecia feito com carvão. Era o rosto de um homem de barba. Um observador desavisado poderia confundi-lo com o rosto de Cristo, mas os olhos de lobo eram os de Rasputin.

Andropov persignou-se. Procurou manter os olhos fixos na nuca raspada a navalha do enfermeiro.

Chegaram a uma velha porta nos fundos do hospital.

— Tivemos de mantê-lo lá embaixo. Alguns pacientes ficavam em pânico só de olhar para ele. E alguns enfermeiros também.

Desceram um lance de escadas e pararam de frente a uma porta de carvalho reforçada. Além da fechadura havia duas trancas de ferrolho tão grossas que pareciam a alavanca de um fuzil *mauser*. O enfermeiro começou a abrir a porta. No mesmo instante, o capitão fez um gesto e os dois soldados se colocaram ao lado do enfermeiro, os fuzis a postos.

A porta aberta revelou um pequeno quarto de chão de terra batida. Uma única lâmpada pendia do teto por um fio. Havia um homem deitado no chão em posição fetal sobre um colchão fino.

— Boris Kozak, — disse o capitão em tom solene e sem entrar no aposento — viemos em nome do Czar.

O enfermeiro não entrou na cela. Colocou-se de lado, liberando a passagem:

— Está sedado, não pode escutar. Demos o suficiente para derrubar um cavalo.

Os soldados entraram na frente, mantendo o homem sob a mira das armas. O capitão os seguiu, abaixou-se e observou o paciente por alguns segundos. Por fim, ordenou aos homens que o levassem. Pegando-o por baixo dos braços, os soldados o arrastaram em direção à porta. O capitão foi atrás, enquanto Andropov entrou rapidamente na sela. Mexeu com a ponta da bota nos lençóis onde o homem estivera deitado. Sentia um prazer mórbido em estar ali, perguntando-se como seria ficar alheio a qualquer coisa, preso no próprio mundo de loucura.

— Disseram que ele é um Vlokoslak¹. — a voz era a do enfermeiro as suas costas, que esperava que ele saísse para fechar a porta. — Foi baleado e não morreu. E bebeu o sangue e comeu pedaços dos outros soldados.

Andropov saiu dali apressado sem olhar para o enfermeiro.

Encontrou o capitão no pátio interno do hospital. Renko conversava com o motorista do Russo-Balt, provavelmente dando instruções sobre o caminho. Não viu o paciente, então deduziu que devia estar na carroceria coberta. Preparava-se para montar seu cavalo, quando o capitão o chamou:

— Cabo Andropov, você irá no caminhão. Tomará notas do que observar no trajeto. Rasputin vai querer saber tudo que acontecer. A viagem até São Petersburgo é longa, talvez só chegemos à noite. Nosso prisioneiro precisa estar bem até lá. Ele guarda segredos que podem ser úteis, segredos de vida e morte.

Andropov escutou o som de passos as suas costas. Girou um pouco a cabeça e viu o motorista se aproximando. Junto com ele, um homem de idade puxava uma ovelha por uma corda grossa. Aproximaram-se da parte de trás do caminhão e, com a ajuda dos soldados e de uma rampa feita com tábuas, colocaram o animal para dentro. O motorista entregou um saco para o idoso, que se afastou com um sorriso onde faltavam vários dentes.

— Anote tudo o que acontecer — repetiu o capitão Renko — O efeito do sedativo vai passar e ele vai acordar com fome.

Enquanto o capitão se aboletava ao lado do motorista e um dos soldados

montava seu cavalo, Andropov sentia as pernas tremerem ao caminhar para o caminhão. Subiu com a ajuda do outro soldado e sentou-se. O paciente acordara. Os olhos brilhavam como os de um gato, contemplando primeiro ele, depois a ovelha. O soldado fez o sinal da cruz.

Andropov estava com seu bloco em mãos. A ambulância começou a se mover e ele pode ver a janela do doutor. Olhou de novo para o homem, que ainda deitado, observava a ovelha como uma cobra olhando um passarinho. O animal emitia sons de lamento.

Teve certeza de que o que veria ali o enlouqueceria para sempre².

FIM

DOCE ALIMENTO

KELLY AMORIM

O sol de meio-dia ardia em seus olhos quando uma mosca pousou em sua bochecha. Ela fazia cócegas ao andar. O homem queria afastá-la dali, mas não podia.

Um líquido escorreu lentamente de sua tez para a pálpebra, da pálpebra para a maçã do rosto, até chegar em seus lábios. A língua estava seca e ressecada, mas o homem conseguiu sentir o sabor. Desde criança ele já gostava de leite com mel, sua mãe oferecia-lhe quando estava ruim da garganta — ou às vezes fingia estar, só para tomar.

Mas mesmo sendo o melhor dos meles daquele continente, produzido pelas melhores abelhas do país vizinho, aquele em particular tinha um gosto metálico, ferroso. Um gosto de misericórdia sarcástica e crueldade.

A mosca também gostava do leite com mel e não se importava em andar pelo rosto do humano de mãos atadas às costas, dentro daquela tina d'água; muito menos se importava com o cheiro dos excrementos que boiavam ao redor. Apenas queria saborear o alimento. Na verdade, ela gostava do sabor que o mel dava ao se misturar às feridas abertas no corpo do homem.

Para a mosca, não havia importância alguma a procedência daquele alimento, desde que servisse a ela. Quem tinha sido aquele homem, se tinha uma família, se ele sentia dor, se tinha cometido algum crime ou se fora pego e colocado naquela situação apenas por ser um jovem Armênio em território Otomano. Pouco importava se o mundo estava em guerra. Ela tinha que se alimentar.

Logo em seguida mais uma colega chegou, atraindo mais uma e outra dúzia de moscas. Uma a uma pousando na testa, olhos, nuca, colo. Suas patinhas encontravam o caminho para entrar no ouvido, nariz e na boca.

Zunindo em harmonia, pouco a pouco as varejeiras sorviam o líquido que se misturava ao suor, ao pus e sangue.

Leite e mel.

FIM

SENHORA RÁCZ

LILIAN S. BASTIDAS

(baseado em uma história real)

É inútil, mas toda vez tento proteger o Hector. Guardadas as devidas proporções, ele é indefeso, chama-me de mãe e faço por merecer. Para descontrair um pouco, chamo aquilo tudo de “Carrossel de Nagyrév”, onde minhas manhãs estão aprisionadas há cerca de dois anos e eu nem sei o motivo. Claro que a analogia levou em conta os sentimentos do menino, caso contrário, a situação só poderia ser comparada a um pesadelo sem saída.

É que a Senhora RácZ não desiste nunca. Todos os dias ela aparece no mesmo horário com sua saia cinza e seus sapatos cheios de neve. Não importa o clima: a neve está lá e não derrete jamais. Suas feições, cuja carranca eu encaro após meses de aproximações sucessivas, sustentam duas luas ocultas pela névoa da maldade, duas retinas claustrofóbicas que capturam almas. Aqueles olhos, então, vasculham a casa à procura do alvo e eis que Hector é sempre encontrado, esteja ele ao lado, dentro ou atrás de qualquer abrigo. Satisfeita, a Senhora RácZ deposita sobre a mesa uma frasqueira de alças esgarçadas e solta um “olá” metálico.

Em momentos assim, o pânico toma conta do meu coração. Mais uma vez ela foi capaz de descobrir Hector debilmente encolhido atrás de mim, agarrando-me as saias, chorando baixinho. “Fique quietinho, Hector! Não fale nada!”

Quando a intrusa vai embora, pego folhas e começo a escrever. É meu jeito de desabafar.

Início:

Não posso dizer que tudo começou neste ou naquele ano. Os fatos tiveram origem em períodos diversos, como se a roda do tempo girasse para todos os lados simultaneamente. Não só o passado recente e o passado longínquo determinaram minha história, como também o futuro parece compor a estranha sinfonia que sou obrigada a ouvir agora.

1986:

Casei-me com o homem da minha vida e tive filhos. Em pouco tempo, conseguimos nos estabilizar e meu maior desejo se transformou em realidade: compramos uma casa maravilhosa e nos mudamos para o sul, onde o inverno acrescentava charme à paisagem, aconchego aos casais e muita utilidade às lareiras! Cercado por vales e bosques, nosso novo lar parecia um sonho que jamais chegaria ao fim.

2005:

Não sei se foi a nevasca daquele ano ou o esvaziamento do nosso ninho que deixou meu marido deprimido. De repente, as crianças cresceram e partiram para a Universidade, abandonando-nos naquele lugar cheio de quartos desocupados. Para fugir da tristeza, Mauro resolveu aprofundar seus conhecimentos em História Geral, dando ênfase à época da Primeira Guerra Mundial. Logo, ele ficou entusiasmado. Bastou que a neve derretesse para que o carteiro nos entregasse uma infinidade de itens bélicos, cuja autenticidade era comprovada por certificados de origem incontestável. Botas usadas pelos combatentes, medalhas brilhantes, fotos raras e até peças de uma metralhadora Lewis passaram a invadir nossa sala. No início, meu marido parecia contente com seus brinquedinhos, porém, com o avanço dos anos,

aquilo começou a me incomodar...

2013:

Vidente. Sensitiva. Médiun.

Pode me chamar como quiser, eu não ligo. O fato é que nem me assustei quando passei a ver um menininho perambulando pela casa. A julgar pelas suas roupas e corte de cabelo, entendi que a coisa toda tinha acontecido há muito tempo. Com paciência, fiquei esperando que ele tomasse a iniciativa e, num determinado dia, o menino resolveu se aproximar:

— Quer ser minha mãe?

Lógico que eu queria! Àquela altura meus filhos moravam no exterior e o Mauro, o tal homem da minha vida, andava muito estranho. Desde nossa última briga por causa da sua coleção agourenta, situação que culminou na mudança de todo o acervo para o porão, ele resolveu trancar seu bom humor junto com aquelas tralhas e se tornou uma pessoa pesada.

2016:

Eu sabia que as presenças do menino e de outros espíritos na casa tinham algum elo com as manias do meu marido, mas não entendi porque as coisas pioraram depois que os artigos de guerra foram guardados no porão. De alguma forma, Mauro dava um jeito de burlar as regras e acabei encontrando debaixo da nossa cama um capacete perfurado por balas. Fiquei compadecida do soldado que havia falecido por causa daqueles tiros e cheguei a me arrepiar com a potência cármica daquele objeto. Coincidência ou não, naquela mesma manhã, a Senhora RácZ descobriu que Hector estava comigo.

2027:

Sonhei que estávamos comemorando o Natal daquele ano. A casa estava cheia de gente (tínhamos netos!) e Mauro parecia feliz. Depois da troca de

presentes, fui até a varanda e encontrei a Senhora RácZ com uma rosa nas mãos. Seus olhos não estavam mais assustadores e acordei sobressaltada.

1918:

O que vou escrever agora foi o Hector quem me contou. Como as revelações foram sussurradas em meus ouvidos em condições praticamente oníricas, tive que checar os dados com o Mauro e descobri que a história a seguir realmente aconteceu. Existem fotos, registros e muitos documentos históricos que confirmam os fatos estarrecedores que ocorreram no vilarejo húngaro de Nagyrév na época da Primeira Guerra Mundial, local em que Hector morou durante seus breves sete anos de vida.

O vilarejo era pobre e ficava às margens do rio Tisza. Depois que os homens foram lutar na guerra, as famílias começaram a passar fome. Com o sofrimento e as condições terríveis de sobrevivência, uma espécie de feitiço ou de loucura coletiva passou a corromper o espírito das esposas de Nagyrév. Com a ajuda da Senhora RácZ, uma parteira que também praticava abortos, as mulheres começaram a se livrar das pessoas consideradas “inconvenientes”. Idosos, enfermos, filhos indesejados e até mesmo os maridos recém-chegados dos campos de batalha foram mortos com arsênico. A Senhora RácZ, que tinha alto grau de liderança entre as moradoras, fornecia o veneno necessário para que os assassinatos fossem cometidos. Quando as autoridades das cidades vizinhas decidiram investigar aquelas mortes, a parteira e suas cúmplices fugiram para a floresta, mas não foram muito longe por causa do inverno rigoroso. Hector, que era órfão e vivia perambulando por ali, acabou encontrando o esconderijo das assassinas e contou tudo aos policiais. As mulheres capturadas foram condenadas à prisão perpétua e a Senhora RácZ foi executada numa manhã de neve.

2018:

Nunca quis saber o que aconteceu com o pequeno órfão. Fome? Doença?

Acidente? Sou incapaz de conversar com ele sobre estes assuntos. A sede de vingança da Senhora Rácz já é um problema grande demais para o pobre Hector.

Até os dias de hoje, sigo em frente nesta estranha batalha do bem contra o mal. Não pensem que considero a parteira de Nagyrév como a única parte má desta história. Não, claro que não! Eu mesma tenho falhas e o Mauro que o diga! E por falar em Mauro, decidi me reaproximar o quanto antes, afinal, tenho que parar de cuidar dos mortos e dar mais atenção aos vivos. Quem sabe aquele sonho futurista sobre ter uma família grande e cheia de netos se transforme em realidade?

E quando estou assim do jeito que estou agora, ou seja, confiante e sem medo, tenho a certeza de que qualificar as possíveis condições de existência em polos como “vida” ou “morte” é apenas um exercício limitado e puramente intelectual.

O que importa é o amor. E se há uma força maligna nisto tudo, não é a Senhora Rácz. É a guerra.

FIM

O FANTASMA QUE VEM DAS TRINCHEIRAS

MARCIA MEDEIROS

Naquela noite a jovem Marie acordou assustada, mais do que de costume, devido às batidas que ouviu na janela do seu quarto. Somente uma pessoa batia daquele jeito, mas estava a 137 km dali, lutando para manter a guerra longe dela. Ele era Jean-Pierre Leloup, seu noivo, tenente do 15º Regimento dos Dragões de Bourdeaux. Um dos primeiros homens a se apresentar ao serviço.

Ela sabia que não podia ser Jean-Pierre. Naquele momento ele estava em Perigueux, enfrentando as tropas alemãs que haviam invadido a França e estavam assolando a região, trazendo morte e desespero no rastro de seus blindados.

As batidas se tornaram mais firmes e insistentes... Toc, toc, toctoc, toc. Sim! Sim! Só podia ser ele. Em muitas outras noites passadas, inclusive naquela antes de sua partida para frente de batalha, Jean-Pierre havia se apresentado a sua janela, batendo daquele jeito. E ela o convidara a entrar e, depois do amor, dormira em seus braços. Sim, só podia ser ele!

Apressada, ela ajeitou os cabelos e correu para a janela abrindo-a de par a par, mas não havia nada nem ninguém ali. Apenas a rua tranquila e silenciosa, a noite fria e estrelada e uma lua sinistramente vermelha que parecia olhar para ela, e amaldiçoá-la.

Uma lua de sangue, como diria sua avó cigana. Uma lua de morte...

O vento frio invadiu o quarto e Marie fechou a janela, sem entender o que acontecia. Voltou lentamente para a cama, mas antes que se deitasse, novamente ouviu aquele som distinto das pancadas na janela.

— Jean-Pierre, - murmurou ela, andando a passos largos até a janela - é você?

A voz que lhe falou era de seu amado, porém ao invés da alegria que lhe abarcava a alma quando o ouvia, apenas uma lâmina gélida de tristeza atravessou seu coração, quando escutou as palavras que lhe chegavam do lado de fora:

— Sim minha querida, sou eu! É meia noite e vim até aqui antes que o sol se levante e nunca mais eu possa entre os vivos caminhar. É meia noite, e vim até aqui antes que o caixão de defunto me envolva para sempre e a terra consuma minha carne. Vim até aqui para me despedir. Voei até você, minha amada, e no caminho passei por árvores cujos galhos mortos tentaram prender meu espírito para impedir-me de chegar até você, passei por regatos cujas águas frescas meus pés nunca mais sentirão.

Vim depressa, querida, o mais depressa que pude! Você tem medo dos mortos, Marie? Tem medo de que eles venham até você declarar o seu amor? Vejo agora que tenho muito pouco tempo. Eles já vêm em meu encalço. São tantos, Marie, são tantos. Todos os homens que matei nesta guerra e em todas as outras que lutei. Eles estão vindo e dançando a dança macabra da morte. Vejo seus uniformes em frangalhos, vejo seus torsos apodrecidos e cobertos de vermes, suas carcaças descarnadas.

Não temos muito tempo, meu amor. Abra a janela e se despeça de mim, Marie, antes que o sol nasça e eu não possa mais caminhar entre os vivos.

Um arrepio percorreu a nuca da jovem, sacudindo seus ombros. Suas

mãos seguraram o trinco de ferro da veneziana e começaram a girá-lo lentamente. Quando ela abriu a janela, diante de si não viu nada. Apenas o mesmo cenário de sempre: a rua tranquila e silenciosa, a noite fria e estrelada e uma lua sinistramente vermelha que parecia olhar para ela, e amaldiçoá-la.

Aquela lua vermelha fez com que Marie se persignasse. Suspirando e pensando em Jean-Pierre, voltou para a cama e as batidas iniciaram logo depois que ela se deitou.

— Marie, - ela ouviu a voz dizendo - abra a janela! Rápido, por favor! Ouço atrás de mim o canto agourento de um bando de mortos e eles vêm mais velozes do que meus passos me trouxeram até aqui. Ouço seus pés cadavéricos quebrando as folhas secas que cobrem o chão da floresta onde está o meu cadáver!

Marie, Marie... Por favor, abra a janela, minha querida. Eu só quero me despedir antes que essas mãos me agarrem e me levem para sempre. Antes que eles me afastem de você eternamente! Você tem medo dos mortos, Marie? Tem medo de que eles venham até você declarar o seu amor?

Um suor frio correu pela testa da jovem e ela estremeceu. Era tudo culpa daquela maldita guerra. A tensão que pairava sobre o ar de Bourdeaux pelo fato de se saber tão perto da frente de batalha; aquela lua vermelha e agourenta que pairava no céu... Tudo aquilo estava acabando com os nervos de Marie.

Ela levantou-se resoluta e foi até a janela, agarrou o trinco firmemente e resolveu abri-la. Tinha certeza de que veria o que já havia visto duas vezes: a rua tranquila e silenciosa, a noite fria e estrelada e aquela lua sinistramente vermelha.

Mas quando a veneziana abriu-se, um novo cenário descortinou-se diante dela. Seu amado Jean-Pierre lhe sorria, mas o sorriso que ele lhe dava não era

terno e acolhedor tal qual ela estava acostumada. O lado esquerdo de seu belo rosto havia sido destruído: o olho sangrento estava pendendo pela face e era possível ver os dentes que restavam na boca pelo buraco aberto onde um dia houvera sua bochecha.

O couro cabeludo havia sido arrancado, revelando seu escalpo e deixando entrever aqui e ali o osso branco do crânio. O braço direito pendia distendido, deslocado do ombro e o uniforme estava sujo de terra, folhas e sangue. Aquele ser grotesco, que um dia fora seu noivo, tentou erguer-se desengonçado, desconjuntado.

Ele estendeu o que restava do braço esquerdo na direção dela.

Marie olhou para seu noivo, horrorizada sem saber o que fazer. Afastou-se cambaleando, enquanto aquele ser que um dia fora Jean-Pierre escalava a janela, como tantas vezes havia feito, entrava e já no chão se arrastava pelo quarto em direção a ela.

— Minha amada, - disse ele - não tema! Vim apenas me despedir antes que o sol nasça e eu não possa mais caminhar entre os vivos! Ah Marie, Marie! Eu tinha tantos planos para nós, mas agora... Ah! Eles estão vindo e são tantos!

Marie fechou os olhos e gritou. Toda a casa alvoroçou-se e a porta do quarto foi aberta por sua mãe, que a viu de pé perto da cama, com os punhos fechados, tremendo e em estado de choque. Ela correu para fechar a janela e depois abraçou a filha, que tentou desvencilhar-se.

— Calma, Marie, - disse a mãe - sou eu! Que houve, filha? Que foi?

— N-a-a-ada, mãe. — gaguejou ela — Foi um pesadelo.

Como explicar o que vira e a mensagem que recebera?

— Volte a dormir filha. Essa guerra está deixando a todos com os nervos

à flor da pele. Mas vai ficar tudo bem...

Marie olhou para sua mãe e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela quis dizer que não. Que não ia. Quis dizer que Jean-Pierre estava morto, mas não conseguiu, apenas o silêncio se fez presente entre as duas e ela foi conduzida pela mãe para a cama.

Exausta, dormiu agitada o restante daquela noite.

Passaram-se sete dias daquela terrível noite onde a lua vermelha agourava no céu. Em Bourdeaux não se tinha muitas notícias da frente de batalha, a não ser que de fato o exército francês havia conseguido rechazar o inimigo de Perigueux. Todos respiraram aliviados e comemoraram a vitória.

Na tarde do oitavo dia após estas alvissareiras novas, um homem uniformizado bateu à porta da casa da família, trazendo na mão uma carta do comandante do 15º Regimento dos Dragões de Bourdeaux. Quando Marie abriu a porta, ele apenas entregou a missiva, bateu continência e retirou-se em silêncio.

Um soluço subiu pela garganta da jovem e explodiu em um grito quando ela leu a mensagem, revelando que Jean-Pierre morrera em combate havia oito dias, na cidade de Perigueux, vítima de uma granada lançada por um soldado alemão.

Em meio aos soluços, ela ouvia em sua mente a voz de seu amado perguntando-lhe: “Você tem medo dos mortos, Marie? Tem medo de que eles venham até você declarar o seu amor?”

FIM

NAS TRINCHEIRAS

C. B. KAIHATSU

Verdun, junho de 1916

Perdoai, Pai... porque eu pequei.

O horror! É o horror! A guerra é de uma bestialidade sem tamanho. Meu tempo está acabando e ninguém vai conhecer minha história. Tampouco o meu crime. Não peço a misericórdia dos homens, apenas a de Deus quando chegar a hora. Deste cenário dantesco, a única lembrança sobre mim será minha placa de identificação, esta será entregue a minha esposa. Meu filho me conhecerá apenas por fotos, por Deus! Eu nem o vi nascer!

Eu vejo o padre, mas ele não pode me ouvir. Sei que o Senhor pode. O sacerdote veio me dar a extrema-unção. Eu sei que o Senhor tudo sabe e tudo vê, contudo, preciso confessar o meu crime, ele me tirou a sanidade, empatia e bondade. Meu nome é Jean-Paul Leclerc, nasci em Grenoble, era primavera, dia 20 de maio de 1893. Perdoai, Pai... porque eu pequei.

Casei-me com Juliette, em 18 de junho de 1915, dois meses depois ela estava grávida. Apesar da guerra que começara em 1914 e nosso país estar inteiramente envolvido, pensamos que passaríamos incólumes por ela.

A morte de um homem foi o estopim. Que nome bonito, não? Estopim. Na verdade, foi a desculpa para o que viria a seguir. O assassinato do arquiduque Francisco Fernando da Áustria-Hungria me trouxe até aqui.

Eu não sei dizer como tudo começou, mas sei que o Império Alemão atacou o exército do meu país com gás clorídrico. Ouvi a história quando fui

convocado, em outubro de 1915. Alguns meses antes, os alemães começaram a usar armas químicas, nós nos embrenhávamos em trincheiras, protegidas por arame farpado, tínhamos armas de fogo, baionetas e minas-terrestres, mas os bastardos tinham esse maldito gás. Uma morte lenta e dolorosa ele provoca. Cega, asfixia, dá náusea e ceifa a vida.

Só fui entender melhor o que os oficiais que serviam a mais tempo me relataram, a primeira vez que vi homens matando e morrendo sem saber o porquê. Sabíamos que eram os inimigos, mas ninguém sabia ao certo o que exatamente estava defendendo. No início, achei nobre dizer que era pela França. Agora sei que é por senhores que nem estão aqui nos vendo morrer.

Eu vejo os olhos dele me fitando e escuto seu grito ensurdecido todos os dias. A morte, talvez seja uma benção para mim. Perdoai, Pai... porque eu pequei.

Senti fome, frio, o sol queimava minha pele, meu corpo era fustigado pela chuva, eu tinha tanta saudade de casa. Não uso isso em minha defesa, sei que meu crime é indefensável, só peço que me julgue com parcimônia. Eu nem sempre fui um monstro, o Senhor sabe.

Eu matei um homem que provavelmente tinha uma esposa, pais, talvez filhos. Eu só disparei a minha arma e ele morreu. Ele aparentava ter mais ou menos a minha idade, era uma das minhas primeiras semanas nas trincheiras e eu o matei. Pouco mais de duas décadas que se foram em minutos. Foi o primeiro de muitos que eu matei. Também vi mortes. No mesmo dia, vi um homem ser atingido ao meu lado. Era um sujeito bonachão de Toulouse, estava sempre de bom-humor, Pierre Dubois. Naquele dia, conversamos enquanto almoçávamos, e agora ele estava morto. Nossos superiores o tinham como um pária, ele só era um homem bom. Acho que o mais decente entre nós. Eu ainda não era o monstro que me tornei. Perdoai, Pai... porque eu pequei!

Nas trincheiras, era seguro ao seu modo, mas entre as trincheiras, nas

“terras de ninguém”, era onde via a maioria de meus companheiros morrer. Os nossos e os inimigos minavam o território entre trincheiras, vi inúmeros corpos destroçados pela explosão.

“*Mutter!*”, esse grito ainda ecoa na minha mente.

A hora da partida se aproxima, vou confessar o meu maior crime. Eu não tinha uma visão plena, só atirei. Ele gritou “*Mutter!*”, eu não sabia o que aquela palavra significava, depois me disseram que significava “mãe” em alemão. Ele morreu chamando pela mãe. Quando cheguei perto vi que não era um homem, mas sim uma criança. Eu matei uma criança inocente!

Isso me mudou profundamente, maculou a minha alma. Eu fechava os olhos e via os olhos daquele garoto, a partir daquele dia, nunca mais tive sonhos, só pesadelos e em todos ouvia a voz dele, um grito que nem parecia humano, sofrido. Uma única palavra: “*Mutter*”. Perdoai, pai... porque eu pequei.

Em todo homem que eu matava eu via o rosto daquele menino. Minha sanidade era consumida dia após dia. Tornei-me um homem vil, o soldado mais impiedoso da minha tropa. Em pouco tempo, recebi a alcunha de Cavaleiro do Apocalipse. Matava mais que todos, sentia prazer em matar. A cada dia ficava mais violento e repulsivo, notava o olhar de desprezo de soldados mais nobres que eu, se é que há nobreza na guerra, contudo, eu era o que mais trazia desonra ao meu batalhão. Eu não me importava. E de qualquer modo, eu era necessário, então todos me toleravam. Para cada soldado do outro lado que eu matava, era uma chance a mais de sobreviver.

A fama de minha sanha assassina me trouxe até Verdun. Fui mandado para cá depois que uma ofensiva alemã provocou muitas baixas francesas. Em breve serei mais uma dessas baixas.

Mirei os olhos do soldado que me atingiu. Pareciam iguais aos da criança

que assassinei. Trouxeram-me aqui para receber cuidados médicos. Sei que vou morrer, eles também sabem, por isso o padre.

Peço perdão pelos meus pecados. Perdoai, Pai... porque eu pequei.

A vida está se esvaindo do meu ser. *Mutter!*

Uma voz gutural ecoa pelo ambiente, o medo me paralisa:

“Jean-Paul Leclerc, seja bem-vindo! Há muito esperava sua alma no inferno!”.

FIM

O NAVIO DE NINO

ALBERTO ARECCHI

Nino tinha nascido em uma cidade litorânea da Calábria. Não fora uma sorte, a de nascer em dezembro de 1895, sendo o filho primogênito. Poucos meses antes de ele completar vinte anos, a Itália declarou guerra aos impérios europeus. Um dia, Nino recebeu um cartão postal colorido com a inscrição “Precetto” e encontrou-se alistado na Marinha. Um destino normal, óbvio, já que crescera desde a infância em contato íntimo com o elemento da água.

Ele nunca havia recebido correspondência antes em sua vida. Ao entregar o cartão colorido, o carteiro lhe disse que ele tinha que se apresentar aos Carabinieri. “Por quê? Eu não fiz nada de errado”. De qualquer forma, no dia seguinte, Nino vestiu uma jaqueta, pegou o cartão postal e foi até a estação dos gendarmes. Disseram-lhe que tinha que sair para o serviço militar. O país estava em guerra e precisava dele. Não devia levar quase nada com ele, pois para vesti-lo e alimentá-lo teria pensado o rei.

No dia da partida lavou-se cuidadosamente, cortou o cabelo, penteou-se bem, vestiu uma camisa limpa e um par de calças novas e foi até à delegacia, junto com outros jovens como ele. Foram enviados a Táranto, para o centro de treinamento. Viajaram de trem, com o ruído rítmico das rodas e articulações entre os trilhos que os fazia adormecer. Demorou quase dez horas para chegar ao seu destino. Saíram do trem e foram acompanhados até um quartel. Deram-lhes um pacote com suas roupas: duas camisas, duas jaquetas, duas calças, dois pares de sapatos, a calcinha que rasgava a pele e o boné, que sempre tinham que usar na cabeça, quando estavam ao ar livre. As roupas

civis ficaram guardadas na mala. Nino tornou-se, para todos os efeitos, um soldado, um marinheiro do Reino.

Depois vieram as semanas que se chamavam “treinamento”: explicaram-lhe como saudar o superior, ensinaram a correr, a marchar, a carregar no ombro a arma, que era chamada de mosquete.

Com apenas vinte anos, o jovem marinheiro se viu a bordo de um navio de passageiros dos caminhos-de-ferro, renomeado pomposamente como “cruzador leve” e usado para transportar refugiados e tropas de ambos os lados do Canal de Ótranto. Como em um jogo de ganso, as principais figuras da Sérvia (família real, ministros e outras pessoas importantes) foram levadas do outro lado do mar, enquanto os soldados britânicos foram abordados em Bríndisi para ir lutar na frente de uma guerra de outros. Os marinheiros italianos transferiam fuzileiros britânicos para Albânia, então para lutar para a Sérvia, contra os croatas e húngaros, em nome de um rei que já havia-se refugiado na Itália... Tudo, em suma, combatendo uma guerra para a qual eles não tinham sentimento nenhum. Mistérios e milagres da guerra moderna!

Na manhã do sábado, 8 de janeiro, sob um vento forte, o navio devia embarcar em um batalhão de soldados britânicos, destinados a desembarcar em Vlora e seguir para a frente. A travessia levava de sete a oito horas, dependendo do vento e dos desvios necessários para evitar os campos minados. Um mês antes, um submarino austríaco havia reforçado os obstáculos, disseminando novos artefatos explosivos naquela parte do mar.

Naquela manhã, parecia a Nino que aqueles que conhecia dedicassem-lhe uma atenção especial: um sorriso, um olhar, um gesto, um pequeno cavalo relinchando anexado ao carrinho, na esquina da rua... O mundo parecia abrir-se, na luz da manhã fresca e ventosa.

A equipe de Nino tinha a tarefa de colocar a bordo uma companhia de soldados britânicos, escoltá-los sob a ponte e organizá-los, de modo que a

carga fosse distribuída dentro do navio de maneira equilibrada. Animado por sua grande curiosidade, o jovem empreendeu uma longa conversa com um graduado do departamento aliado. Nenhum deles entendia nem uma palavra da língua do outro. Os dois conseguiram, no entanto, superar a linguagem e as diferenças expressivas e começaram a “falar” disso e daquilo: a composição de suas famílias, uma descrição sumária dos lugares de origem e dos mundos, tão diferentes, de onde vieram. A conversa ajudou a passar o tempo, já que todo o dia tinha que passar na navegação.

Pouco depois das oito horas da manhã, o navio deixou o porto de Bríndisi e enfrentou as vagas transversais longas, que o vento do norte empurrava contra seu lado esquerdo. Vagas ameaçadoras, que traziam o risco de minas perdidas.

A mina, que parecia um grande tambor de combustível, foi vista dançando na crista de uma vaga longa, quando já era tarde demais para evitá-la. Houve poucos minutos de pânico, para o pessoal que estava no convés do lado da porta. Em seguida, a bomba tocou o lado do navio e rebentou, com um estrondo violento. A explosão causou a rápida inundação dos compartimentos baixos da embarcação, que não eram blindados, porque não nascera como navio de combate.

Espanto, estupor fatal, arrepiante, para todos os 540 homens que haviam embarcado no navio. Espanto nos olhos de Nino e seus novos amigos ingleses, dos quais nem sabemos o nome. Ouviram o baque, uma mudança violenta, a crise de folhas de metal em torno deles, e de repente o mundo inteiro estava virado, rolando uns contra os outros todos os homens que estavam no convés inferior.

A água entrava rapidamente nos compartimentos, gorgolejando e arrastando os objetos que encontrava. Só quando os quartos foram completamente inundados, os corpos começaram a flutuar, num movimento

irreal, como se tivessem ficado sem peso, enquanto os destroços se fundiam para baixo, até ir deitar-se no fundo do mar, descansando no lado perfurado pela mina. O caixão de aço afundou no líquido gelado do mar de inverno, levando com ele uma empresa de fuzileiros britânicos e o grupo de marinheiros italianos que estavam com eles.

Na casa do marinheiro Nino nenhuma medalha chegou, nenhuma carta escrita nem assinada com letras douradas, como só pode acontecer nas palavras das canções.

Permaneceu um nome vago nas genealogias da família, em que o primeiro dos sobrinhos masculinos tomava regularmente o nome de seu avô paterno. O nome do primogênito, então passou para o filho de um irmão mais novo.

NB — Esta história é real. Nino era o irmão maior de meu pai, que nasceu em 1900. O navio, nomeado “Palermo”, ainda hoje descansa em qualquer lugar, no fundo do Canal de Ótranto.

Meu pai também falhou partir para a guerra no mês de julho de 1918, quando acabou seus 18 anos, mas não houve o tempo para empenhá-lo nos combates antes do fim da guerra.

FIM

O FLAUTISTA

ALISON SILVEIRA MORAIS

Meu avô é alemão, viveu na Alemanha durante grande parte da vida, em Hamelin. Eu sabia que ele havia participado da Primeira Guerra Mundial, mas nunca tive coragem de perguntar nada sobre o assunto, afinal de contas, imagino que se ele nunca tocou no assunto, é porque não devia ter boas lembranças daquele tempo. Afinal, quem teria?

Ele era um homem durão, cheio de cicatrizes da Guerra e ex-comandante do Exército Alemão em várias batalhas.

Um dia ele sofreu um ataque cardíaco, ele já usava um marca-passo, então foi uma situação tensa para toda a família, fui visitá-lo no Hospital, e vi que estava muito fraco. E foi naquele dia, que ele me revelou seu segredo, perguntou se eu queria conversar... e eu disse que sim.

Ele perguntou se eu conhecia a lenda do flautista de Hamelin. Dei umas boas risadas, porque ele mesmo já havia me contado essa fábula muitas vezes, era uma história que surgiu na Idade Média, batida demais... Só que a expressão em seu rosto ficou contraída e fria e seu olhar distante, foi aí que ele disse que conheceu o flautista pessoalmente... na Guerra.

Final de 1916, a Alemanha já estava sentindo na pele os prejuízos da Guerra, perdendo milhares de civis, racionando comida, matando o gado para poderem comer os grãos, enfrentando um caos econômico e social. Todos sabiam que a Alemanha não tinha condições de se manter em uma Guerra por mais do que alguns meses, mas lá estavam os soldados, morrendo um por um, em nome de uma falsa liberdade e justiça.

Meu avô disse que conheceu um homem chamado Ernest quando era comandante. Ernest von Klauss, filho de holandeses, era um garoto magricelo, com olhos muito profundos e sem força ou energia para nada. Nunca havia matado ninguém e mal conseguia segurar uma arma. Ele chegou no meio de uma batalha em Flanders contra os franceses. Os alemães estavam em desvantagem, os testes com as bombas de gás tóxico nos dias anteriores mostraram-se positivos em Ypres, então meu avô resolveu começar os testes também com os Flammenwerfer 35 e 41 nos dias seguintes, os temidos lançadoras alimentado com gasolina e alcatrão.

Ernest era extremamente tímido e introvertido, mas já na segunda noite se dirigiu ao meu avô e disse que poderia ajudá-los nas batalhas do dia seguinte. Ele garantiu que faria os franceses recuarem se o comandante promettesse liberá-lo da Guerra. Meu avô ficou comovido com seu ato de bravura que parecia mais uma carta de suicídio, preferiu simplesmente não questionar sobre os detalhes, afinal, aquilo parecia insanidade. Então, aceitou o acordo ainda totalmente cético sobre o que aconteceria no dia seguinte.

Pela manhã, todos viram Ernest se dirigindo às trincheiras sem sua arma e sem seu capacete, estava com um laço colorido atarraxado no peito de seu uniforme e uma flauta em suas mãos. Antes mesmo de alguém falar alguma coisa, ou zombarem dele, o garoto concentrado começou a tocar sua flauta docemente, uma melodia harmoniosa e cheia de voltas, ritmada e quase alegórica. Não era o hino, nem uma música inspiradora para os grandes heróis, nem a marcha militar, era uma música lépida, quase infantil.

Em questão de alguns minutos, um ruído crescente e incomum demais para ser associado a qualquer coisa surgiu distante, todos começaram a procurar de onde vinha aquilo, menos Ernest, que continuava tocando. Um rato apareceu correndo passando pelas pernas dos soldados em direção a Ernest, parou em seu pé e sentou, depois o segundo, terceiro, quarto, e

dezenas, e centenas de ratos invadiram as trincheiras.

Os soldados estavam assombrados, muitos fizeram o sinal da cruz, e outros ainda rezaram, meu avô fez sinal positivo para que Ernest prosseguisse, então ele parou de tocar por um instante e disse para que abaixassem as armas e observassem. O ritmo da melodia ficou mais rápida e os ratos começaram a se agitar, se amontoando aos poucos, então com um último sopro forte em sua flauta, os ratos correram para fora das trincheiras pelo campo aberto em direção aos inimigos. Ernest olhou para todos e disse: “Agora ouçam a melodia dos ratos”.

Um tiro foi ouvido, 2, 4, 25, muitos tiros e pessoas berrando em desespero, um verdadeiro pandemônio tomou conta das trincheiras francesas, ratos ferozes e famintos pareciam brotar do chão arrancando pedaços da pele dos soldados, entrando em suas roupas, mordendo suas orelhas e atacando seus olhos e boca, centenas de milhares de ratos carregando a sujeira e a doença para o meio daqueles homens. E assim foi... a França recuou naquele dia antes mesmo de ele começar...

Aquela data ficaria marcada para os alemães, puderam passar grande parte do dia fazendo manutenções e parte descansando, graças à Ernest. Então o comandante fez o que ninguém poderia imaginar, mandou capturarem Ernest, algemá-lo e prendê-lo. Seu poder de encantamento e a sua ajuda era primordial para vencerem a Guerra.

Ernest argumentou que era um acordo, que um homem de verdade cumpre com sua palavra, ainda mais se tratando de um comandante do Exército, mas meu avô foi implacável, disse que ele não passava de um jovem estúpido, e que nunca teria nenhuma glória que não fosse a de contribuir com a Guerra, tentou convencê-lo de forma dura que ele seria grande, se tornaria um herói e que conquistaria tudo que queria. E então Ernest, sem se quer olhar nos olhos do meu avô, guardando um grande ódio em seu peito,

concordou em ajudar na próxima batalha.

O dia seguinte foi o estopim. Ernest foi liberado de suas algemas, pegou sua flauta, prendeu seu laço colorido no peito e seguiu para as trincheiras, os homens cumprimentavam-no e alguns batiam palmas e o reverenciavam enquanto andava. Ernest não retribuiu nem o olhar, nem um sinal de cabeça, nem um agradecimento. Parou no final da trincheira e pôs-se a tocar. Porém, dessa vez a melodia se propagava muito diferente da anterior. Ernest disse: “Ouçam com atenção, ao balé fúnebre”, um som caótico saltitava pelos ares, uma mistura melancólica de marcha fúnebre com mudanças de tempo confusas que como mágica se tornavam uma alegre e dançante melodia bizarra.

Nenhum rato apareceu, e mais do que alguns minutos foram necessários para que as próprias pessoas na trincheira começassem a dançar. Seus corpos não obedeciam mais, todos ficaram apavorados, pois estavam perfeitamente consciente daquilo, mas seus corpos simplesmente não paravam de dançar conforme a música. Inclusive meu avô.

Ele direcionou todos os soldados para fora das trincheiras e quando puderam perceber, os soldados inimigos também estavam em campo aberto, todos dançando, sem seus capacetes e armas. Prelúdio da dança da morte.

Quando todos se encontraram em um grande círculo, o flautista sorrindo continuou sua melodia dançando também entre os soldados. Direcionou o som de sua flauta para meu avô, o fez ir até a base, e pegar o lança chamas que ele tanto queria testar.

Ernest saiu do círculo devagar. Com os olhos bem arregalados, os soldados puderam ver as labaredas se formando com precisão, ateando fogo neles enquanto dançavam, o lança chamas cuspiu fogo e gasolina, e uma grande fogueira de soldados em agonia foi o que aquilo se tornou, dançaram até perder a consciência, todos carbonizados vivos...

Ernest ficou cara a cara com meu avô, observava curioso as lágrimas que escorriam de seus olhos, então mudou a música novamente, e os ratos vieram. Enquanto eles atacavam meu avô, o flautista partiu dali.

Meu avô foi o único sobrevivente, foi atacado por mais de duzentos ratos, tem cicatrizes profundas em todo o seu corpo, e eu sempre achei que eram queimaduras ou uma doença de pele, mas foram os ratos, ratos que ele precisou matar um a um, esmagando-lhes a cabeça e decepando-os no meio com os próprios dentes até que se extinguissem...

Quando meu avô terminou sua história, ele segurou minha mão, estava chorando de soluçar, e com uma sequência de tosses acabou morrendo em meus braços, um pouco depois de me entregar um pedaço de tecido velho, um laço colorido.

FIM

O PORÃO

RANGEL ELESBÃO

Todos estavam mortos. Mesmo os sobreviventes da Grande Guerra, morreram de alguma forma. Alguns mortos nos bombardeios, torturados ou mutilados. Alguns foram mortos pela dor de perder um familiar. Uns sofriam com a fome e o desespero, de não saber, se haveria um novo amanhã para sobreviver. Pierre padecia de todas essas formas de morrer.

Ninguém passava indiferente por aqueles horrores, ele pensava, enquanto caminhava entre os escombros e trincheiras cheirando a pólvora, sangue e corpos decompostos.

Pierre que foi ferreiro, agora era apenas um andarilho que vagava pelos campos de batalha, saqueando os mortos e negociando os seus pertences com as outras pessoas.

Os horrores da Guerra eram perturbadores e já não haviam esperanças de dias melhores, naquele reinado de terror. Ele não acreditava em monstros, mas os encontrava todos os dias no seu caminho. Monstros humanos. O ser humano era o pior dos monstros que poderia existir. Capaz de atrocidades inomináveis, que dizimavam militares e civis por idealismo; ou crueldade, nua e crua.

Puxando sua carroça com dificuldades por entre os corpos nas ruas de uma Alemanha, também morta, viu quando um soldado se aproximava, fazendo sinal para que parasse.

O soldado olhou com asco, enojado das suas bandagens na cabeça. Com o

cano da arma, fez sinal para tirá-las.

Com o coração disparado, tremia enquanto tirava as ataduras, grudadas na pele, junto com o sangue coagulado. Sentiu uma fisgada de dor, e um pouco de sangue escorreu dos dois orifícios auditivos. Onde antes haviam suas orelhas, agora apenas dois buracos, tinham as marcas de pele e cartilagem decepadas.

— Pode passar! — disse o soldado — Já teve o que merecia!

Pierre não ouviu o que foi dito, mas entendeu que estava livre. Seguiu seu caminho, as lágrimas rolando, ao lembrar quando o alemão decepou suas orelhas com um caco de vidro, e as pendurou num cordão, como um colar.

O vento gelado jogava flocos de neve no seu rosto, mas conseguiu ver algo à sua frente entre os sacos de lixo. Com a pá que carregava na sua carroça, revirou a forma caída na neve. Fez um esforço para segurar a pá, pois o frio cortante lhe adormeciam os dedos, e desvirou a cabeça do soldado caído.

Pierre assustou-se. A cabeça estava sem o rosto. Apenas um buraco vazio no meio do crânio. Explodida, talvez por um tiro de uma arma potente.

Revirou os bolsos do soldado. Procurava algo valioso. Encontrou escondido em um coldre apenas uma pistola Luger P08. Ele reconheceu, já havia encontrado outras antes, e valiam muito.

Os dias passavam rápido, e as pilhas de corpos aumentavam.

A cidade estava em ruínas, o frio castigava e a escassez de alimentos matava tanto quanto a Guerra. Caberia a ele e sua esposa

Sophie, manter vivos seus filhos Aaron, Lis e René.

Enquanto vagavam entre corpos e destruição, mergulhados num mar de angústia e desespero, deixavam as crianças trancadas no porão, para escapar dos ataques.

Quando voltou já de noite, viu ao longe o movimento de pessoas correndo na sua casa. Puxou sua carroça com força, até chegar lá.

René e Lis estavam sentados na sala, choravam abraçados ao corpo do pequeno Aaron. Os alemães o encontraram na sala, quando saiu do esconderijo por um instante, pensando ter ouvido o barulho de seus pais chegando.

Eles haviam arrancado sua língua, enfiado pregos na sua cabeça e sob as unhas das mãos.

Pierre caiu de joelhos, gritando, diante de tanto horror. Alguns vizinhos entraram e o seguraram, outros, seguraram as crianças, enquanto outros arrancaram Aaron dos seus braços com violência, levando-o para fora da casa.

— Larguem ele! — gritou a pequena Lis, com os seus braços presos por uma velha de olho vazado.

Aaron foi levado.

Pierre ainda perturbado pelos acontecimentos, estava trancado no porão com os seus filhos sobreviventes.

O porão ficava embaixo da cozinha. Um alçapão sob a mesa, dava acesso a um pequeno túnel, que descia até onde eles ficavam escondidos. Lá passavam dias e noites esperando pelo fim da Guerra, por um fio de esperança, de terminar com toda sua miséria.

Lá escondiam o resto de mantimentos e raízes que conseguiam juntar, pois se os vizinhos mais próximos sentissem o cheiro da comida, os roubariam.

Dentro de um pote fechado, ele retirou um punhado de vísceras de um cachorro, morto à beira da estrada, que encontrou no dia anterior. Colocou tudo na panela para tentar engrossar a rala sopa de grama e disfarçar algum gosto de carne.

Teve sorte em encontrá-lo. Já fazia quase um mês, que não tinham nada de sólido para comer, além de sopas. Sopa com neve derretida, grama, restos de tudo que poderiam comer para manterem-se vivos, até restos de animais mortos. E quando não encontrava nada, cozinhava uma pasta de papéis de jornais e revistas para enganar a fome.

Enquanto a neve derretida cozinhava a sopa, um odor adocicado e enjoativo, exalava e preenchia o porão úmido, clareado pela luz das velas.

René e Lis choravam de fome, mas pararam em silêncio, quando ouviram os ecos dos bombardeios na superfície.

Pierre mexia a sopa, e nem percebia suas lágrimas caindo dentro da panela. O peito doía ao lembrar da cena do seu filho retirado à força de sua casa. Angustiado, também esperava Sophie voltar viva e com algo que pudesse garantir sua subsistência por mais algumas semanas.

Na manhã seguinte, pegou a faca que outrora usava para fatiar carne e colocou na sua cintura. Deu um beijo de despedida nas crianças e trancou o porão, a sua fortaleza, para que ficassem seguros.

O porão era o seu abrigo, uma bolha escondida daquele mundo de horror lá fora. Lá dentro ainda era possível sonhar com um mundo melhor, e ter esperanças de que as pessoas pudessem viver em paz.

Pierre caminhava nas ruas destruídas e via pessoas brigando por restos de comida, água, por animais mortos. Não havia encontrado nada que pudesse fazer a sua sopa, e os papéis estavam acabando.

A fome era tão mortal como a Guerra.

Quando revirava os escombros de uma casa atingida por uma bomba na noite anterior, deu um grito, quase derrubando uma pedra sobre os seus pés. Caiu de joelhos. Chorando e gritando. Gritos que nem ele mesmo conseguia ouvir, depois de ter as orelhas arrancadas, e seus tímpanos furados com arame

farpado.

Sophie estava morta debaixo das pedras, nua, ao lado de dois soldados. Pregos foram cravados nos mamilos e em uma das suas mãos, algumas unhas arrancadas. O bombardeio devia ter interrompido a sessão de tortura.

Acariciou os cabelos ensanguentados da esposa, e a beijou na face, em cima da sua marca de nascença. Era preciso tirá-la dali.

O porão foi aberto por Pierre tarde da noite. Chegou cansado, suas costas doíam do peso da carroça. Desceu os sacos de carne e grama pelo alçapão, depois entrou. Ocultava o rosto com a camisa. Havia rumores de que o ar estava contaminado com gases venenosos, e os ventos os espalhavam para outras cidades.

Lis brincava com sua boneca, já indiferente aos bombardeios e a desgraça do lado de fora.

René desenhava e pintava sua família feliz. Seus pais, ele e Lis.

Pierre serviu a sopa com grandes pedaços de carne e entregou as tigelas para seus filhos. Chorou ao ver eles comendo. Lembrou de Aaron, de Sophie...

— Não lembrava mais o gosto de carne! — disse René lambuzado de sopa.

— Papai trouxe um bichão! — falou Lis — Acho que é um leão!

— Boba, não tem leão perto de casa!

— Então é um cachorro bem grande! Vou comer tudo devagarinho, para lembrar do gostinho quando eu passar fome...

René olhou com atenção para o pedaço de carne na sua colher, antes de comer. Lembrou da surdez do seu pai, pegou a folha que havia desenhado, escreveu uma frase no verso e entregou a ele.

Pierre leu o que estava escrito e a jogou dentro da panela.

Lá fora o som das bombas estava mais alto. Bombardeavam mais perto.

Um estrondo em cima deles. A casa fora invadida.

— Comam, filhos! — falou — Logo vamos encontrar sua mãe...

Pierre olhou uma última vez para a panela. O papel escrito por René derretia, engrossando a sopa:

“O bicho que a gente comeu tem uma pintinha igual da mamãe no cantinho do nariz.”

FIM

O ÚLTIMO PEDAÇO

HUMBERTO LIMA

Quinta Feira, 22 de abril de 1915. 14h, Ypres - Bélgica.

— Lembra de mim?

O tenente belga não parece muito disposto a conversar.

O homem levanta o tapa-olho, mostrando a órbita vazia e o tenente apenas franze a testa. Após alguns segundos seus olhos se iluminam com a lembrança e ele abre um largo e indecente sorriso na boca, mostrando os dentes ensanguentados entre o bigode loiro farto.

— Como eu me esqueceria? Você e sua esposa foram uma diversão e tanto! Mais ela na verdade! Você eu mal comecei a...

Um murro violento lhe arranca mais um dente e o tenente geme, voltando a sorrir logo em seguida.

— Pensei que estivesse morto! Depois que o Rei deu anistia a nosso povo, eu o procurei para terminar minha diversão, mas você havia sumido!

O homem grande de cabelos negros oleosos vai para atrás da cadeira onde o homem preso está amarrado e começa a remexer uma valise pesada. O Tenente Aarjen apenas espera ansiosamente.

— Eu fugi das terras livres do Congo e me escondi na França. Pretendia caçá-lo e matá-lo, mas soube de sua promoção pelos serviços prestados na África Amaldiçoada e preferi tentar esquecer o que fez comigo e Aafke...

A voz do homem fica embargada ao pronunciar o nome da esposa.

O tenente, percebendo a fraqueza do seu ex subordinado no Congo Belga, provoca.

— Lindo nome o da sua esposa! Assim como aqueles seios! Deliciosos mamilos na minha boca! Quentes como manteiga e...

A pancada em sua cabeça é tão violenta que o tenente desmaia imediatamente.

O escravagista Aarjen Sonha com 1908, quando a “liberdade” foi dada ao Congo, seu subordinado Saël, um homem grande e sério tentou lhe trair. Todos os belgas cortaram mãos e pés, todos roubaram de sua majestade Leopoldo II e mesmo assim, o cachorro ainda tentou lhe entregar ao rei.

Mandou uma carta à Bélgica que foi interceptada e entregue a Aarjen, que resolveu punir seu mais precioso capanga. Naquela mesma madrugada, um grupo de oito negros liderados por ele invadiu a cabana e prendem o casal que mal conseguiu reagir. Mandou seus homens amarrarem a mulher de Saël na cama e permitiu que todos se servissem do belo e jovem corpo feminino enquanto o marido desesperado foi obrigado a assistir, preso por várias mãos fortes.

Aarjen não a toca.

Não se sente bem fazendo sexo. Seu prazer vem de outras formas.

Horas depois ela está com o rosto vermelho de tanto chorar e gemendo alto mesmo com a mordaça que lhe fecha a boca.

Saël implora perdão pelo que fez, enquanto Aarjen sobe na mulher e passa algo no seu corpo, algo rápido e prateado. Mesmo com a mordaça o grito da mulher enche a cabana e até os negros, acostumados a violência do seu empregador arregalam os olhos, aterrorizados.

Horas ou minutos depois, O tenente Aarjen não sabe exatamente, é

acordado por um balde de água fria. Observa em volta a casa em ruínas onde foi emboscado por seu antigo empregado nas minas de diamantes do Estado Livre do Congo, a serviço do falecido Leopoldo II.

— Acorda cachorro! Vou fazer com você, tudo o que fizeste com minha mulher!

O tenente belga apenas ri.

— Faça o seu melhor.

Enquanto pega seu material na pesada valise, Saël pensa na maneira curiosa em que reencontrou o seu antigo torturador: após a morte de sua esposa nas mãos dessa criatura desprezível, conseguiu escapar com um olho vazado e perseguiu seu antigo chefe, mas este fugiu para o acampamento e de lá para o porto, onde embarcou de volta a Bélgica, sabendo que mesmo se contasse sua história pessoalmente a Leopoldo II, dificilmente seria aceito, pois Aarjen detinha certo prestígio na corte.

Saël fugiu para a França, onde tentou por anos esquecer o que sofreu nas mãos desse homem. Com a tensão entre os países e a eclosão da guerra, foi convocado compulsoriamente e levado ao front de batalha, onde viu ao longe seu antigo chefe.

Tremeu de medo e ódio e esboçou um plano: guarda algumas ferramentas em uma casa abandonada, esperando pela oportunidade de levá-lo para lá.

O ataque alemão com gás é a oportunidade perfeita, quando todos começam a debandar leva o tenente a casa.

Saël começa pelos pés, esmagando cada dedo do seu antigo chefe com uma marreta pesada. O homem grita e trinca os dentes com força, morde os lábios até verter sangue enquanto revira os olhos nas órbitas.

Quando os pés não passam de duas massas sangrentas no chão, entre

arquejos o homem graduado implora:

— Não! Você está fazendo tudo errado! É um amador! Garanto que fiz sua mulher sofrer mais! Muito mais!

Irritado, Saël coça a cabeça e vai até a valise, retirando uma serra de mão.

— Vamos ver!

Começa a serrar fora o pé direito do tenente cuja dor insana faz com que desmaie e em seus sonhos turvos relembra como acabou com a belíssima loira de olhos verdes no calor infernal do Congo.

Subiu em cima dela com sua faca de caça e deslizou a mesma pelo tórax suado pelos negros que a estupraram sucessivamente, ela arregalou os olhos devido a dor e ele se excitou sentindo seu membro endurecer dentro da calça de sarja impecável.

Com um movimento rápido lhe arrancou os dois mamilos, inserindo-os na boca e mastigando-os crus. São quentes e a gordura inundada de sangue lhes deu um sabor ferruginoso ao paladar.

Um dos negros corre para fora da cabana, vomitando em frenesi ante a cena abjeta.

Aarjen sorri e limpa o bigode na manga da camisa, cortando em seguida o nariz da mulher e comendo o pedaço crocante devido a cartilagem.

Ela grita de maneira primal, enquanto ele abre seu tórax com a faca e quebra o osso com as mãos fortes.

O marido grita horripelantemente vendo sua mulher ser mutilada.

— NÃO! Eu não aguento ver isso!

O homem loiro levanta da cama e vai em sua direção calmamente, os

negros suam de medo, pois mesmo entre as tribos canibais da África central, nunca ouviram falar de tamanha desumanidade.

O loiro enfia os dedos no olho esquerdo de Saël que fica paralisado e arranca seu globo ocular, enfiando-o na boca com o nervo ótico e tudo. Isso causa um efeito estranho no belga, ao ter por segundos ao mesmo tempo a visão do rosto de seu torturador e do interior de sua boca somado a dor aguda no olho.

Após morder e mastigar o globo ocular, Aarjen volta para a mulher e lhe retira o coração que bate rápido ainda ligado às veias e artérias.

Sua boca se abre e...

Acorda novamente com um jato de água fria, rindo ao ver onde está.

— É só isso? Garanto que sua mulher sofreu muito, muito mais!

Saël fica muito irritado e escuta as patrulhas alemãs percorrendo as ruelas da cidade arrasada pelos morteiros. Sabe que tem pouco tempo, retira um facão da valise e com golpe rápido fura o olho do tenente que solta um grito curto, seguido de um sorriso, o homem de cabelos negros abre o peito do homem e retira, sob o único olho inteiro do assombrado tenente, seu coração que ainda bate.

— Está assustado agora? Seu cachorro louco?

O tenente começa a se debater na cadeira e o belga de cabelos oleosos sorri, até perceber a mancha na frente da calça engomada do militar.

— Se mijou?

O tenente solta seu sorriso mais maldoso. Sabe que estará morto em breve.

— Não. Eu gozei! Amei tudo o que fez por mim! Foi uma tortura gloriosa como sempre sonhei em sofrer!

Saël arregala seu único olho azul e com uma fúria imensa arranca o coração do seu ex chefe fora que começa a convulsionar imediatamente, morrendo em poucos segundos.

O homem de cabelos negros oleosos, cai ajoelhado no solo da casa pobre enquanto escuta os passos do pelotão alemão correndo pelas ruas estreitas e gritando ordens para que se revistem todas as casas. Olha para o coração do homem ainda pulsando em sua mão e lembra do da sua esposa, batendo ainda e tomado por uma fúria insana o morde, como o tenente morto agora com um sorriso no rosto, fez com o da sua mulher anos atrás.

Involuntariamente, ele sorri. Entende agora a motivação de seu antigo chefe, o tenente Aarjen.

— Delicioso!

Lambe os lábios ensanguentados quando a tropa invade a casa e param estáticos. A uma ordem do Sargento nazista, eles o fuzilam, horrorizados ante a cena dantesca, sem nem querer saber a história de amor e ódio envolvida.

FIM

PÓS-GUERRA

MARCUS VINÍCIUS

Baseado nos relatos do soldado alemão Erich Maria Remarque.

A mente envolvida por escritos. Escritos atormentados. Aflitos. Traumáticos. É assim que defino como fiquei depois...bem, depois da guerra. Lutei e lutei para nada. Apenas para me refugiar nos EUA, perder minha nacionalidade alemã e ter meu livro queimado na fogueira. Não sei onde estão meus parceiros de guerra. Não sei onde está ninguém. Não durmo. Quase não saio desse apartamento mofado. Mas não. Não é isso que realmente me assombra. Não é o espaço fechado. Não é o escuro. Não é o futuro. Não tenho medo de dormir. Eu simplesmente...não consigo. Há outra coisa. Vou ao banheiro para lavar meu rosto. Pelo reflexo, é possível ver a poltrona que me sento. Mas ela não está desocupada. Há alguém sentado nela. Imóvel. Usa farda militar, as mãos descansam nos braços do móvel. Parece olhar para mim. Enrugo a testa. Estou suando frio. As mãos começam a tremer. Respiro fundo algumas vezes para tentar afastar o medo. O vulto é familiar. Ele se levanta. Arregalo os olhos. A garganta aperta. O coração bate rápido. Não escuto outra respiração além da minha. O som de botas se aproximando. Abro a torneira. Quem sabe o som da água correndo me acalma. Aperto os olhos. Não quero ver quem é. Fico assim por uns dois minutos. A luz se apaga. Não fui eu que apaguei. Abro os olhos. Tem início o pesadelo. Uma mão força minha cabeça para baixo. A submerge na água da pia. Tateio as mãos para tentar me erguer. A ansiedade cresce. Me deixe respirar! Eu quero...respirar! Por um milagre, me levanto. A luz está acesa novamente. Não há ninguém ali. Exceto eu. Olho para meu reflexo. Depois olho para baixo. Faço uma concha

com as mãos e joga água no rosto. Volto à sala, mas não quero sentar na poltrona. Pego a cadeira da mesa ao lado e me sento. Fixo meu olhar no chão.

Iniciam-se os gemidos, os choros, muitas vozes. Uma explosão seguida por outra. E por outra. E por outra. Aperto os olhos e massageio a testa. Não era para ser assim. Isso não devia acontecer. Maldito *Führer*! Graças a ele estou neste inferno. Graças a ele minha irmã está morta.

Um silêncio incomum desce sobre mim. Eu deveria estar tranquilo, mas nas atuais circunstâncias não. O silêncio pode ser pior que uma mente inquieta. O quarto é invadido por fumaça. Uma que conheço muito bem. Fumaça causada por explosivos. Estreito os olhos e contorno a mesa. Está vindo pelas frestas da porta. Abro-a. O choque me paralisa. Onde estou? Que lugar é este? Há escombros à minha volta. Devastação de guerra. O pânico se inicia. Fico de costas e abro a porta novamente. Onde está o quarto? Minha boca treme. Fica seca. Muito seca. Estou no andar mais alto do prédio. A escadaria está queimada. Escombros para todos os lados. Começo a nadar descendo-a devagar. Outra surpresa que eu não gostaria de ver: cadáveres. Muitos cadáveres. A maioria de recrutas. Preciso continuar. Preciso saber onde fui parar. Atravessei...uma fenda no tempo? Voltei para a guerra? O que está havendo aqui?

Finalmente chego ao térreo. Mais escombros. Saio do prédio. Devastação do lado de fora. Enrugo a testa para o silêncio predominante. Não há ninguém nas ruas. Uma parte de mim pede que eu volte para dentro, enquanto a outra ordena que eu prossiga. Opto em fazer isso. De súbito, ouço sussurros. Estou no meio da rua. Exposto. Vulnerável. Olho para todos os lados freneticamente. Ao leste, está vindo alguém. Dou alguns passos para trás. Parece vir devagar. Muito devagar. Assim que está a poucos metros de mim, arregalo os olhos. Eu o conheço. É o recruta louro que ajudei certa vez. Foi atingido por uma bomba. Mas não deveria estar andando. Ele para. Meu

coração acelera. *Você está bem?* Pergunto. Silêncio. *Covarde.* Arregalo os olhos por causa da resposta. Fico estarecido. *O que disse?* Indago.

A coisa mais...inesperada acontece em seguida. O recruta louro ergue a cabeça, mas suas feições não são humanas. O maxilar desce quase até o umbigo. Os olhos são negros como o piche. O urro estridente e inumano me faz ter a reação imediata de sair correndo para o lado contrário até voltar para dentro do prédio. Fecho as portas e fico de costas para ela. Respiro rápido e de olhos fechados. Permaneço assim por alguns minutos até me acalmar. Assim que isso ocorre, eu abro meus olhos. O silêncio novamente. O que foi aquilo? Mas que porra de lugar é este? A luz entra pelas janelas do andar térreo de modo normal. Muito normal. Um som de botas me faz olhar rapidamente para o lado esquerdo. Ergo a cabeça. O pavor me domina. *Não. Isso não pode estar acontecendo.* Himmelstoss. O “carrasco do quartel”. O cara gordo, de baixa estatura e bigode de raposa. Me olha fixamente. Expressão neutra. Começa a descer as escadas. Seu olhar não desvia do meu. Vou me afastando. Assim que chega ao térreo ele olha para o meu lado esquerdo. Permanece assim por alguns segundos. Enrugo a testa. Arrisco olhar na mesma direção que ele. Está escuro. O que ele está vendo? Volto a olhar para ele. O maldito está sorrindo para mim. *Qual é o problema?* Indago. Aos poucos, a raiva vai me dominando. *Está sorrindo por quê, porra?* Grito em voz alta. *Quer outra surra? Como da última vez?* Sou interrompido por gemidos. Gemidos femininos. Estão vindo...da região escura que eu e Himmelstoss estávamos olhando. Volto a olhar para lá. Em alguns segundos, a silhueta vai se formando. De novo o choque. *Elfriede?* Indago com a voz fraca. *Meu Deus! Você está viva?* Indago subindo um tom. Ela não responde. Seu vestido está surrado. Os cabelos castanhos bagunçados. Parece desolada. Olho de lado para Himmelstoss. Está novamente sorrindo para mim. *Erich.* Minha irmã diz meu nome. Volto a olhar para ela. *Você fugiu.* As palavras dela me deixam sem chão. Meus olhos ficam marejados. Ela começa a soluçar. Coloca as mãos no

rosto e chora. Himmelstoss ri baixo. Olho para ele enfurecido. *Está rindo do quê, desgraçado?* Urro. Ele para de rir, mas não reage agressivamente. Apenas estreita os olhos e inclina a cabeça um pouco para o lado. *A vadia está certa.* Responde vagarosamente. *Você fugiu, não foi, Erich?* Ignoro o comentário. Volto a olhar para minha irmã. *Elfriede, por favor. Me desculpe.* Falo com a voz novamente fraca. Ela volta a olhar para mim. Anda mais alguns passos na minha direção. *Estou morta.* Diz. Enrugo a testa para ela. *Morta. Morta. Morta.* A voz dela vai falhando até que acontece a mesma coisa do que com o soldado louro. Ela se torna um...monstro. Himmelstoss também. Ambos com os olhos negros. O queixo estendido até o umbigo. O grito de ambos, agudo e inumano, em uníssono. Caio ajoelhado com as mãos nos ouvidos. Começo a chorar. O chão passa a tremer. Novamente, os sons de sussurros. Sons de granadas. Ouso abrir um pouco os olhos. Me arrependo logo depois. Franz Kemmerich está estendido na minha frente. Os olhos amarelos e arregalados me encaram. *Por que não fez nada?* Ele diz de repente. *Por que fugiu?* Minha única reação é apertar os olhos e implorar para que aquilo acabe. Começo a balançar para trás e para frente. Vou acelerando esses movimentos. Começa um zumbido na minha cabeça. Que aumenta gradativamente. *Me perdoem, me perdoem, me perdoem.*

Abro os olhos. Estou na sala. Ergo-me vagarosamente e olho para os lados. Silêncio. Olho para frente. O banheiro está com a luz acesa. Atrás de mim a poltrona. Do meu lado esquerdo, a cadeira. Olho novamente para o banheiro. Um curto momentâneo na lâmpada revela Himmelstoss de costas para mim. Sorrindo. Vai acontecer. De novo.

FIM

REGISTRO DE GUERRA

ANDRÉ LUIZ DE MELO

Fazia uma agradável tarde de sol, no fim da primavera. Peter Evans regava as plantas de seu belo jardim, com toda a paciência e zelo que só um senhor octogenário conseguia ter. As costas doíam um pouco quando se abaixava, e a vista estava cansada pela idade. Tirando isso, o velho vendia saúde.

Ao longe, conseguia ouvir as risadas dos netos, que brincavam, e também o cantar dos pássaros. A brisa trazia um aroma de pão recém-saído do forno. Peter sorriu, satisfeito. Arqueou as costas, secou o suor da testa e seguiu pela estradinha de pedra no gramado, até a porta da cozinha, nos fundos. Estava mesmo com sede; um copo de suco gelado e um pão fresquinho cairiam bem.

O velho tirou os sapatos (sabia como Laurie era ranzinza com a limpeza), e entrou. A mesa estava posta, mas não havia ninguém ali.

— Alguém em casa? — Gritou, com bom humor, enquanto lavava as mãos.

— Na sala, vovô.

Antes de se servir, o homem foi averiguar o que as crianças andavam fazendo. Assim que passou pela porta e olhou a sala, Peter cambaleou. Toda a cor de seu rosto sumiu, as mãos ficaram gélidas, a boca seca, escancarada em um grito mudo de pavor. Por 62 anos temeu encontrar aquilo, mais do que a própria morte...

1916 - Trincheira da Frente Ocidental

Os olhos vermelhos da ratazana foram capturados pela câmera Vest Pocket da Kodak. Com o equipamento, o jovem correspondente de guerra passara os últimos meses registrando imagens do conflito mundial. Graças a influência de seu editor do jornal londrino, Peter Evans, então com 19 anos, ganhara permissão para acompanhar o veterano repórter Karl Bradbury em suas viagens como enviado especial. Bem melhor do que ser convocado.

Quando Bradbury foi atingido por estilhaços de uma explosão na cabeça, seis meses antes, Evans recebeu o telegrama do editor. Agora, fora promovido à correspondente oficial, sendo transferido para acompanhar o cotidiano nas trincheiras. Era isso, ou a demissão.

Claro que o rapaz aceitou. No dia seguinte à mensagem, já estava com o comboio, trajando roupa militar e tudo mais, indo para algum lugar da Bélgica. Oficialmente as fotografias do front estavam proibidas pelas autoridades britânicas, exceto para quem tivesse a credencial da imprensa.

Evans passou os dias de viagem registrando o cotidiano dos companheiros, homens de diferentes idades, que nunca retornariam para casa, ele sabia.

Então a unidade que o rapaz acompanhava chegou à vala escavada, com mais de 2 metros de profundidade e cerca de 1,80 m de largura, que chamava “trincheira de retaguarda”. Ela não fazia parte da linha de frente, o que intensificava o isolamento daqueles homens. A primeira impressão, registrada na polaroide, foi horrível, e não melhoraria em nada com o tempo.

Peter possuía uma pistola, mas não estava ali para atirar em ninguém. Todos os soldados aliados sabiam disso. Ele deveria apenas registrar os horrores do conflito, mas nem em seu pior pesadelo estava preparado para o que viveria naquele buraco.

Evans dormia enrolado em uma coberta puída, cheirando à urina, sob a prancha de madeira que separava os soldados da lama na trincheira. Estava tão habituado com o cenário de conflito que não acordou com os primeiros tiros. Mas eles não foram os únicos...

Desnortado, o repórter recobrou a consciência já no meio do caos. Estavam sendo atacados. Tudo foi muito rápido, os tiros, as bombas. Olhando para cima, Peter viu um soldado de sua idade perdendo metade do rosto com uma explosão.

O rapaz tentou correr, mas o interior da trincheira era um empurra-empurra de soldados desorientados, atirando a esmo, enquanto eram alvejados por uma chuva de balas. Depois, homens com lança-chamas chegaram na beirada do buraco, e começaram a queimar seus companheiros vivos.

Evans via sangue e fuligem e lama; corpos despedaçados, em chamas; pessoas desesperadas gritando. Tudo em um piscar de olhos. Então foi atingido na perna por um tiro. Se abaixou, pela dor, quando o capitão cambaleou e caiu sobre ele, garganta cortada, olho esquerdo arrancado.

Com desespero, o jovem tentou se arrastar para longe daquele corpo. Sentiu a dor e o medo, maiores do que todo o horror que já experimentara até então. Outro soldado caiu por cima dele, morto. E mais outro, afundando-o na lama. Quase sem conseguir respirar, soterrado pelos cadáveres de seus companheiros, o jovem repórter desmaiou.

Quando Peter recobrou os sentidos, as tropas inimigas já haviam partido. Tudo estava silencioso no local. Com esforço, conseguiu se arrastar até sair debaixo daquela pilha de corpos. Então percebeu que estava sozinho. Todos os

homens da trincheira foram massacrados. Dezenas de mortos, apodrecendo naquela sinistra sepultura.

O jornalista mal conseguia se mover. Em meio aos corpos, encontrou sua câmara, ainda intacta. Só o que lhe restava fazer era fotografar. Os olhos vermelhos da ratazana foram capturados. Depois, animais carniceiros se banqueteariam dos cadáveres. Homens com membros amputados, pedaços destruídos, carbonizados.

Então parou de tentar fugir. Estava fraco por todo o sangue perdido no ferimento da perna. Fraco pelas semanas de fome e doenças que contraíra. Naquela trincheira, em algum lugar da Frente ocidental, Peter Evans soube que iria morrer.

— Bom ângulo, meu rapaz — disse alguém, por perto. O jovem moribundo mal conseguiu se virar para encarar o homem loiro, alto, que trajava um impecável terno vermelho.

— Quem... quem é você?

— Me conhecem por muitos nomes, embora nenhum seja o verdadeiro. Mas o que importa de verdade é: quem é você? Ou melhor, quem será daqui a pouco?

— Como... como assim?

— Peter, Peter... Mesmo sem a visita surpresa de ontem, você estava com os dias contados. Eles iriam te enterrar bem ali — o estranho apontou para uma pilha de corpos. Estava sorrindo. — É isso que lhe aguarda, de qualquer modo.

— Vá para o inferno! — Disse Peter, deixando a cabeça cair na lama. No alto, um céu cinzento.

— Ora, meu amigo. Você se acha tão superior por negar minha ajuda...

Eu posso salvar sua vida. Não é isso que deseja? Voltar para casa, rever sua namoradinha. Como é mesmo o nome dela?

— ...

— Laurie — o demônio pronunciou a palavra carregada de malícia.

— O que você quer? — Replicou Peter, ainda encarando o céu. Cada vez mais distante, à medida que a sombra da morte se aproximava.

— Agora estamos falando minha língua. O que pedir para alguém que não possui nada... Já sei, e tenho certeza que achará uma oferta muito generosa: suas fotos.

— O quê?

— Eu salvo sua vida, e em troca você nunca poderá mostrar as fotos que tirou para ninguém. O que me diz, um acordo justo, não é mesmo?

— Sim — murmurou o rapaz.

— Ótimo — disse o Diabo, sorrindo. — Só mais uma coisa, Peter, meu amigo. Se alguém vir essas fotos, encontrará o mesmo destino que você teria, se não fosse por mim. Lembre-se disso. Te vejo por aí.

Então tudo ficou escuro.

Peter acordou alguns dias depois. Fora resgatado da trincheira por um pelotão aliado, e encaminhado para um acampamento hospitalar. A câmera estava entre seus pertences, mas ele a declarou como perdida, quando voltou para Londres. A guerra acabou anos depois, e Peter seguiu com sua vida. Casou, teve filhos, com o tempo quase esqueceu o maldito dia. Até aquela manhã...

Ainda escorado na soleira da porta da cozinha, pálido e assustado, o

velho viu seus dois netos folhando o álbum secreto que escondera por seis décadas.

— São suas fotos, vovô? — Perguntou o pequeno Tommy. Peter ainda estava petrificado, quando o neto virou a página seguinte.

— Não!

Mas era tarde. Assim que viu a imagem, o maxilar da criança quebrou sozinho, em um ângulo medonho. Jack, o irmão mais velho, começou a golfar sangue, enquanto o olho esquerdo caía. Tommy tentou andar em direção ao avô, mas seus membros foram dilacerados por uma força invisível. Ambos mortos, trucidados, fedendo à decomposição. Uma risada familiar ecoou pela casa.

Cedo ou tarde, o velho teria que confrontar aquelas imagens, registradas e reveladas não em papel de foto, mas em sua condenada alma.

FIM

PIEIDADE

RICARDO VENTURA

A natureza falhou com o homem. Tenho esse pensamento enquanto agonizo entre seus cadáveres, uma suposição decepcionante o bastante para encontrar um caminho através da dor. As ferramentas com que salvei soldados caídos estão espalhadas próximas a mim, com as quais poderia me salvar caso a natureza também houvesse me amaldiçoado com as ferramentas da evolução. Os dedos nas minhas patas são inúteis, eu jamais conseguiria impedir sozinho a minha passagem para o lado inimigo da guerra. A natureza sabe que errou, que seu descuido ou arrependimento entregou o domínio exacerbado do planeta a uma espécie, e tenta reparar o erro inventando maneiras para diminuir o número crescente de humanos. O presente traiçoeiro da racionalidade é uma delas, o prêmio de que tanto se orgulham é a semente da autodestruição. Constroem e desmantelam, amam e odeiam, beijam e mordem, falam e calam, dançam e tropeçam. Instinto pouca participação tem nessa instabilidade.

Treinaram-me para farejar a vida em meio à desolação, para encontrar os feridos no campo de batalha e fornecer a esperança que levava comigo, o equipamento médico com que eles tratavam os próprios danos. Dava-me prazer o sorriso de um homem em agonia, a felicidade que minha presença e a cruz estampada na bolsa provocavam, vanglória ao retornar com afagos após um trabalho bem-sucedido. Perturbavam-me as expressões da guerra, as formas que ela encontrava para se afirmar em cada um dos nossos sentidos, mas eu sabia que desempenhava talvez o único papel nobre naquele teatro melancólico, ainda que somente adiasse o inevitável por um dia ou dois. Cabia

a um cachorro peneirar o caos, separar os vivos dos mortos.

A morte ali era uma entidade onipresente, à espreita para amenizar sua fome eterna. Enxergava uma névoa densa e pestilenta ao redor, seu cheiro intenso reprimia os outros. Cavalos e homens cobriam o gramado, deitados sobre o tapete vermelho que teceram. Avançava em busca de soldados machucados, todavia o vento cantava a mesma canção. A guerra era uma história com vários finais e naquele momento eu não acreditava em recomeços. Havia corpos em demasia, muitas colmeias para as abelhas de ferro, e seria questão de tempo até que me tornasse só mais um fio na trama. Meu dever era paliativo, afinal todos nós de certo modo perecíamos, mesmo os que voltassem para casa voltariam quebrados, além do auxílio dos primeiros socorros.

Ouvi então o suspiro do único sobrevivente, um soldado quase afogado sob seus companheiros. Aproximei-me com cautela, porque emanava daquele grupo fétido um tipo diferente de lar, eu lia versos em um idioma estranho escritos em seus poros. Sentia-me seguro apesar de tudo, uma vez que os gestos do homem confirmavam a necessidade que tinha de mim. Reconheci na sua entonação outro indício de que nossas origens colocavam-nos em uma situação embaraçosa: estávamos em lados distintos, éramos adversários na guerra.

Deveria ele sucumbir além do escopo da minha missão em razão das cores de uma bandeira? Estaria eu descumprindo ordens ao cumpri-las? Éramos animais desiguais, contudo, ambos confusos e perdidos, reduzidos a pó pelo incêndio que não começamos. Por que eu viraria as costas? Aquela não era de fato minha luta e ele não era meu inimigo pessoal, era apenas outro bípede triste que considerava absolutas as suas convicções, em aspecto algum diferia dos meus próprios amigos. Transmitia-lhe mensagens de confiança pelo olhar e ele prontamente sorriu. Se compreendem com facilidade um cão, incapaz de

transformar pensamento em discurso, como pode até sua linguagem formidável dividi-los? A virtude da fala se prova a imperfeição da escuta. Qualquer tipo de distância justifica uma fronteira no seu mundo, os polegares de nada servem para manusear a inteligência.

O homem implorava com murmúrios que eu desconhecia, a fraqueza não permitia que se desvencilhasse dos mortos sobre si. Seus braços me seguiam enquanto eu empurrava com o focinho aqueles que tentavam mantê-lo debaixo da terra, os olhos fixos na minha bolsa. Ele enfim conseguiu se erguer, jogando os restos mortais para dentro do buraco de onde veio. Não exibiu bandeira alguma, as únicas cores que cobriam o corpo nu e assexuado eram o marrom da lama e o vermelho do sangue. Nascia no ventre da batalha uma criatura artificial cuja inexistência de odor impossibilitava a identificação e o rastreamento, um aparente adulto que, ao contrário de um recém-nascido saudável, não chorou ao ver a luz pela primeira vez; gargalhou ao admirar as chamas no horizonte. Ele não era um mero soldado, era o fruto da relação perniciosamente entre as forças opostas da guerra. Saudava o leito em que fora concebido, cumprimentava os cadáveres pelo sacrifício e engolia punhados de cinzas.

A mão humana sabotava os mecanismos que deveríamos somente obedecer, desarranjava os ponteiros do relógio, interrompia e antecipava processos que tinham planos estabelecidos, causando uma devastação a tal ponto desmedida que mesmo a atenta e infalível morte enfrentava dificuldades para acompanhá-la. A coisa que brotou da terra estéril era seu servo, o privilégio adquirido para que cumprisse com suas responsabilidades a tempo, a matéria orgânica reunida do confronto a seu serviço, contrário ao meu.

Apesar do deleite por revolver-se na imundície do campo, a chuva revelou sua pele incólume, sequer apresentava um arranhão na forma forte, logo eu

nada lhe devia e sua presença me repugnava. Voltou sua atenção para a bolsa assim que recuei e arrancou-a de mim com um movimento impetuoso, lançando-me vários metros adiante. Quebrei ossos na queda, ouvi o ruído do veredito antes de sentir as dores da pena. Cravado ao chão, observei como a destruição de todo o conteúdo da bolsa divertia o monstro, imagens que as gotas de água distorciam ainda mais. Esvaziou e depois a rasgou com os dentes, debochou e tratou dos mortos com os instrumentos que eram tão importantes para os vivos. O ato que poderia interpretar como infantil ou desvairado era uma mensagem simples: ele impediria a salvação dos feridos, que a cruz marchasse pelas zonas de conflito como um símbolo de esperança. Semelhante ao próprio ser humano, aquela criação desrespeitava as normas e escaparia do controle. Ele queria o fim da minha missão, mas não se deu o trabalho de me aniquilar, abandonou-me para que sentisse o que os homens caídos sentiriam sem o meu auxílio, uma morte lenta repleta de pensamentos envenenados. Ele seguiu rumo aos clarões, ávido pela próxima ceia, seus aplausos ecoavam na quietude da nossa solidão.

Minhas pálpebras desceram, eu tinha um motivo a menos com que me preocupar. Sentia-me calmo à medida que me enfraquecia, o conforto da conformidade era uma sensação inesperada. Homem nenhum surgiria para me resgatar, tampouco estariam dispostos a nos enterrar. Éramos detalhes na paisagem, pinceladas em um quadro de paleta diminuta, formávamos o cenário do pesadelo de um deus adormecido, um pesadelo que ele talvez esquecesse ao despertar. A cortina inibia a passagem da luz, a janela fechada estava também emperrada, porém eu permanecia consciente e não dependia da visão para perceber sua aproximação. Um cão nativo, residente das ruínas e provavelmente órfão de seus protetores e protegidos, deitou-se ao meu lado e fez-me companhia até o momento da minha partida, afugentando o frio do ódio que suposições amargas propagavam nos últimos instantes. Não sabia se compartilhávamos a mesma função em nossos exércitos rivais, se era soldado

ou civil, mas para mim ele sem dúvida portava a cruz. Sua amizade acendeu uma vela na escuridão e com ela ilumino o caminho que agora devo trilhar.

FIM

TERRA DE NINGUÉM³

RODRIGO ORTIZ VINHOLO

Lama, pólvora, metal, sangue, fumaça, carne, rocha, madeira. Nas trincheiras, a diferença entre cada um dos elementos da guerra se torna mais vago. Nada tem uma linha condutora, um sentido. Já não temos identidade, linguagem, ideologia. Nesse tempo que estamos aqui, somos apenas um grupo de corpos que seguram armas, enfiados em um buraco na terra, encarando outro grupo de corpos que seguram armas, em outro buraco na terra. Somos Ninguém.

Já não existe pensamento, nem linguagem. Se algo é dito, seja ordem ou resposta, é por um instinto construído por treinamento e medo. O que havia de ideologia, se é que algum dia houve algo assim, já não existe. Talvez tenhamos perdido em algum dos corpos que sangram acima da terra ou nestes túneis que construímos.

Fomos nós que fizemos tudo isso. Que atiramos e levamos tiros e cavamos e destruimos. Nós que causamos as explosões nos dois lados do campo de batalha. Não sei mais de que lado estou. Não tenho mais certeza quem sou, fui ou poderia ser. Não sei se sou eu que está sangrando encostado na parede ou se é outro. Não há diferença entre nós neste buraco na terra. Seus lábios, que talvez sejam os meus, se mexem e falam alguma coisa, mas eu não ouço sob o som das explosões, tiros e gritos.

O lado direito de seu rosto foi destruído por uma bala e em seu peito eu vejo furos que sangram, mas ele segue desperto. Havia um médico aqui e não vi quando ele se afastou. O condenado fala comigo e não consigo me mover. Talvez realmente seja verdade que ele sou eu, pois não consigo ver diferença

entre nós. Talvez seja eu que fale só, imaginando que me vejo de longe. Somos iguais. Não é outra lama, nem outro sangue que está nele.

Outra explosão, dessa vez mais próxima. O chão treme e meus olhos se fecham contra a minha vontade. Quando se abrem, noto primeiro a árvore, o pedaço de madeira destruído bloqueando parte do céu acima de mim, atravessado nas paredes do fosso da trincheira. Ela estava lá antes? Eu realmente não sei dizer. Os gritos aumentaram, mas chegam a mim como vibrações, apenas. Sinto que deveria sentir um cheiro particular, e talvez sintá-lo. Ele não vem como algo diferente, mas sim como o reforço do cheiro predominante.

Baixo meus olhos para o homem que estava à minha frente e sua cabeça pende na morte. O olho bom voltado para a minha direção, sem me encarar, sem qualquer brilho que indique vida. Nesse momento eu o reconheço. Apenas quando é tarde demais, apenas quando ele não é mais ninguém, eu me lembro que ele é outra pessoa e que eu o conhecia. Lembro de seu nome apenas quando ele deixa de ser Ninguém junto comigo.

Ao meu lado, alguém tenta subir para a superfície. Ouço tiros. Meu corpo imóvel segue encarando o cadáver, a única coisa com nome em todo esse lugar. Outra explosão e o soldado que tentara atacar na superfície é lançado de volta para o meu lado, pousando na lama. Sua expressão fala de dor e de algo mais que não entendo, ainda que saiba que é algo que eu sentiria se estivesse em seu lugar.

Surge outro soldado. Ou seria, também, eu? Ele fala com o homem na lama. Tenta tirá-lo de lá, mas esse se opõe veementemente. Parece quase confortável, com metade do corpo afundado na lama, o vermelho do sangue colorindo o marrom. Até fecha os olhos. Sinto que eu poderia dormir também. Sinto que isso poderia ser melhor do que voltar a acordar.

O médico chega. Ele parece um pouco menos. Ninguém que qualquer um

de nós, talvez seja o treinamento transformado em instinto de sobrevivência que me diz isso. Talvez eu também seja o médico. Talvez eu seja o inimigo e o soldado que lançou o morteiro.

O soldado e o médico trabalham juntos para mover o corpo do companheiro caído. Eles sequer olham para o cadáver sem parte do rosto.

Eu vejo um rato. Como a árvore ou o corpo sem parte do rosto, não sei dizer se ele acabou de chegar ou se já estava ali. Um animal cinza e sujo, tão cinza e sujo de sangue e lama quanto qualquer um de nós. Ele escala o cadáver e só consigo pensar que aquilo não seria um bom alimento.

Outra explosão e não me movo, nem fecho meus olhos. O rato arqueia as costas, flexiona as patas e, saltando e correndo, desaparece pelo corredor da trincheira, abandonando aquele corpo.

Ratos. Essas pequenas pestes têm sempre a vantagem da passagem garantida. Qualquer buraco comporta seus corpos. Toda armadilha, para eles, leva à possibilidade de fuga. Eu o imagino correndo pelos túneis e encontrando passagens que jamais conseguiríamos penetrar ou subindo para a superfície, ignorado pelos tiros e bombas. As trincheiras não são para os ratos as armadilhas que são para nós. A Terra de Ninguém para eles representa pouco perigo a mais do que qualquer outro lugar. Os ratos não conseguem se tornar Ninguém e nisso eles são superiores a nós. A mim.

Como foi que nos tornamos Ninguém? Como foi que abandonamos nome, identidade, pensamentos, para chegar aqui nos escondendo em buracos na terra? Há uma bandeira em algum lugar por aqui. Talvez ela tenha sido destruída ou talvez ainda exista em alguns uniformes, mas sinto que eu não a reconheceria. Não conseguiria dar a ela um significado. Provavelmente aquela do outro lado seria tão desprovida de significado quanto as do lado que sinto que estou.

Tento mover meus braços, depois minhas pernas. Esses são meus mesmo? Sou eu mesmo que me desencosto da parede do túnel e me coloco em pé, apenas com a curvatura nas costas de quem já se acostumou com a chance de um tiro na cabeça a qualquer momento? Chamam aquele espaço da superfície de “Terra de Ninguém”. O campo completamente destruído, mas mais importante que os corpos que o cobrem, delimitado pelas trincheiras de um lado e de outro.

Aquela é a terra sem dono. Onde nenhum soldado pode se salvar e a morte é uma certeza. Onde armas treinadas estarão prontas como foices para ceifar qualquer sinal de vida, seguindo o treinamento que virou instinto. Eu sei disso, mas enquanto subo a escada improvisada em direção a esse “vale da morte”, eu não consigo deixar de ser Ninguém. Eu sou lama e sangue, pólvora e metal e carne, sem nome, nacionalidade ou motivo. Embaixo eu vou acabar e se há algum significado nisso, não está aqui.

Em cima, o céu nublado torna tudo mais cinza do que já é, e de algum modo claro demais. Aqui, eu sinto algo. Não é medo, é terror. Não consigo olhar, mas ver. Não consigo escutar, mas ouvir. Inspiro fumaça e morte e sinto o gosto em minha boca. Sinto quem sou e por um instante não sou mais Ninguém. Sou eu e tenho um nome, uma nacionalidade, um motivo. Eu sei disso porque o terror só vem para quem ainda é alguém que vive, pois, o temor só existe assim.

Meus olhos, que absorvem tudo que o campo de batalha tem a me oferecer, mostram-me o inimigo na distância. Todos são tão. Ninguém quanto eu havia sido um momento antes e suas armas apontam em minha direção. Talvez já estivessem apontando mesmo antes que eu chegasse à superfície.

Eles são eternos porque são Ninguém. Imortais. Enquanto não são mais indivíduos é fácil morrerem, porque sempre haverá outros. É fácil matarem também, porque não levam qualquer culpa. Não há crime. Os rostos e olhos

vazios sabem disso.

Quando as balas começam a me atingir e tombo para dentro da trincheira, sinto outra vez que voltarei a ser Ninguém. Sinto que serei aquele soldado que não queria deixar a lama. Um rosto qualquer com um corpo qualquer que um dia teve um nome qualquer. E talvez, ao morrer, me façam deixar de ser Ninguém como eu fiz em minha mente com aquele soldado sem um pedaço do rosto.

Afundando na sujeira, ouço outra explosão.

FIM

ROSA DE SANGUE

DANILO MATTOS

A aranha caminhava hesitante. Mauser contemplou seus movimentos, absorto pelas finas patas que avançavam em uma sincronia singela. Era pequena, mas ainda assim o ludibriava. Seus dedos sujos a esmagaram e ele levou o que restou á boca, mastigando, tentando sentir algo. Ouviu o crac dela se partindo entre os dentes, mas não houve mais nada além disso. O dia estava cinzento de novo, o dia estava sempre cinzento.

— Hey, garoto. Hoje está mais frio que de costume. Acho que o inverno está próximo. — Luger o observou com seu charuto apagado na boca. Era verdade, a temperatura estava caindo. Ele sentiu uma pontada de medo, no inverno passado um soldado de seu pelotão tirara a bota e o pé saíra junto com ela. O amigo chamara aquilo de “pé de trincheira”. — Você tem fogo? Vamos logo, aquela coisa está próxima. —

Já estavam sentados ali há algum tempo, naquele espaço escavado na terra. Podia contemplar o céu além das paredes pedregosas, ver nuvens grossas e plácidas movendo-se preguiçosamente e misturando-se a uma fumaça escura, indiferentes. Havia projéteis voando constantemente e vez ou outra, em intervalos curtos de tempo, explosões levantavam poeira e terra em algum local próximo. Ele não tinha medo exatamente da explosão das granadas de artilharias, o que realmente temia eram os fragmentos. Antes de começarem a cavar aquelas cidadelas profundas, quando ainda estava percorrendo o campo á pé, vira um bocado de soldados feitos em pedaços pelos estilhaços. Depois vieram as trincheiras.

Mauser hesitou por um momento, ele sabia que a ponta poderia sinalizar sua posição, mas Luger estava tão ferido e pálido que soava quase como um último pedido.

— Já viu o quão próximos estamos garoto? — Mauser a arma de lado e deixou os fósforos descansando no bolso escalando pela parede inclinada até a beirada da superfície, fazia tempo que não ia ali. O ar era mais limpo, mesmo que ainda impregnado, dispersava-se um pouco o cheiro insalubre. Ele mal conseguiu discernir Cambrai à distância e sua atenção foi totalmente roubada pela silhueta do Homem Morto acenando, a cabeça aberta como uma flor acima do maxilar.

— Garoto? — Mauser desceu escorregando com a terra e sentou-se apoiando as costas na parede de solo cujas raízes finas saltavam para fora. Do outro lado estava a falange inimiga e então mais ou menos dez quilômetros depois haveria o campo de artilharia á longa distância. Alguma coisa romperá a Linha Hindenburg e o que parecera uma ofensiva tornara-se um cerco, quase como se estivessem sendo confinados ali propositalmente.

Levantou-se sem se preocupar em bater a sujeira que ficara na roupa. Seu uniforme estava sórdido, a cor sóbria quase se misturava àquele corredor que fora por tanto tempo sua casa, talvez agora estivesse unindo-se a ele, como os outros também fizeram quando foram abatidos.

— Alguns quilômetros. Se o caminho não estiver muito ruim podemos chegar ainda hoje. — Mauser virou-se, seu semblante possuía um ar meditativo, o rosto escurecido por camadas de imundície onde se abriam rastros de suor. No início também houvera lágrimas, agora não sobrara muitas delas.

— E o fogo? — Ele puxou o fosforo do bolso riscando-o na caixa e deixou o amigo falar enquanto tragava a fumaça. — Não se preocupe, lá há ninhos de metralhadora e morteir... — A cacofonia de vozes o emudeceu, era como uma

multidão se movimentando, mas para Mauser o barulho soava como um enxame de moscas.

— Vamos! Precisamos ir! — Luger ergueu a pistola conforme o zumbido ficava mais alto e próximo, seu peito arfava e o ferimento a bala de quando tentara escapar da trincheira empapava o abdômen de um vermelho que se alastrava pelo uniforme.

— Eu não vou a lugar nenhum, mas você pode conseguir chegar lá então sugiro que continue correndo. É melhor um chegar vivo que os dois morrerem aqui.

— Do que está falando? Apenas mova... — Mas Luger não só o empurrara como usara seu charuto para queimá-lo afastando-o quase que instintivamente. As sobranceiras em arco sombreavam os olhos que tinham um brilho escuro e decidido.

— Um conselho, garoto. Guarde sempre a última bala para você mesmo. — Mauser percebeu a paisagem borrar ao seu redor e apertou os punhos até seus dedos ficarem brancos. Lançou um olhar para cima da trincheira percebendo o Homem Morto de pé, bambo como se oscilasse com o vento, suspenso por fios invisíveis. Mesmo sem a parte de cima da cabeça ele podia sentir o peso de sua atenção, olhos fantasmas perscrutando-o do lugar em que deveriam existir, mas davam espaço para as nuvens embaçadas passando pelo céu. Foi essa sensação de estar sendo observado que o tirou dali e o fez fugir, ao contrário do apelo do amigo. Não demorou a escutar os disparos.

Mauser chegou ao ponto de abastecimento depois de quase um dia inteiro, mas não reconhecia os tanques que haviam tomado a cidade. O peito ainda arfava e o corpo estava coberto de suor. Sentou-se procurando recobrar o fôlego e inclinando-se ligeiramente. Tirou do bolso um relógio brilhante e dourado. O relógio de seu pai. A guerra parecia ser algo heroico, quase uma aventura quando partira. Sinta a vida correndo em suas veias, garoto, você

quer ver o mundo?

Ele abriu a tampa e perscrutou os ponteiros estáticos em cima dos números romanos. O vidro estava trincado, uma fina rachadura que se estendia pela diagonal cortando completamente a pequena abóbada transparente. Viu ali o reflexo do Homem Morto, bem em cima dele e reparou que ele apontava para a trincheira.

O cheiro de podre atingiu-o momentos depois. Seus olhos tentavam se acostumar ao breu, o suor brotava-lhe da testa, o nervosismo crescendo com a bile subindo e queimando sua garganta. Mauser puxou a arma com as mãos tremendo, o dia morria ao longe em uma franja sangrenta. A terra tremeu imitando o rugido de tambores, sugerindo que algo muito pesado se aproximava. Podia escutar as vozes zumbindo, não pareciam estar longe, mas se propagavam ao redor dele como fantasmas sussurrando em seu ouvido, como moscas voando apaticamente próximas. E de súbito todas cessaram e ele conseguiu discernir a de Luger.

— Garoto... hoje está mais frio que de costume... — Por um momento seu coração palpitou de expectativa até que viu a coisa aparecendo do corredor: dezenas corpos amontoando-se em uma massa disforme que se movimentava como uma centopeia. Ele engoliu em seco sentindo algo romper em seu interior. As sensações se foram e aquela imagem sobrepujou todos os pensamentos.

O corpo massivo espremeu-se, estalando conforme tentava adentrar no sinuoso corredor. Braços a impeliam, agarrando a terra e puxando ou empurrando, surgindo das laterais e de baixo da criatura. A parte superior pulsava como um coração, uma sobreposição de tórax humanos e expressões distorcidas que ainda discursavam incessantemente.

— A... última... bala... — Mauser conseguiu distinguir o rosto magro de Luger que ainda falava antes de duas mãos saírem de sua boca e agarraram-se

a parede rochosa como garras.

Escutou um barulho orgânico que o lembrou de zíperes sendo abertos e percebeu os diversos rasgos na carne rosada, às vezes unindo-se uns aos outros e formando buracos serrilhados e sorridentes. Era para ali que aqueles braços queriam puxá-lo em um apetite voraz. Aquele monstro crescera pela Linha de Hinderburg devorando tudo que estava nela e ansiava por mais. Quando os dedos ossudos e alongados finalmente tocaram sua bota ele recuou colando-se a parede.

Gotas sangue pingaram e escorreram pelo rosto do alemão carregando consigo parte da sujeira que o impregnava. Mauser olhou para cima encontrando novamente o Homem Morto no topo da trincheira.

O barulho de dentes batendo com força ficava cada vez mais próximo.

Ele levou a arma à boca e se perguntou se ficaria daquele jeito, se sua cabeça desabrocharia como uma rosa.

FIM

POULINE

SARA TIMÓTEO

No Relatório Geral / Cruzada das Mulheres Portuguesas (1917-1918), capítulo "Comissão Executiva da Enfermagem de Guerra, página 15, pode ler-se em "Garantia das Enfermeiras de Guerra": "Pelo decreto a publicar as senhoras enfermeiras serão remuneradas de fora que bem lhes compense materialmente o seu trabalho. Num país como o nosso em que não há profissões remuneradas para senhoras, um largo e bom caminho se abre a todas aquelas que se compenetrarem bem, não só do dever cívico que lhes pede trabalho e sacrifício, como do alto dever moral de cada um procurar tornar-se independente pelo próprio esforço honesto e útil. As sub-comissões da "Cruzadas das Mulheres Portuguesas", de acordo com os senhores médicos, organizando cursos de enfermagem em todo o país pelo programa que a "Comissão Executiva" não tem dúvida de fornecer; facilitarão o trabalho urgente de organização dum Corpo de Saúde de Guerra, porque muitas senhoras não podem deslocar-se gratuitamente, para fazerem os cursos em Lisboa, vindo depois de diplomadas, se forem aceites as suas garantias morais e aprovadas pela Junta Médica, fazer o estágio já remuneradas. Toda a urgência é pouca num trabalho de tanta necessidade, esperando-se do patriotismo das Mulheres Portuguesas a larga inscrição que se faz mister". Lisboa, 15 de Agosto de 1917. (Imagem modificada digitalmente) - Relatório Geral / Cruzada das Mulheres Portuguesas. Lisboa: CMP, 1918-1933. Biblioteca Nacional de Portugal.

Maria herdara o nome da Mãe do Senhor. José, por sua vez, obtivera o

nome a partir da figura do pai adotivo do Senhor. O seu José, tão amado, desvanecera-se por entre as brumas da guerra. Ela alistara-se nas Cruzadas das Mulheres Portuguesas por ser a única profissão remunerada da época onde poderia colocar a bom uso os conhecimentos de enfermagem adquiridos em França. Labutara muito na frente com a ajuda e orientação da tia Amélia, entretanto falecida.

A esposa de José era dotada de uma estatura baixa e muito harmoniosa de formas. O rosto era eclipsado pelos olhos bordejados por pestanas longas. Olhar extraordinário esse, que parecia nada ter retido de todos os horrores que já vira. Maria encontrava-se na posse de um medalhão de prata com a imagem da Virgem Maria sobre o qual ela e a tia Amélia (pouco antes do passamento desta última) haviam realizado um sortilégio com a finalidade de garantir o regresso de José da guerra.

Contudo, Maria acordara sobressaltada nas últimas noites, após sonhar com José sufocando com o próprio sangue. Devido a estes perniciosos momentos de pesadelo, ela encontrava-se cansada, desmotivada; inclusive, já fora repreendida pela enfermeira-chefe.

Sobejavam-lhe motivos para crer que se encontrava sob alçada dos jagunços das informações secretas. Uma vizinha, há cerca de uma semana, interrogara-a sobre o medalhão – e, desde aí, havia sempre dois homens de gabardina (era Verão!) no seu encalço. Nunca mais trocara qualquer palavra com essa vizinha, mas já era tarde. As não conformidades eram puníveis com prisão e, por vezes, com tortura.

Todos estes acontecimentos acabrunhavam Maria; ela sentia-se assolada pelo pânico e pela tristeza. Segurava no medalhão sub-repticiamente e aquecia a imagem da santa entre as palmas das mãos, orando para que o seu José retornasse a Portugal são e salvo.

Terminou o turno desse dia. Os presságios funestos avolumavam-se

dentro da mente de Maria e, no seu íntimo, o pesar dominava qualquer sensação de alegria. Sentia-se desfalecer. Os homens não regressavam verdadeiramente; eram apenas carapaças de um ser desaparecido por entre os recontros sangrentos. Sabia que o mesmo sucederia com o seu marido; mas queria-o de volta, mesmo assim. Sentia-se amedrontada pela possibilidade de ele ficar mutilado ou com sequelas de infecção pulmonar ou venérea. Gaseado, estropiado, amputado, perturbado: estas eram as piores hipóteses que haveria de encarar quando, para isso, se lhe apresentasse o devido momento.

Enquanto matutava em tudo isto, apercebeu-se de um conjunto de passos que a seguiam. Plaf, plaf, ruge, ruge, pronunciavam as suas saias sobre a calçada seca ao pé da Estrela. Pof pof, tum, tum, roçagavam os sapatos negros reluzentes de graxa, procurando diminuir a distância entre perseguidores e presa. Dois agentes ao serviço do Estado e uma mulher sozinha: qual a hipótese dela sobrepujar a força de dois homens no auge da vida? Que planeariam para a fazer falar? Esperava não ter de descobrir.

Chegou a casa, abriu a porta, entrou e trancou-a. Eles não bateram; permaneceram sobre a soleira da entrada, sob o escrutínio das vizinhas, para que todos no bairro soubessem que a Maria se encontrava sob investigação por parte do regime. Conseguia ouvir a respiração deles, ávida, à qual se contrapunha o batimento acelerado do sangue ao passar pelas veias do pescoço. Pouco faltava para que estendessem os dedos transformados em garras por debaixo da porta, começando a arranhar e a raspar, até que as unhas cada vez mais crescidas conseguissem agarrá-la e aprisioná-la dentro de casa, onde apodreceria a semelhança dos corpos dos homens que vira saídos das trincheiras. Esfregou o medalhão da Virgem Maria com denodo enquanto se despojava das vestes brancas e quentes ornadas por uma cruz e pensou: “Regressa, José! Preciso de ti para expulsares estes homens da nossa casa!”

Maria, a Pouline de José, debalde procurou conciliar o sono nessa noite.

Sentia a presença dos dois homens-coisa, cujos braços percorriam as divisões da casa à procura dela – as garras cresciam-lhes cada vez mais a partir das mãos e ela sabia que, se saísse da cama, iria encontrar membros pulsantes a barrar-lhe todos os caminhos, numa espécie de amarração corporizada. Fechou os olhos e José surgiu, de gengivas descarnadas, transportando uma miniatura da Virgem Maria na palma da mão esquerda enquanto lhe mostrava um ferimento gangrenado na perna direita.

Tomp, tomp. Passos coxos abeiraram-se da porta de casa. Sobre a cama de casal, tolhida de medo, Maria rezava: “meu anjo da guarda, minha companhia, guardai a minha alma de noite e de dia.” Toc toc. Alguém bateu à porta, apenas duas vezes. Maria não foi abrir. Prosseguiu a sua litania. Plim plim gorgh gorgh. Baque baque. Uma lâmina, um estrépito logo abafado pela queda de (dois?) corpos à porta de casa. As sombras que sentira espalharem-se pelas divisões esmoreceram e mirraram.

Os passos coxos soavam mais próximos e Maria tapou os olhos quando os sapatos ou os pés que produziam tais sons começaram a subir as escadas que desembocavam no quarto de casal. Tomp tuc tomp tuc. Uma voz grasnada, rouca e demente começou a cantarolar: “Maria, meu amor... vem receber o teu homem que nunca te falhou... Maria, meu amor... dá as boas-vindas ao teu homem que voltou...” As tábuas do soalho rangeram. O medalhão ergueu-se e libertou-se do fio que o aprisionava, ficando retido pela porta por cujas frinchas se entrevia um vulto curvado a desbravar carreiros de pesadelo. De olhos arregalados, a esposa do Poulin abriu a boca, procurando formar um grito de pavor. Quando a porta finalmente cedeu lugar a José, retornado das trincheiras de França onde uma baioneta o executara, Maria jazia exangue sobre o leito nupcial de onde jamais se ergueria de novo.

FIM

TERROR RUSSO

MARIANA LUPPI

Livremente inspirado na execução do czar Nicolau Romanov

Nicolau agitou-se no sono.

Estivera observando os pequenos Alexei e Anastácia correrem pelos prados na residência de verão dos Romanov, perto de São Petersburgo, até perceber uma presença incômoda. Olhou em volta e não viu nada, seguiu sentindo um certo espectro rondando a calma tarde de sol. Suspirou e retornou ao salão, onde o chá já estava servido com alguma variedade de bolos e doces europeus. Alexandra, sentada, mexia a bebida com os olhos perdidos. Muitos verões passaram assim, e com a graça de Deus muitos mais passariam, na terra fértil e bela, a boa Rússia. O czar sorriu e abocanhou o bolo mais próximo.

Um gosto ferroso e amargo invadiu-lhe a boca e Nicolau sentiu o recheio quente descer dos lábios e pela mão que ainda segurava uma porção. Era vermelho escuro. Olhou consternado para a esposa, apenas para vê-la, ainda com o olhar perdido, bebericando o chá vermelho vivo e deixando-o escorrer inadvertidamente pelos cantos da boca.

O czar fechou os olhos com força. Quando abriu, percebeu-se no Kremlin. Sentava-se em sua confortável poltrona de almofadas de seda, ao lado de uma lareira ampla. Suspirou acalmando-se do sonho perturbador e observou o fogo. Quantas vezes não estivera assim, aquecido ao lado da lareira que não

apagava na maior parte do ano em Moscou? Focou os olhos nas brasas e nos giros das cores. Então viu algo ali no meio que lhe alarmou, um rosto gritava em desespero. Nicolau não conseguia tirar os olhos dele. Foi chegando perto da lareira como se o rosto o puxasse e, em segundos, mesmo fazendo todo o esforço que seu corpo era capaz, não conseguia resistir à atração do calor. Já sentia queimar a pele, já ouvia o grito de agonia em seus ouvidos.

— Senhor?

O encanto quebrou-se e Nicolau caiu sentado. O funcionário, um russo corpulento e afetado, assustou-se e demorou alguns segundos para ajudar o czar a se levantar. Pousou-o na grande cadeira atrás da escrivaninha.

— Esses papéis precisam ser assinados.

Nicolau olhou do homem para os papéis, respirou fundo e molhou sua pena no tinteiro. Meia dúzia de ordens de execução de criminosos, até que algo lhe chamou a atenção. Tinha certeza que já tinha assinado isso. Ergueu os olhos e não estava mais em presença do roliço funcionário, mas de uma figura alta e encapotada de preto, que estendia o dedo para o papel dando uma gargalhada grave.

Nicolau voltou os olhos para o papel. Era a declaração de guerra, e já estava assinada, datada de 1914. Ele estava certo que tinha assinado em preto, mas agora via a tinta vermelha escorrer pelo papel e pelas suas mãos enquanto a gargalhada da morte preenchia o cômodo tornando-o cada vez mais frio.

— Acordem! Acordem! Temos que sair — Dr. Eugene Botkin, médico da família real, penetrou o quarto. Nicolau levantou-se suado e olhou em volta, a memória do sonho se apagando frente à lembrança da realidade mórbida e do som de tiros ao longe. Sim, ele não era mais czar, e estava preso na esquecida Ecaterimburgo esperando o que a sorte lhe reservaria.

Yakov agitou-se no sono.

Estivera encolhido em uma trincheira, sob o cheiro de fumaça e o som de tiros. O que fazia ali? Não saíra de solo russo desde que voltara para a revolução, ainda em 1905. Mas segurava um fuzil e observava o rapaz ao seu lado. Na escuridão da madrugada quase não o reconheceu, mas agora via seu irmão mais novo preparando-se para atirar, era uma criança de novo e suspendeu-se sobre a trincheira. Antes do dedo tocar o gatilho, porém, foi atingido e seu corpo caiu morto ao lado de Yakov. Aproximando-se, ele tentava acudir o caçula dos Yurovsky, mas a bala atingira seu rosto e o sangue corria. Yakov fixou seus olhos nele, apenas para o menino tornar-se um homem, outro de seus irmãos, e depois seu pai, e depois seu avô. Olhava as gerações de mortos a sua frente e lembrava de sua infância, do frio e da fome que só eram reduzidos pelos dias de seu pai fazendo vidros, pelos dias de sua mãe costurando.

O bolchevique levantou os olhos cheios de lágrimas para céu e, quando abaixou a cabeça, estava em São Petersburgo, ladeado por pessoas que caminhavam em manifestação atravessando a neve. Ao seu lado, a amiga de infância Anieska, que sorria com as faces vermelhas do frio. Lembrou de sua época de relojoeiro, de como ela levava pedaços do pão que fazia em casa para dividir com ele em sua pequena oficina sem calefação. Ouviu o canto da multidão crescer, eram cantos de louvores, e quando viu o Palácio de Inverno apertou as mãos de Anieska sobre as luvas. Sabia que tinha que sair dali, mas não lembrava por quê. O som dos tiros começou de longe e a multidão passou a correr já tingindo de vermelho a neve. Yakov procurou uma saída, esquivando-se da turba desesperada. Sentiu Anieska soltar sua mão. Quando se voltou para trás trocou o último olhar com ela, que caía esticando os dedos e implorando ajuda.

Caiu e quando despertou viu uma mãe chorando sozinha no meio da neve, de alguma forma Yakov sabia que aquela mãe tinha perdido seu filho na guerra. Ele sabia que já era 1914 e o terror começara. Estava em Moscou, e caminhou sem rumo pelas ruas até encontrar um pelotão que se encaminhava para a estação ferroviária. Alguns soldados ainda pareciam crianças e mães e irmãs gritavam do outro lado da rua, bloqueada por oficiais em cavalos. Yakov levantou os olhos para a sinagoga ao longe e a luz refletida na neve começou a crescer e crescer. Atrás da imponente construção o revolucionário viu, segundos antes de desmaiar, uma figura alada descendo com uma pesada espada no punho esquerdo.

Acordou de novo em São Petersburgo e uma onda de alívio lhe invadiu o peito. Milhares de mulheres estavam nas ruas, era a revolução começando. Foi chamado pela camarada Najeska para seguir com elas, os soldados tinham se recusado a atirar.

Um tiro ao longe o despertou. Era a Legião Tchecoslovaca, como esperavam já há uns dias. Era hora. O que dissera na assembleia do Soviete Regional dos Urais não fora à toa, Yakov sabia ter nascido para a tarefa que a revolução lhe reservara.

Na alvorada do dia 18 de julho de 1918, Yakov caminhou com o fuzil a tiracolo, a cabeça erguida, entre as construções de Ecaterimburgo.

Nicolau vestira-se e descia as escadas, orientado pelos guardas bolcheviques, mas não se sentia bem. Desde a que estava sob custódia comia consideravelmente menos do que nos banquetes imperiais. Cambaleava e sua visão turvava, invadida de sombras que falavam de morte. Toda vez que piscava os olhos via o vermelho vivo de sangue. Começou a ouvir murmúrios chorosos enquanto descia as escadas até o porão, e olhava em volta tentando encontrar sua origem.

Foi encaminhado por uma portinhola para o cômodo escuro, onde havia uma cadeira grande de madeira entalhada. Atrás dela viu, imponente e séria, a figura vestida de negro que lhe visitara em sonho. Resistiu o pouco que seu corpo enfraquecido permitiu, mas foi sentado na cadeira pelos guardas.

Yakov penetrou o edifício pisando firme com suas botas pesadas, sentia-se carregado por algo maior que ele mesmo. Desceu as escadas até o porão, quase flutuando, para encontrar o antigo czar sentado sério sobre a cadeira de madeira.

Nicolau levantou a cabeça para a figura da morte, que lhe olhou de volta e perguntou com sua voz grave: *você sabe o que fez?*

Yakov viu nobre levantar a cabeça e sentiu-se envolvido por luz, sentiu o anjo justiceiro envolvê-lo, sentiu seus braços e seu fuzil serem levantados.

Nicolau piscou longamente e viu o horror da guerra, o sangue nas trincheiras, as mães chorosas em Moscou, em São Petersburgo. Esboçou um sorriso cínico e pensava: *o que são essas mães? E esses soldados? Não valem um pelo do cachorro da czarina.* A morte baixou o rosto e Nicolau, em voz alta, questionou-a:

— O quê? O quê?

O anjo atirou. Yakov atirou, sentindo-se invadido pelo anjo da justiça. Sua bala, carregada da esperança de milhões de russos, atravessou o rosto do monarca e findou, de uma vez para sempre, o terror do despotismo.

FIM

PUBLICIDADE

A Revista LiteraLivre é uma publicação brasileira independente de periodicidade bimestral, com distribuição eletrônica em PDF e totalmente gratuita. Nossa missão principal é dar espaço aos escritores de todos os lugares, amadores ou profissionais, publicados ou não, que desejam divulgar seus escritos e mostrar seu talento de forma independente e livre, valorizando a grandeza da Língua Portuguesa e a diversidade de estilos. Criada em 2016 pela escritora, cineasta e ativista cultural Ana Rosenrot, a publicação nasceu para dar continuidade aos anos literários da revista *Suíça Varal do Brasil*, que por sete anos divulgou a Língua Portuguesa pelo mundo e deu oportunidade a centenas de escritores.

O lançamento da 1ª edição foi em janeiro de 2017 e contou com mais de 200 inscritos de todo o Brasil e de outras partes do mundo, com ótima receptividade dos leitores; repetimos o sucesso na 2ª edição, onde passamos a aceitar também tirinhas, imagens, fotos autorais e desenhos, dando oportunidade para mais artistas; estamos caminhando para a 3ª edição, que será lançada na segunda quinzena de maio.

Nossa equipe conta com somente três pessoas e muito carinho e é composta por Ana Rosenrot, Alefy Santana e Julio Cesar Martins. Com o lema: “Literatura com Liberdade”, pretendemos levar até o público obras de todos os gêneros literários e também proporcionar aos autores visibilidade, confiança e incentivo, utilizando a enorme capacidade de alcance das mídias digitais, numa grande união literária e cultural, trazendo oportunidades e entretenimento de qualidade.



Clique na imagem para acessar o site da revista

Notas

[← 1]

Vlokoslak — Tipo de vampiro sérvio ou siberiano, também chamado mulo. São ativos de dia e de noite. Além de beberem o sangue, comem a carne de suas vítimas.

[← 2]

Na noite de 16 de dezembro de 1916, conspiradores armaram uma cilada para matar Rasputin. O Monge Louco foi envenenado com cianeto, baleado, espancado e jogado às águas do rio Neva amarrado em um cobertor. Quando o corpo foi encontrado, descobriram que, mesmo depois disso tudo, o Monge Louco ainda estava vivo e tentara se soltar das cordas antes de finalmente morrer afogado. Apesar das explicações para essa resistência sobre-humana, as circunstâncias de sua morte continuam causando estranhamento até os dias de hoje.

[← 3]

Nota do autor: “Terra de ninguém” é baseado em fragmentos de diários e relatos de veteranos da Primeira Guerra. Alguns trechos e expressões foram adaptados diretamente. Referência:

[LINK1](#)

[LINK2](#)